Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º/19 060 4$00

SEGUNDA-FEIRA 24 MAIO 1976

"Emigração selectiva" visa técnicos portugueses

A breve prazo, Portugal poderá vir a ser alvo de uma sangria traduzida na emigração maciça de técnicos ou, na «melhor» das hipóteses, sairão do País retornados das ex-colónias, e não só, que em vários países (como a Bolívia) poderão servir de «tampão» a uma certa instabilidade causada pela luta dos povos contra os regimes opressores. Parece ser este o preço do acordo de cooperação ultimamente assinado entre o Comité Intergovernamental para as Migrações Europeias (C. I. M. E.) e o Governo Português.

Ao entrar para o C. I. M. E., a Nação Portuguesa passa a fazer parte de uma estranha família que a Ásia rejeita e que só conta com um membro em África: a República racista da África do Sul. Alguns países europeus, com emigração tradicional, também não apostam nos designios do C. I. M. E.

«Selectiva» ou não, a política de emigração posta em prática pelo C. I. M. E., merece o aplauso da Secretaria de Estado da Emigração, afecta ao P. P. D.

As circunstâncias fazem supor que a trágica experiência colonial dos portugueses no continente africano não foi ainda — para alguns políticos — suficientemente dura.

Pretende-se de novo usar o povo português, a pretexto de resolver os seus problemas. (Pág. 11).

O governador civil do Porto, dr. Mário Cal Brandão, conversando com entidades presentes na inauguração da 46.ª Feira do Livro do Porto

Política de Melo Antunes aproxima Portugal de Angola

Melo Antunes, Kissinger, Joseph Luns: três nomes na reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros da NATO, efectuada em Oslo. Entre outros pontos, outros problemas, discutiu-se Angola.

O secretário de Estado americano, embora anteriormente se tenha pronunciado a favor das maiorias negras africanas, quer na Rodésia como na África do Sul, não deixou, todavia, de tecer certas críticas ao processo de descolonização português determinado pelo 25 de Abril de 1974.

Luns, por sua vez, reabriu o «dossier» angolano em termos provocatórios. Um meio termo, enfim, que em nada serve o processo socialista do Governo de Agostinho Neto.

Melo Antunes, finalmente, «apanhado de surpresa» pelo encerramento da missão diplomática portuguesa em Luanda, teve o discernimento de declarar que tal atitude não fechava as portas a um próximo bom entendimento entre os dois países. Isto é: o ministro dos Negócios Estrangeiros português é da opinião de Paulo Jorge, do Ministério das Relações Exteriores de Angola — o incidente «não é um corte formal de relações».

Ouvido no Aeroporto, regressado de Oslo, Melo Antunes declarou aos jornalistas que «esta é uma situação difícil, mas a nossa obrigação é lutar para a superar».

Pergunta de um jornalista:

«E tudo se fará para se conseguir esse objectivo?»

Resposta:

«Fá-lo-emos».

«E qual a disposição dos angolanos?»

«Estou convencido que, tanto aqui em Portugal como em Angola, existem forças realmente interessadas numa normalização das relações, porque isso é, obviamente, aquilo que mais interessa aos dois povos, ao futuro das relações entre esses mesmos dois povos, à harmonia que interessa exista entre a Europa e a África.»

Disse ainda o major Melo Antunes que «só com o regresso de parte das pessoas que de lá vieram é que a economia angolana pode desenvolver-se, pode mais rapidamente recuperar».

«É assim que se pensa em Angola?»

Resposta:

«Os elementos mais cons-

Continua na pág. 20

"CORRIDA" PARA BELÉM

Costa Gomes e Otelo indefinidos Pinheiro de Azevedo ao ataque

A quatro dias da expiração do prazo para apresentação das candidaturas perante o Supremo Tribunal de Justiça e já a dezanove dias do início oficial da campanha eleitoral, a situação mantém-se complexa, com diversos aspectos por esclarecer. E o último fim-de-semana pouco parece ter contribuído para uma melhor definição.

Grande parte da expectativa concentra-se em torno da figura do general Costa Gomes e do eventual avanço da sua candidatura. Ao optimismo manifestado por elementos da Comissão Nacional de Apoio contrapõe-se a inalterável (pelo menos até meio da manhã de hoje) posição do actual Presidente da República e chefe do EMGFA. Com todo o seu processo de candidatura consideravelmente adiantado pela autoconstituída Comissão Nacional de Apoio, o factor tempo não parece ter grande importância, podendo uma decisão favorável de Costa Gomes ser pronunciada até praticamente ao último momento. Nesta altura, dá-se consideravelmente importância à possível intervenção de forças até aqui alheias às movimentações geradas, apontando-se para o G.I.S. (Grupo de Intervenção Socialista) como provável elemento de pressão.

«O general Costa Gomes não disse não», revelou um elemento da sua C.N.A. após entrevista havida ontem, acrescentando que o general continua a estabelecer contactos a vários níveis. «Achamos natural que ele nos diga o sim na quinta-feira», acrescentou — (sobre os últimos contactos registados ver notícia noutro local desta edição).

Outra candidatura por definir é a de Otelo Saraiva de Carvalho. Segundo se anuncia, as assinaturas necessárias ao

Continua na pág. 20

FEIRA DO LIVRO ABRIU NO PORTO

Abriu ontem no Porto a 46.ª Feira do Livro que estará patente ao público até 13 de Junho e que transformará a Praça do General Humberto Delgado, num local obrigatório de convívio para quantos gostam de livros e aguardam esta oportunidade para os adquirir por preço mais acessível.

Infelizmente, o público não acorreu como era de esperar, mas é perfeitamente possível que isso se possa atribuir ao facto da inauguração ter tido lugar num domingo radioso que muitos aproveitaram para ir até à praia. O desconto de dez por cento, aliás, parece pequeno para atrair toda a gente que estaria interessada em adquirir livros, se eles fossem mais baratos. As bancadas das ruas, os vendedores de porta a porta e a presença nas livrarias duma quantidade imensa de livros, publicados ultimamente, são concorrentes que, em certa medida, explicam o facto do certame portuense não ter tido a frequência que se esperava.

Presidida pelo dr. Mário Cal Brandão, a inauguração da feira contou com a presença de elementos da Comissão Administrativa do Município, do director da Faculdade de Letras, do director do Gabinete da História da Cidade, e de Mário Perdigão e Carvalho Branco, respectivamente director e delegado no Porto da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros.

O certame engloba 33 barracas e cerca de uma centena de editores. Durante as três semanas em que estará aberta ao público a Feira será cenário de diversas manifestações culturais dentre as quais se destaca a celebração do «Dia do Livro Infantil».

A FEIRA DE LISBOA ABRE NO SÁBADO

Depois de vários adiamentos provocados por dificuldades de vária ordem, prevê-se que a Feira do Livro de Lisboa, seja inaugurada no próximo sábado, dia 29.

Como é sabido, a bomba que deflagrou na Avenida da Liberdade junto ao Centro de Trabalho do P. C. P. destruiu um dos stands da Feira e causou prejuízos no sistema eléctrico da mesma, o que veio contribuir para os atrasos verificados.

O sol está no futuro

Agora é o sol. Maio anuncia o Verão em todas as direcções. A cidade, plena de luz, e também de calor, utiliza um guarda-chuva para proteger um menino de poucos meses. Onde a mãe? A mãe trabalha, talvez a vender jornais, talvez pequenos artigos num tabuleiro ambulante. Obliquamente, o guarda-chuva é uma carícia nos olhos inocentes de tudo quando se tem vindo a passar desde Abril de 74... Acontece, por vezes, e vem na História, que um menino assim abandonado é um salvador de pátrias. Sim, leitor: há sempre que aguardar o futuro com toda a paciência. Só então é que poderemos dizer: «Agora é o sol!» (Foto de Rui Pacheco)

O C.E.M.E. NA MADEIRA

Eanes promete medidas contra os separatistas

FUNCHAL, 24 — Tal como havia acontecido durante a viagem de Pinheiro de Azevedo, também a visita do general Ramalho Eanes à Madeira foi motivo para os separatistas da Flama praticarem novos actos de propaganda política.

No dia da chegada do chefe do Estado-Maior do Exército vários dísticos e cartazes inundavam as paredes e o percurso que Eanes iria percorrer, do aeroporto até à cidade. «Flama é o povo», «Viva a Flama, abaixo Portugal», «Compra zarcos deita fora os escudos», eram algumas das muitas frases pintadas, mesmo em autocarros públicos.

Ramalho Eanes, chegado da viagem aos Açores, onde não sentiu, de igual modo, a provocação dos separatistas (ligados quer na Madeira, quer nos Açores, a conhecidos elementos locais do C.D.S. e do P.P.D.) reagiu energicamente ao afirmar, pouco depois, no Funchal, que «serão tomadas medidas concretas contra todas as minorias que não respeitem as regras do jogo democrático e pretendam impôr-se à custa de actos de indimidação, como o recurso à bomba, à coacção e à corupção».

Sublinhando que «o separatismo não convém nem ao povo madeirense nem ao povo do continente, dada a sua identidade lusa, perfeitamente completa», o actual C.E.M.E. disse ser, «por isso, nosso propósito actuar definitiva e decisivamente contra essas forças minoritárias».

20 PÁGINAS

Nacional

Política de A a Z

MANOBRA ENVOLVENTE

A questão política decisiva parece ser a da «maioria de Governo». Sabendo-se que o partido que obteve maior votação nas eleições para a Assembleia da República não deseja aliar-se com seu parceiro de «esquerda» e repele a coligação com o seu vizinho da «direita», está lançada a manobra envolvente. Para essa manobra envolvente pretende-se aproveitar a eleição presidencial. As declarações do Partido Socialista são formais: nem aliança com o P. C. P., nem coligação com o P. P. D. e o C. D. S. Todavia, o candidato às eleições presidenciais que é apoiado oficialmente pelo P. S., tem, também, o apoio do P. P. D. e merece o favor do C. D. S. Esta situação delicada (e confusa) justifica as afirmações de Francisco Sá Carneiro numa entrevista recente: «... os partidos que defendem a democracia política e que nunca atentaram contra ela — o P. S., o P. P. D. e o C. D. S. — representam agora 75 por cento do eleitorado...». Daí que, segundo o secretário-geral do P. P. D., a coligação possível é aquela que reúna «partidos democráticos, não só pelo programa, mas principalmente pela sua prática política». E Francisco Sá Carneiro entende que «quem decidirá das hipóteses de coligação será o senhor Presidente da República eleito, que para o efeito deverá ouvir o Conselho da Revolução com a composição revista nos termos constitucionais».

A intenção desta manobra envolvente está à vista. O Presidente da República eleito terá — segundo Sá Carneiro — de ter em conta a «maioria presidencial». Com este dado a orientá-lo «decidirá das hipóteses de coligações» ficando, do mesmo passo, ultrapassada a indicação da vontade popular expressa nas «eleições legislativas» e confirmada a integração do C. D. S. (partido que não votou a Constituição) na «maioria presidencial» de um Presidente da República eleito para respeitar e fazer cumprir «esta Constituição».

COMPOSIÇÃO REVISTA DO CONSELHO DA REVOLUÇÃO

Ao leitor não deverá ter escapado o significado político da referência: «... o senhor Presidente da República eleito, que para o efeito deverá ouvir o Conselho da Revolução com a composição revista nos termos constitucionais.» Francisco Sá Carneiro põe as cartas na mesa. Não se limita a pretender alterar o sentido das «eleições legislativas», joga, também, com a alteração do Conselho da Revolução, com a sua «composição revista nos termos constitucionais» e não só. Não lhe interessa, apenas, o afastamento do Conselho da Revolução do general Costa Gomes e do almirante Pinheiro de Azevedo. Por outra via vêm sendo postos em causa, um Vítor Crespo, um Melo Antunes, um Sousa e Castro. Amanhã será a vez de Costa Neves, de Marques Júnior, de Martins Guerreiro, de Vítor Alves. Depois serão atingidos os brigadeiros Pezzarat, Lourenço, Charais. As condições técnicas para impor a Mário Soares uma coligação estarão reunidas. António Ramalho Eanes, se for ele o eleito, estará bem cercado. A manobra envolvente visa o Conselho da Revolução, conta com a possibilidade de uma recomposição que o converta num eco militar prudente do bom entendimento do P. P. D. e do C. D. S., para manter na «ordem da coligação centrista» o P. S., para marginalizar o P. C. P. da vida política, para levar à razão (podemos adivinhar por que meios) o «revolucionarismo de esquerda» e a «declamação esquerdizante».

DISPOSTO A CUMPRIR ABERTO ÀS SOLICITAÇÕES

Declara-se Francisco Sá Carneiro: «Disposto a cumprir integralmente a Constituição.» Afirma Francisco Sá Carneiro que «estará aberto às solicitações que o senhor Presidente possa fazer no sentido de obter uma coligação democrática». Mas pretende, e di-lo também, que «o programa político do P. P. D., bem como o seu programa de Governo não seja marginalizado». Neste ponto a manobra envolvente, a que a «maioria presidencial», a ser considerada com desprezo do significado político das eleições para a «Assembleia da República», poderia dar suporte aritmético, dirige-se contra as pretensões governativas do Partido Socialista. Impor ao P. S. uma coligação que resulte frustradora (no plano do Governo) e confusionista (no plano político), é o objectivo do secretário-geral do P. P. D.

Francisco Sá Carneiro deseja prevalecer-se de uma ocasional coincidência de votos nas urnas da eleição presidencial, para alcançar um resultado político: eliminar a viabilidade imediata e a mediata esperança de uma convergência de «esquerda», de uma unidade das «esquerdas».

PROFESSOR DE DEMOCRACIA

Da sua cátedra, Sá Carneiro prelecciona o desatento aluno é Mário Soares. Ensina Sá Carneiro: «Ora bem, a atitude fundamental de esquerda é, para mim, a democracia como o Governo da maioria. Não por uma minoria, ainda que expressa democraticamente.» Portanto, o aluno Mário Soares arrisca-se a uma reprovação se, contra o mestre Sá Carneiro, insiste na proposta de um «Governo socialista homogéneo» e, parlamentarmente, «minoritário». E Sá Carneiro explica que a democracia portuguesa, jovem e débil, não se poderá permitir «uma política de esquerda sem que assegure a participação da maioria efectiva nesse processo». Isto é: não haverá, segundo Sá Carneiro, uma «política de esquerda» sem a constituição de uma maioria que consagre a divisão da «esquerda», a quem, em última análise, significa a constituição de uma «maioria da direita».

E este é o perigo que oferecem as eleições presidenciais. Delas poderá resultar, mesmo contra os sentimentos íntimos de um candidato, uma «maioria de direita». Claro que uma «maioria de direita» travaria o processo de transformação da sociedade portuguesa e de institucionalização da democracia. Francisco Sá Carneiro parte do princípio de que um Governo no quadro constitucional, «não é possível sem a sua participação» (a do P. P. D.).

A Constituição foi à Itália

O ministro da Justiça, dr. Pinheiro Farinha, regressou ontem a Lisboa vindo de Itália onde participou em Bolonha, num seminário sobre a Constituição Portuguesa, a convite do Instituto de Direito da Universidade. Participação e convite extensivos a representantes dos Partidos Socialistas, Comunista e C. D. S. e ao P. P. D. que não pode comparecer. À chegada, o ministro da Justiça, afirmou ter sido reconhecida, no Seminário, a Constituição Portuguesa «como uma das mais avançadas da Europa.»

Pinheiro Farinha estabeleceu ainda conversações em Roma com o seu homólogo. A Constituição Portuguesa foi de novo objecto de estudo comparativo com a Constituição Italiana. Os contactos havidos foram considerados positivos e reafirmado o carácter avançado da nossa Constituição.

A CONSTITUIÇÃO NA ORDEM DOS ADVOGADOS

Jorge Miranda, deputado do P. P. D. à Assembleia da República, afirmou na primeira de uma série de sessões que a Ordem dos Advogados vai dedicar à discussão da Constituição portuguesa que «a Lei Fundamental do País não é propriamente marxista», reconhecendo-lhe apenas cinco preceitos, marcadamente marxistas na Constituição. Salientando a «boa técnica jurídica» com que está elaborada, Jorge Miranda afirmaria que nenhuma Constituição, das que conhece, «é tão exaustiva no tratamento das liberdades e garantias, bem como na sua protecção».

Pensamento expresso por Jorge Miranda, a Constituição Portuguesa poderá vir a inspirar as de outros países, pelo que ela «representa de compromisso entre diversas forças políticas, bem como a sua contribuição».

PROFESSORES DISCUTEM A CONSTITUIÇÃO

Decorre na Escola Superior de Estudos Sociais e Económicos Bento de Jesus Caraça em Évora, um ciclo de debates sobre a Constituição Portuguesa, a cargo de professores da Universidade de Coimbra. As sessões que têm lugar no salão nobre da Escola, iniciaram-se no passado dia 21, e terminam no próximo dia 12 de Junho com um debate geral de encerramento que terá a presença do governador civil e do comandante da Região Militar do Sul, brigadeiro Pezarat Correia, entre outras individualidades.

No dia da abertura o dr. António Hespanha, ex-director geral do Ensino Superior e actual professor da Universidade de Coimbra, dissertou sobre «A Constituição e o Poder Político na História Moderna». Ainda na mesma sessão, o dr. Joaquim Gomes falou sobre a «Tipologia das Constituições». No sábado houve um seminário sobre os temas anteriores e uma sessão que incidiu na «Estrutura do Poder Político na Constituição da República» sob a responsabilidade do dr. Joaquim Gomes.

Está ainda previsto um extenso programa, a ser orientado por nomes como Teixeira Ribeiro, Orlando de Carvalho, Fernando Catroga, Mário Barradas, Avelãs Nunes, Jorge Leite e Antas Nunes.

MENESES ROSA EM BARCELONA:

"O Pacto Ibérico corresponde a uma época ultrapassada"

«O Pacto Ibérico corresponde a uma época ultrapassada» — afirmou o embaixador de Portugal em Madrid, dr. Meneses Rosa, numa entrevista concedida ao diário «La Vanguardia Española», que se publica em Barcelona. A entrevista foi concedida no decurso de uma visita de alguns dias à Catalunha. No decurso da conversa publicada, o representante máximo de Portugal em Espanha defende que «as relações entre os nossos dois países atravessam uma fase excelente».

O dr. Meneses Rosa chegou a Barcelona na passada sexta-feira, dia em que ofereceu uma recepção a um grupo reservado de personalidades, depois de ter-se avistado com o governador civil, o presidente do Município, o reitor da universidade e o cardeal-arcebispo. No dia seguinte, sábado, o embaixador recebeu nas instalações do Consulado de Portugal em Barcelona representantes da comunidade portuguesa radicados na Catalunha. Seguidamente teve lugar a inauguração oficial da exposição «Portugal sem Fronteiras». À noite, num jantar, estiveram presentes diversas personalidades da vida política legal na Catalunha.

A visita de Meneses Rosa à Catalunha abre uma série delas ás diversas regiões de Espanha.

Ainda sobre o Pacto Ibérico e em declarações ao jornal «La Vanguardia», o embaixador de Portugal em Madrid reconheceu que não tem havido ultimamente negociações no sentido da revisão do acrodo, mas adiantou que as novas realidades e a realidade das relações actuais entre Portugal e Espanha hão-de aconselhar a revisão do documento ou a redacção de um documento novo — que recolha «as novas realidades políticas, económicas e sociais para que se caminha e onde se sintetizem os princípios fundamentais que hão-de presidir ao futuro das relações entre os dois povos».

Melo Antunes regressou a pensar em Angola

«Estou convencido que, tanto aqui em Portugal como em Angola, existem forças realmente interessadas numa normalização das relações, porque isso é, obviamente, aquilo que mais interessa aos dois povos», sublinhou o major Melo Antunes à sua chegada, ontem, ao nosso país, após uma estadia em Oslo, onde participou na cimeira da NATO seguida de rápida viagem a Estocolmo, onde travou conversações com dirigentes suecos.

Referindo-se ainda às relações luso-angolanas, o ministro português acrescentaria que, apesar da «situação difícil» a que se chegou, a «nossa obrigação é lutar para a superar e fá-lo-emos». Insistindo em que as boas relações entre os dois países são importantes para ambos, Melo Antunes referiu o interesse para Angola do «regresso de parte das pessoas que de lá vieram» no sentido de fazer «recuperar e desenvolver mais rapidamente a economia do país».

Relativamente à cimeira de Oslo, o ministro dos Negócios Estrangeiros reafirmou que «os grandes problemas debatidos foram os das relações Leste-Oeste e os das relações com a África».

Sobre o primeiro ponto Leste-Oeste considerou que «o sentimento geral colhido foi que alguns passos positivos se tinham efectivamente verificado, embora haja a percorrer um caminho bastante longo, no sentido de se estabelecer um clima de confiança recíproca, que é condição básica para que uma verdadeira paz e segurança na Europa se realize».

Quanto aos problemas de África, Melo Antunes afirmou que «a paz no Mundo, não passa somente pela instituição de mecanismos de segurança na Europa», tendo dito ainda que, nesta cimeira, «os problemas africanos foram encarados no contexto da última visita do dr. Kissinger a África, no contexto da conferência de Nairobi e nas previsões daquilo que irá continuar a acontecer em Paris na conferência Norte-Sul».

Finalmente Melo Antunes referiu-se às conversações com Olof Palme, lembrando que depois do 25 de Abril tem havido entre Portugal e a Suécia, uma grande troca de missões que têm estudado efectivamente em concreto os problemas de cooperação económica, mas frisou que os assuntos mais importantes foram de carácter político.

"Soldados Vermelhos" passados a "stencil" na sede do M.R.P.P.

FUNCHAL, 24 — Um comunicado distribuído pelo Comando Territorial Independente da Madeira — C. T. I. M., revela que a chamada Organização Revolucionária das Forças Armadas recentemente surgida na ilha e que assinava também Comité de Soldados Vermelhos tinha a sua sede na Rua de Serpa Pinto, no Funchal, no mesmo local onde funciona a sede do M. R. P. P.

Concretamente, o comunicado do C. T. I. M., que alude a um panfleto distribuído no passado dia 19 pelo Comité dos Soldados Vermelhos, refere que na sede do M. R. P. P. foram encontrados documentação e material da dita O. R. F. A.

Eis a relação do que foi apreendido na busca realizada: munições 7.62mm: 22 (cartuchos para espingarda «G-3»; 1 granada lacrimogénea; manuais de instrução para o uso de diversas armas, incluindo a «G-3»; fichas para controlo activista e partidário dentro das unidades militares; panfletos iguais aos que foram distribuídos pelo Soldados Vermelhos e o respectivo «stencil».

O comunicado agora publicado pelo C. T. I. M. acrescenta que o assunto foi entregue às autoridades judiciais competentes e será exposto ao Estado-Maior do Exército.

Adiadas as eleições em Macau

O Governo de Macau adiou, no sábado, as eleições para a Assembleia Legislativa e para o Conselho Consultivo, devido a apenas alguns milhares de pessoas se terem inscrito como eleitores.

A «Gazeta Governamental» informou que a consulta às urnas, marcada para 4 de Junho, seria adiada para 11 de Julho.

Os 250 000 habitantes deste minúsculo território português, ao largo da costa do Sul da China, podem recensear-se ate 7 de Junho.

Solidariedade com as cooperativas

Enquanto umas cooperativas são inauguradas, outras celebram aniversários. É o caso da Cooperativa Agrícola 17 de Maio, com sede em Berlonguinho, a 21 quilómetros de Alcácer do Sal, que comemorou o seu 1.º aniversário.

Por outro lado, a solidariedade com as cooperativas não termina. Trabalhadores da Sapec, fábrica de adubos situada em Setúbal, deslocaram-se à vila alentejana de Avis, à Cooperativa Agrícola Soldado Luís, para entregar 230 sacos de adubo.

ARMÁRIOS
ROUPEIROS
ESTANTES
Fabricante executa todos modelos e medidas.
REQUINTE
Av. Almirante Reis, 110 (ao Chile). Telef. 822891

post scriptum

Ainda sobre os caciques de Montes da Senhora

Gostaria de fazer algumas considerações à resposta do sr. José Barata à minha carta intitulada «Onde os caciques levantavam a cabeça», publicada no «Post-scriptum» de 30/4/76.

Começa o sr. Barata por se congratular com a «boa dose de estabilização» que se verifica após o 25 de Novembro. Mas, creia, o Povo, as massas trabalhadoras, do campo e da cidade que sentem as dificuldades na própria carne, não têm a mesma opinião, e nem se preocupam com as opiniões dos «mais qualificados governantes». E no entanto, esses trabalhadores são muito mais portugueses que você.

Diz em seguida que não defini o que são as garras do fascismo. Ora, parece-me que até o atrasadinho mental que referi na carta anterior sabe muito bem o que isso é. São todas as manigâncias destinadas a manter o Povo oprimido e na ignorância, para melhor o explorar. E quando falo de fascismo, com certeza que me refiro a um fascismo concreto, o da direita. Quanto a «tachos», é coisa de que nada percebo.

Quanto às Forças Armadas, a que também se refere, não confunda, sr. Barata. Elas devem ser de facto apartidárias, mas devem sobretudo defender o Povo, os interesses do Povo. Será que a sua concepção de Povo engloba também os Melos, os Quinas, os Espíritos Santos, os Champalimauds, os pides, os legionários? Tudo leva a crer que sim.

A luta de classes é uma realidade incontestável. Por isso, falar de Povo, sem destrinçar explorados de exploradores (como o sr. o faz), é pretender baralhar a questão. Para si, Povo, são precisamente os inimigos do Povo. E no caso concreto de Montes, Povo são os caciques, os pides, os legionários, os retornados que vivem à larga, e todos aqueles que lhes estão atrelados. Isto é bem notório em Montes da Senhora, onde o reaccionarismo campeia.

Voltando às Forças Armadas, é claro que elas não poderão defender simultaneamente o Povo e os seus inimigos. A prova é que, quando a presença da 5.ª Divisão se fazia sentir em M. da Senhora, o Povo manifestava-se livremente, porque os reaccionários não ousavam levantar a cabeça.

Lembre-se, sr. Barata, que o Povo não dirá a si a sua verdadeira opinião, e a razão é clara. Tem medo das represálias dos que lutam por todos os meios ao seu alcance para continuarem a viver à custa do seu suor e do seu sangue.

O sr. Barata refere-se também ao jornal que surgiu em Montes da Senhora e que, na minha opinião, desenvolveu um trabalho positivo. O grupo que o elaborava não lhe imprimiu nenhuma orientação partidária, como tive oportunidade de constatar. Mas, como é lógico, a sua ideologia era diferente da sua.

O povo de Montes da Senhora, segundo fui informado, aceitou bem o jornal, pois via nele qualquer coisa que lhe dizia directamente respeito, o que não acontece com os pasquins reaccionários dirigidos pelos padres da zona. Por outro lado, não me parece que o jornal fosse sectário, dado que tratava de problemas directamente ligados aos anseios das populações. Também posso afirmar que quem dividiu o Povo não foram as pessoas que distribuiram o jornal, mas os «senhores importantes» lá da terra. O povo de Montes da Senhora, melhor do que ninguém sabe o que se passou. E também sabe que agrediram um dos elementos que distribuía o jornal. Creio até que ainda andam em julgamento por causa disso. Por isso, pergunto: quem divide o Povo? Quem provoca as broncas? O povo de Montes da Senhora dará a resposta.

O sr. José Barata é incapaz de se defender sem ser através de «choradinhos». Como não tem bases para se defender, desvia as atenções para campos diferentes. Vai buscar o Grupo dos Amigos da Freguesia de Montes da Senhora, que nada tem a ver com o conteúdo da minha carta. Nem sequer falei do Grupo, mas o sr. José Barata fala, talvez para conquistar mais umas tantas simpatias. Mas eu não pretendi conquistar ninguém. Apenas dizer algumas verdades que tinham de ser ditas.

Quanto às afirmações que diz terem sido feitas quer pelo senhor Presidente da República, quer no Conselho da Europa, não alteram nem uma linha àquilo que eu disse. *Eu falei em casos concretos* e ninguém os pode negar, porque o povo de Montes da Senhora é testemunha. As opiniões dessas «individualidades» que diz estarem à frente dos nosso destinos, certamente não serão iguais às minhas. Ou será que estamos no tempo de Salazar em que só ele pensava por todo um Povo? Além disso, para si, estas coisas de política são vistas em termos de totobola: ganhar ou perder, eis a questão! Para mim, não. O que aparentemente hoje é uma derrota (na sua opinião) amanhã poderá ser vitória. Também o «senhor» lá em Angola não pensava que «a vitória era certa». E, afinal, foi! Se eu, e essa minoria a que julgou rotular-me estivermos no caminho certo, então prefiro pertencer a essa minoria. Mas não creio que seja minoria.

O Povo, dia a dia, vos vai conhecendo melhor e começa a perguntar que raio de «democracia» é a vossa. Está farto das vossas mentiras e das vossas falas mansas. Os lobos vestem ainda pele de cordeiro, mas cada vez se vão conhecendo melhor.

Por isso não me vou alongar mais. Termino dizendo-lhe apenas isto: meio século já bastou!

Manuel Ribeiro Henriques
— MONTES DA SENHORA

GUINÉ-BISSAU

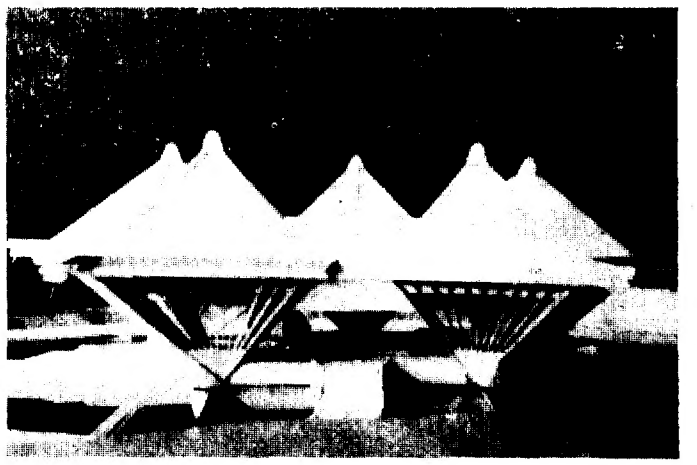
EMPRÉSTIMO DO FUNDO AFRICANO PARA A "ESTRADA DO ARROZ"

O Funfo Africano de Desenvolvimento acaba de conceder um empréstimo de 170 mil contos à Guiné-Bissau, para a construção da chamada «Estrada do arroz», no Sul do País. Este empréstimo, acordado na reunião do Fundo, em Kinshasa, visa facilitar o desenvolvimento da cultura do arroz na zona mais apropriada para uma rentabilidade elevada e tornar menos dispendioso o escoamento do arroz e da mancarra através do porto de Bissau.

O projecto coberto pelo crédito do Funfo Africano de Desenvolvimento compreende a construção de uma estrada asfaltada de duas faixas, de 36 quilómetros, entre Jugudul e Bambadinca, uma ponte de 200 metros no rio Geba, o revestimento em asfalto de uma pista de 24 quilómetros já em funcionamento e os estudos de praticabilidade da estrada Catió-Buba-Tite, na distância de 146 quilómetros, atravessando as regiões de Tombali e Buba, conhecidas como celeiros da Guiné. Actualmente, a zona do País ao sul do Rio Geba, não tem, praticamente, estradas transitáveis, uma vez que o asfaltamento de pistas para evitar a colocação de minas pelos guerrilheiros só se fez no Norte e Leste.

25 MÉDICOS CHINESES AGUARDADOS EM BISSAU

A Guiné-Bissau e a China Popular assinaram um protocolo de acordo para a colocação na antiga colónia portuguesa da costa Ocidental de 25 médicos de várias especialidades. Dezassete desses médicos irão trabalhar no Hospital de Cantchungo (antiga Teixeira Pinto) e oito no sector de Morés, antiga região libertada de Oio. O protocolo foi assinado em meados deste mês pelo ministro da Saúde, João da Costa e pelo embaixador da China em Bissau, Kia-Houai Tsi.



Maquete do futuro mausoléu onde ficará sepultado o corpo de Amilcar Cabral

MAUSOLÉU DE AMÍLCAR CABRAL

Um arquitecto italiano de nome Arsénio Nicola apresentou numa exposição em Bissau o projecto de mausoléu, onde repousarão os restos mortais do fundador do PAIGC, nas traseiras do actual Palácio da República e futuro Museu da Revolução. O projecto mostra o mausoléu com a forma de estrela negra de cinco pontas e ao justificar esta opção o arquitecto afirmou que **Cabral foi uma estrela negra das mais brilhantes do mundo.**

Na longa ala que ligará o monumento ao Museu ficarão igualmente sepultados os mártires do colonialismo. O corpo de Cabral será sepultado no centro das cinco pequenas torres de dois andares (correspondentes cada uma às cinco pontas da estrela), em cujo rés-do-chão ficarão instaladas as galerias do Museu.

Colaboraram na elaboração do projecto os arquitectos jugoslavos que trabalham em Bissau, no Comissariado das Obras Públicas. Este projecto só deverá ser concretizado a um prazo bastante dilatado pois o País, de momento, não tem capacidade para se meter à construção de tão ambicioso monumento. Até lá, o corpo de Amilcar Cabral, que deverá ser transladado de Conakry por alturas do 3.º aniversário da independência (24 de Setembro), ficará em mausoléu provisório instalado na Amura, comando chefe da região militar de Bissau.

TRÂNSITO EM LUANDA DIRIGIDO POR MULHERES

..Nas esquinas mais concorridas de peões e automóveis, em Luanda, surge uma amável figura de mulher, que põe uma nota de beleza, disciplina e responsabilidade numa cidade que vigorosamente tenta ganhar o tempo perdido por cinco séculos de opressão colonialista.

O Corpo de Polícia Popular de Angola (C. P. P. A.) iniciou o primeiro curso para mulheres que trabalharão como agentes de trânsito. Um grupo de 70 mulheres, de idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, assiste diariamente às aulas teóricas e práticas na escola que funciona no Comando da Secção de Trânsito da capital.

Durante três meses, receberão conhecimentos gerais de polícia, e, nos restantes 45 dias, especializar-se-ão nas questões de trânsito.

UMA AULA TEÓRICA

..As alunas estão sentadas em carteiras escolares. O professor fornece pormenores sobre a velocidade permitida nas ruas, dados técnicos dos automóveis e camiões, forma e método de conduzir os veículos, sinais de trânsito, etc.

As mulheres, cujo nível de instrução é a quarta classe, fazem perguntas, pedem esclarecimentos, e os professores respondem a uma espécie de «interrogatório» do grupo, que mostra grande interesse pelos novos conhecimentos.

Palmira de Carvalho, «Mirita», é a responsável pelas unidades femininas da C. P. P. A.

Experimentada na luta guerrilheira com as F. A. P. L. A., nas quais militou durante dois anos, «Mirita» enceta hoje nova tarefa com o entusiasmo que a caracterizou na difícil etapa da luta pela independência. A tradição revolucionária da mulher angolana tem um dos seus exemplos em Palmira de Carvalho.

«A princípio as alunas tinham dificuldades porque não estavam habituadas às questões da disciplina militar» — diz Palmira. «Mas agora estão a adaptar-se muito bem.»

Falando da igualdade dos sexos, Palmira resume o problema em palavras simples, mas firmes e sinceras: «Acho que a luta é comum. Homens e mulheres, todos fomos explorados. Se fizemos juntos a luta pela libertação, juntos temos agora que prosseguir no combate.»

AULAS PRÁTICAS NA RUA

..O autocarro (maxibombo) condu-las ao centro da capital. Na tarde calmosa de Luanda, os veículos passam velozes e viram à esquerda ou à direita nos cruzamentos das principais avenidas. Com as suas luvas brancas e o apito na boca, a Polícia de Trânsito sobe para um pequeno «pedestal» situado no meio da rua e começa o trabalho sob a vigilância atenta do instrutor.

No breve lapso de um mês de aulas as agentes adquiriram já grande mestria. Os motoristas e os peões olham com certo espanto esta irrupção feminina numa actividade que se desenrola na rua. Começou para o país não só a experiência feminina neste tipo de trabalho, mas também a organização paciente e metódica de um dos problemas que a jovem nação africana tem de enfrentar.

Uma aula teórica para as agentes de trânsito

Nacional

Colóquio com Gunter Grass no Instituto Alemão

O escritor Gunter Grass, que se encontra de visita ao nosso país, participará hoje num colóquio no Instituto Alemão, subordinado ao tema «O Escritor e a Política».

O colóquio está marcado para as 18 e 30, tendo sido convidados para dialogar com o escritor alemão os escritores Urbano Tavares Rodrigues, Baptista Bastos, Almeida Faria e Yvette Centeno. Paralelamente ao colóquio, estará patente ao público no «foyer» do Instituto Alemão, uma exposição de gravuras de Gunter Grass, referentes ao período 1972/74 e que o próprio artista inaugurará por volta das 17 e 30.

Ainda hoje, o escritor alemão fará leitura de textos de um romance inédito durante uma aula aberta na Faculdade de Letras, ao que se seguirá um debate.

NOTA OFICIOSA
Inquérito sobre fraudes dos retornados

A Secretaria de Estado dos Retornados, sobre eventuais fraudes cometidas no auxílio da assistência aos retornados, emitiu a seguinte nota oficiosa:

«Correspondendo ao desejo várias vezes manifestado pelo secretário de Estado dos Retornados e na sequência de deliberação do Conselho de Ministros, vai iniciar-se um amplo e rigoroso inquérito orientado pela Procuradoria-Geral da República e destinado a averiguar todas as fraudes que tenham sido cometidas no âmbito da assistência aos retornados.

A descoberta destas fraudes e a punição dos seus autores, impõe-se tanto para permitir resolver os problemas com justiça, eficácia e economia de meios como para ilibar de infundadas suspeitas os refugiados que necessitam imperiosamente de assistência e os que trabalham no I.A.R.N. ou em instituições de carácter particular, dando o melhor da sua zelosa colaboração.

A uns e outros é dever de justiça não os envolver na inoperância dos serviços e nos desvios cometidos.

Confia-se em que os resultados dos inquéritos e as medidas consequentes contribuam decisivamente para criar um clima de compreensão e bom acolhimento àqueles que foram forçados a voltar a Portugal em condições verdadeiramente dramáticas».

Reforma Agrária implica redução na saída de divisas

Calcula-se entre 25 e 30 mil o número de trabalhadores activos das 450 unidades colectivas de produção agrícola em funcionamento nas zonas da Reforma Agrária em Portugal, segundo revela um estudo publicado na Imprensa matutina lisboeta.

Salienta-se, com base nesse estudo, que, «nas zonas onde se encontram em funcionamento as novas unidades colectivas de produção, no prazo de menos de um ano foi eliminado em grande parte o desemprego permanente e sazonal das zonas do latifúndio», tendo o aumento da área cultivada levado «a semear terras que há mais de 10 e 15 anos estavam abandonadas».

O estudo destaca, também que a verificarem-se as previsões dos rendimentos por hectare para 1976, registar-se-á um aumento da produção agrícola de cerca de 167.700 toneladas, o que representa uma redução, na saida de divisas portuguesas, da ordem dos 867 mil contos.

Centros de infância à espera dos subsídios

PORTO, 24 — Dezenas de comissões de moradores, em plenário efectuado na escola do Magistério Primário do Porto, para debater os problemas da primeira e segunda infância, deliberaram reclamar dos departamentos oficiais uma resposta ao caderno reivindicativo apresentado em 1 de Setembro de 1975, com vista a poderem manter em funcionamento os centros de infância que criaram e que subsistem, as mais das vezes em precárias condições. Nos últimos dois anos, dada a falta de medidas oficiais que tardam em se dar conta dos seus deveres para com os filhos das classes trabalhadoras e produtivas deste País, as comissões de moradores da região do Porto desenvolveram neste capítulo diversas iniciativas que não foram devidamente apoiadas, muito embora, elas representem uma ajuda indispensável para muitas centenas de crianças, sobretudo em zonas habitacionais degradadas e em bairros camarários.

No plenário foi decidido manter o caderno reivindicativo e nomeadamente que «se garanta um subsídio a partir de Julho próximo para manutenção do pessoal técnico e não técnico», e bem assim um subsídio para alimentação a fim de dar resposta aos filhos dos moradores de maiores dificuldades financeiras». Sobre este problema foi enviada documentação ao Primeiro-Ministro, ministros da Educação e dos Assuntos Sociais e ao sector Unico da Primeira e Segunda Infância.

Subsídios a criadores de gado

Um decreto do Ministério do Comércio Interno, publicado no «Diário da República», n.º 118, I série, autoriza a Junta Nacional de Produtos Pecuários a conceder subsídios pelo gado que lhe tenha sido entregue, no arquipélago dos Açores, desde 13 de Maio de 1975, até 28 de Fevereiro de 1976 (data de entrada em vigor do Dec. Lei 163/76. Os subsídios são: de 9$50/ kg de carcaça aprovada, relativamente ao gado abatido com destino a abastecimento local; e de 8$50/ kg de carcaça para o gado destinado a exportação para o continente.

Segundo o preâmbulo do diploma, esta medida visa não só a regularização dos circuitos de comercialização e atenuação «na medida das nossas possibilidades», dos custos da insularidade, como também o apoio à lavoura açoriana.

Exames e passagens — um novo despacho

Seguiu para as escolas de todo o País o despacho número 183/76 que determina as normas a seguir quanto à avaliação e passagens escolares para o presente ano lectivo. O M. E. I. C. esclarecer que o presente diploma não contempla o ensino técnico, os cursos supletivos do ensino preparatório e os cursos do ensino liceal nocturno que, dadas as adversidades dos regimes, serão abrangidas por despachos próprios, que será divulgado nos próximos dias.

CARRIS

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

A CARRIS INFORMA:

«PASSES SOCIAIS»

A fim de facilitar ao público a aquisição dos bilhetes de transporte para JUNHO, destinados ao cartão de identificação de assinante, funcionarão — além dos principais — os seguintes Postos de Venda nos locais e horários a seguir indicados:

Das 9.00 às 19.00 horas
— Campo Pequeno
— Estrela (eléctricos)
— Moscavide

Das 12.00 às 15.00 e das 16.00 às 19.00 horas
— Algés
— Benfica
— Cais do Sodré (autocarro no lado Sul)
— Gomes Freire
— Graça
— Poço do Bispo
— Rato
— Rossio (autocarro na placa central, frente ao Teatro)
— Sete Rios

Estes postos funcionam de 26 de Maio a 3 de Junho, à excepção dos dias 29 e 30 (sábado e domingo, respectivamente).

NOTA: Os cartões de identificação de assinante só podem ser requisitados de 2.ª a 6.ª feira nos postos principais e nos dias e horários a seguir indicados:

De 26 de Maio a 4 de Junho

Santo Amaro, Arco do Cego, Cabo Ruivo — 9.00 às 12.00 e das 13.00 às 19.00 horas

A partir de 7 de Junho

Santo Amaro — 9.00 às 12.000 e das 13.00 às 16.00 horas

Todos os dias de 2.ª a 6.ª feira

Santa Justa — 9.00 às 12.00 e das 13.00 às 19.00 horas

CALÇAS
ximar ®
MODA E BOM GOSTO
DONAL - COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES, LDA.
LISBOA

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

AVENIDA VISCONDE DE VALMOR, 34 — LISBOA 1 — Tel. 763276 770066 770274

PLENÁRIO DE DELEGADOS SINDICAIS E COMISSÕES DE TRABALHADORES DO DISTRITO DE LISBOA

10 horas — 29 Maio 1976 — Voz do Operário

PELO AVANÇO DA GESTÃO DEMOCRATICA DA PREVIDÊNCIA
PELA DEFESA E CONSOLIDAÇÃO DA REFORMA AGRÁRIA

CAMARADAS:

No Encontro de Delegados Sindicais e Comissões de Trabalhadores do Distrito de Lisboa, realizado no passado dia 10 de Abril na Voz do Operário, foi aprovado por aclamação uma proposta que apontava para realizações idênticas, com a periodicidade de três meses dentro do possível, devido ao seu interesse para os trabalhadores.

É tendo em conta esta vontade que a União dos Sindicatos de Lisboa entendeu dever levar à prática em Plenário de Delegados Sindicais e Comissões de Trabalhadores, tomando como temas aspectos muito concretos, contando para isso com o apoio das outras organizações de trabalhadores.

Os temas a apresentar e discutir são:

1.º — PREVIDÊNCIA

Nos dias 27 e 28 de Março de 1976 realizou-se em Coimbra o Encontro Nacional de Previdência, cuja ampla participação levou a conclusões que importa divulgar e concretizar na prática, pondo em execussão a gestão democrática como forma de os trabalhadores exercerem o controle sobre os dinheiros que para lá descontam e progessivamente criarem condições de transformação de um pesado e complexo aparelho burocrático pondo-o ao serviço dos que trabalham e do povo em geral. Lutar e trabalhar por um seguro social que nos ponha a coberto das situações difíceis e por uma assistência médica e medicamentosa capaz, são duas metas a atingir.

Responder colectivamente, unidos e organizados é a solução!

2.º — REFORMA AGRÁRIA

A Reforma Agrária é uma das principais conquistas dos trabalhadores no terreno económico e político e acha-se claramente consignada na Constituição da República Portuguesa e em outros Diplomas fundamentais do nosso País.

É da defesa e consolidação do processo da Reforma Agrária que mais depende todo o progresso social e económico do País.

Do abandono da produção agrária, em consequência do domínio dos grandes senhores da terra, resulta desemprego e atrazo não só nos campos mas também para os operários fabris e trabalhadores dos serviços.

O grande aumento na produção da terra, conseguido com enormes sacrifícios dos que trabalham e com a solidariedade activa dos trabalhadores de outros sectores, está a permitir a recuperação da actividade em muitos sectores em grave crise: Metalomecânica, adubos, rações, materiais de construção, projectos.

A violenta investida reaccionária contra a Reforma Agrária põe em perigo todas as conquistas dos trabalhadores portugueses, de todos os trabalhadores: Operários agrícolas e industriais, pequeno e médios agricultores, empregados, técnicos e coloca, sobre todos nós, trabalhadores de todos os credos políticos, a ameaça fascista.

Os mais graves atentados contra a Reforma Agrária são, por um lado o saque económico pelos grandes agrários e, por outro, a recusa de créditos. Mas há outros importantes e urgentes problemas que todos temos de discutir e enfrentar, com decidida e forte unidade de acção. A grande Jornada Sindical de Beja, de 9 a 11 de Abril, de apoio à Reforma Agrária, contribuiu já com CONCLUSÕES da maior importância, que é necessário desenvolver e pôr em acção sem mais demora.

No Plenário estarão presentes elementos das Direcções dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas e outros elementos responsáveis por organizações camponesas para dar todas as informações sobre a situação e a luta em defesa e consolidação da Reforma Agrária.

VEM AO PLENÁRIO

A exemplo do encontro de 10 de Abril é importante que todos os participantes se apresentem devidamente identificados ou credenciados para que ninguém tenha dúvidas sobre a representatividade de alguém.

Para outros esclarecimentos contacta o teu Sindicato ou a União dos Sindicatos de Lisboa. Rua Vítor Cordon, 1-2.º LISBOA — Telef. 365286/7-323840-323140.

Lisboa, 22 de Maio de 1976

A DIRECÇÃO

LONDRES
Férias • Negócios
Viagens económicas • Serviços de qualidade
Partidas TODAS as QUINTAS e DOMINGOS de Maio a Outubro
• Fim-de-semana - 4 dias
• Mini-semana - 5 dias
• Maxi-semana - 8 dias
Desde 4.650$
Avião + Hotel c/ banho + Visita Cidade + Transportes + Assistência

Inglaterra e Escócia
8 ou 15 dias — Partidas diversas de Junho a Setembro

PROGRAMAS • RESERVAS
VIAGENS RAWES
Lisboa-Correspondência R. Bernardino Costa 47 (Depois Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 370631
Faro-Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 23195/6

QUADROS A ÓLEO

Assim como mobiliário de estilo, estatuetas, «bibelots» e enorme variedade de peças decorativas, encontrará na

GALERIA ACTUAL

Av. da República, 12 (cruzamento com a Avenida Duque d'Ávila)

Nacional

"UMA BANDEIRA E UM SÍMBOLO"

P.C.P. homenageou Catarina Eufémia

Muitos milhares de pessoas, vindas de diversos pontos do País, compareceram, ontem, em Baleizão, no acto de homenagem prestado, pelo Partido Comunista Português, a Catarina Eufémia.

Um busto da heroína alentejana caída na luta pela Reforma Agrária, colocado mesmo no centro da vilã foi inaugurado por Álvaro Cunhal, num gesto marcado de silêncio. Segundos depois irrompia um caudal de gritos e palavras de ordem dirigidas ao Partido Comunista e à Reforma Agrária.

Debaixo de um sol escaldante, o secretário-geral do PCP falou, durante quase uma hora, sobre o momento político que atravessamos, salientando a importância da Reforma Agrária e o papel de Catarina Eufémia como operária agrícola alentejana e militante comunista.

«Catarina Eufémia, trabalhadora rural, militante comunista, heroína e mártir, tornou-se justamente uma bandeira e um símbolo não apenas do povo de Baleizão, mas de todo o povo trabalhador do Alentejo». Depois de se referir «à luta prolongada e difícil «travada pelos trabalhadores alentejanos Álvaro Cunhal continuou: «um ano depois de Maio de 1975, ao voltarmos aqui a comemorar o aniversário da morte de Catarina, a Revolução tinha dado decididos passos em frente, as massas trabalhadoras haviam-se lançado corajosamente ao combate, haviam ocupados as primeiras terras e construído as primeiras cooperativas e herdades».

O secretário-geral do P. C. P. diria ainda que o ano de 1975 «ficará marcado a letras de oiro na História do Povo português, na História de Portugal, como o ano da Reforma Agrária, o ano dessa gloriosa luta de trabalhadores». Álvaro Cunhal deu especial relevo ao avanço dos trabalhadores para as terras «que arrancaram às mãos dos seus exploradores» para fazerem delas «belas searas» «as mais belas porque, para além de mais pertencem aos trabalhadores e não àqueles que sem fazerem nada, vivem à custa do trabalho dos outros». Assim o secretário-geral do PCP prestou a justa homenagem às corajosas massas trabalhadoras do Alentejo, uma verdadeira vanguarda revolucionária que não estiveram à espera que nos gabinetes, por decreto, os ministros dissessem que tipo de Reforma Agrária interessava construir em Portugal. A Reforma Agrária è aquela que interessa aos trabalhadores. Feita por eles. Nessa matéria são eles que ditam as leis.

Álvaro Cunhal em Baleizão: «Catarina Eufémia é bandeira e símbolo do Alentejo»

O PERIGO ESQUERDISTA

Álvaro Cunhal sublinhou no seu discurso «a força criadora do povo» que se traduz, primeiro, na ocupação das terras e, depois, na sua transformação, criando uma nova vida no Alentejo: com as cooperativas agrícolas geridas pelos próprios trabalhadores, salários mais altos, desaparecimento do desemprego, formação de creches, trabalho cultural a partir do talento do povo.

Numa passagem da sua intervenção o secretário-geral do PCP analisou, a propósito das eleições presidenciais, o «perigo esquerdista» frisando:

«Se no presente momento continua a existir um perigo de direita existe também, novamente o perigo de esquerdismo, do verbalismo esquerdista que, não tendo conseguido qualquer apoio popular nas eleições, volta á carga com o seu divisionismo, as suas campanhas contra o PCP, a coberto de frases e atitudes pseudo-revolucionárias que, no fim de contas, só podem servir a reacção. A actividade desenvolvida por certos grupos para lançarem a candidatura do major Otelo Saraiva de Carvalho, em nada serve os interesses da Revolução».

Álvaro Cunhal disse ainda que «na campanha para as eleições presidenciais, tal como aconteceu para as últimas eleições, um grande movimento de opinião em apoio ao candidato do PC, será um factor da mais alta importância para defender a Reforma Agrária e as outras conquistas da Revolução, para impedir a aliança do PS com a direita reaccionária» Dentro do tema da campanha eleitoral o porta-voz do PCP expôs qual era o ponto de vista do seu partido. «Se não apoiamos também não hostilizamos as candidaturas militares de membros do Conselho da Revolução. Como já foi dito, esta nossa atitude não exclui a cooperação com um militar presidente da República que venha a ser eleito, e só a reacção, aventureiros, irresponsáveis ou provocadores podem pretender que o PCP adopte uma política que conduza ao isolamento ou ao rompimento com as Forças Armadas e com os órgãos de poder militar».

No comício de homenagem a Catarina Eufémia usaram da palavra, antes de Álvaro Cunhal, outros militantes do PCP nomeadamente Velhinho Alfaiate, da Comissão Distrital de Beja daquele partido, que acentuou «que a melhor homenagem que se podia prestar a Catarina era continuar a luta por aquilo por que ela deu a vida», Custódio Maria Trancão, da Comissão de Freguesia do PCP que leu uma mensagem enviada por Francisco Miguel, ex-sapateiro de Baleizão e membro do Comité Central do Partido Comunista.

A UDP ACUSA

Através de um comunicado a Comissão Distrital da UDP manifestou a sua posição sobre a destruição do busto de Catarina Eufémia que aquele movimento político tinha inaugurado, em Baleizão, numa «jornada de luta» efectuada no dia 19.

A UDP acusa elementos afectos ao PCP de «cerca da 1.30 da madrugada terem destruído o busto com um tractor». Denuncia como autores da façanha «os miseráveis Manuel Horta, José da Madrasta, Meirinho, Joaquim Marques e outros», que segundo afirma aquele movimento político «chegaram mesmo a empunhar uma pistola» contra dois trabalhadores de Baleizão que assistiram a esse acontecimento.

Cabos do Mar do Funchal prenderam os homens da segurança do "Queen Elizabeth II"

Funchal, 24 — Ao notarem grande movimentação de homens-rãs junto do paquete «Queen Elizabeth II», que recentemente passou pela Madeira, os cabos de mar do Funchal não hesitaram: as medidas de segurança determinaram a imediata detenção daqueles indivíduos, que acabariam por ser conduzidos à capitania do Porto. Ali, desfez-se o grande equívoco. Tratava-se de elementos da segurança do grande navio.

Curiosamente, o incidente verificou-se dias depois de um outro equívoco, no molhe da pontinha. Foi o caso de ter sido visto um homem-rã dando piruetas junto ao casco de um patrulheiro português. Tratava-se, «obviamente», de um suicída. Face às circunstâncias, houve lugar a medidas aconselhadas pela situação, movimento de armas e holofotes, etc. Algum tempo mais tarde, apurou-se a verdade: o homem-rã não passava de um lobo marinho ou de uma foca que fazia travessuras.

Desta vez, porém, e em relação ao «Queen Elizabeth», a hipótese de se tratar de uma foca foi posta de parte. Os cabos de mar raciocinaram friamente: «As focas e os lobos do mar não usam barbatanas de borracha, nem óculos, nem botija. Logo, são homens». Logo, espiões.

O «Queen Elizabeth» — um dos maiores paquetes do mundo acabaria por largar do Funchal com os seus 2000 turistas a bordo, sem incidentes graves.

Taxas de rádio dependentes do consumo de luz

Por decreto-lei conjunto dos Ministérios das Finanças, da Indústria e Tecnologia e da Comunicação Social, publicado no «Diário da República» I Série, de hoje, foram abolidms os licenciamentos e as taxas de Radiodifusão sonora de aparelhos radiorreceptores, sendo em sua substituição instituída uma taxa anual de Radiodifusão de âmbito nacional. Essa taxa será cobrada em duodécimos, mensal e indirectamente, por intermédio das distribuicões de energia eléctrica, a ela ficando sujeitos os consumidores domésticos de ilumikação e outros usos.

Para o efeito, são considerados os seguintes escalões de consumo anual de energia eléctrica: até 120 KWh, isento de taxa; de 120 KWh até 240 KWh, taxa mensal de 10«00; mais de 240 KHh, taxa mensal de 30$00.

A referida taxa constará do recibo relativo ao preço da energia eléctrica consumida, mas com autonomia contabilística em relacão àquela.

Mário Soares em Caracas

«Penso que uma abertura a Leste é conveniente, mas Portugal é um País ocidental e, como tal, deve manter as suas relações tradicionais com os Estados Unidos» — afirmou Mário Soares ontem em Caracas, falando aos jornalistas antes de começarem os trabalhos da reunião internacional de dirigentes sociais-democratas da Europa e da América do Sul que durante quatro dias vai tornar a capital da Venezuela um dos centros políticos do Mundo.

O secretário-geral do P.S. português falava aos jornalistas acerca da situação em Portugal e da posição do nosso país no contexto político internacional. Declarou que Portugal deverá seguir uma política externa independente, mantendo estreitos contactos com os Estados Unidos e com os países comunistas. Acrescentou no entanto que o País deve alargar as suas relações aos países do Terceiro Mundo.

PUB

SINDICATO DE GARAGENS,

POSTOS DE ABASTECIMENTO,

TRANSPORTES E OFÍCIOS CORRELATIVOS

DO CENTRO E SUL

COMUNICADO

Conforme foi largamento divulgado pelo programa da Lista B a intenção de formar Sindicatos fortes e verdadeiramente ao serviço dos trabalhadores vêm os elementos eleitos para os Corpos Gerentes deste Sindicato para o triénio 1976/78 dar seguimento ao seu programa, por isso participamos a todos os associados do nosso Sindicato que se efectuou uma reunião com o Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa para a Fusão e Verticalização dos mesmos tendo os mesmos deliberado o seguinte:

1.º — Que se cumpra na integra o programa da nova Direcção.
2.º — Que se faça a Fusão com vista à Verticalização.

Nestes termos foi assinada uma Acta entre o Sindicato dos Rodoviários de Lisboa e o nosso Sindicato em que se comprometem os dois Sindicatos a efectivar até Agosto a Fusão, realizando em conjunto plenários nas Empresas a fim de esclarecer todos os associados da vantagem de estarmos unidos à volta de um Sindicato Forte para melhor podermos lutar contra as associações Patronais e contra um Governo que não defenda os trabalhadores.

Realizaremos uma Assembleia Geral em que os sócios depois de esclarecidos se pronunciarão pela Fusão.

POR SINDICATOS FORTES E UNIDOS
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS

Sindicato de Garagens, Postos de Abastecimento, Transportes e Ofícios Correlativos do Centro e Sul
José Eduardo Marques Borges
Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa
Rogério Torres

PUB

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Após reunião efectuada em 15 do corrente, a Direcção requereu ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, que convocasse a mesma, ao abrigo do art.º 32.º, n.º 1, alínea b).

A Direcção fundamenta o seu pedido nas dificuldades que encontra em dar cumprimento às tarefas que se lhe deparam, com as verbas que foram deliberadas na Assembleia Geral Ordinária de 26 de Março passado, propondo a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1 — Criação, reforço e descongelamento das seguintes verbas:
a) Móveis e Utensílios — 200 contos;
b) Conflitos de Tabalho: reforçada em mais 500 contos;
c) Descongelamento da verba de 6 % para a Intersindical.

Assim, e após parecer favorável do Conselho Fiscal — que diz haver um aumento nas receitas previstas e que suporta o referido nas alíneas a) e b) — convoco, ao abrigo do art.º 32.º dos Estatutos, a **Assembleia Geral** a reunir em sessão **extraordinária no dia 27 de Maio** (quinta-feira), às **20.30 horas**, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico (ao cimo da Alameda D. Afonso Henriques), com a **Ordem de Trabalhos** proposta pela Direcção.

Lisboa, 17 de Maio de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Antero da Silva Gaio

Nacional

NOTA OFICIOSA

Tendo sido já definida, por despacho conjunto dos ministérios da Agricultura e Pescas e do Comércio Interno, a nova forma de pagamento de subsídios aos produtores de trigo da colheita de 1975, informam-se todos os produtores que o subsídio em causa se encontra a pagamento desde o dia 21 do corrente.

As autorisações de pagamento serão entregues aos produtores pelas mesmas vias por que se processou o pagamento do cereal.

Nos termos do despacho atrás referido as novas condições de pagamento de subsídio são as seguintes:

1 — O Instituto dos cereais pagará além do preço da tabela fixada em 27 de Julho de 1975, um subsídio de 1 400 escudos por tonelada aos agricultores que tenham produção até 25 toneladas.

2 — O Instituto dos Cereais pagará aos agricultores que tenham produção entre 25 e 150 toneladas, além do preço de tabela acima referida, um subsídio de 1 400 escudos por tonelada, pelas primeiras 25 toneladas e 700 escudos por tonelada pelas restantes.

3 — Pelo que exceder as 150 toneladas, os agricultores não terão direito a qualquer subsídio, sendo-lhes no entanto aplicável o número anterior na parte que vai até 150 toneladas.

4 — O Instituto dos Cereais pagará às pré-cooperativas devidamente reconhecidas pelos organismos competentes do Ministério da Agricultura e Pescas às cooperativas e às unidades colectivas de produção reconhecidas nos termos do Decreto-Lei n.º 406-B/75, de 29 de Julho, com a redacção que lhe foi dada pelo Decreto-Lei n.º 262/76, de 8 de Abril, além do preço da tabela referida no n.º 1 do despacho citado no n.º 1 do presente despacho, um subsídio de 1 400 escudos por tonelada até 25 toneladas e 700 escudos por tonelada, pelo que exceder as 25 toneladas sem qualquer limite.

Peritos ocuparam-se dos problemas habitacionais da Europa Meridional

«Financiamento à habitação» foi o tema que durante uma semana peritos de problemas de política habitacional discutiram em Lisboa, sob a presidência do dr. Ataíde Ferreira, consultor do Fundo de Fomento da Habitação. Estiveram presentes nos trabalhos, além de vários representantes portugueses, delegados da Bulgária, Chipre, Grécia, França, Espanha, Jugoslávia e Turquia.

Um documento-base (português), elaborado em colaboração com o secretariado das Comunidades Económicas Europeias e as Nações Unidas (CEE/ONU), ao focar os mais importantes problemas com que naquele campo os países da Europa Meridional se debatem, serviu de pretexto para que as delegações participantes apresentassem, no último dia do colóquio, respostas monográficas caracterizando a situação específica dos seus países como contribuição para a conjuntura habitacional da Europa Meridional.

No decurso dos trabalhos foram abordadas diversas questões relativas ao financiamento à habitação, tendo sido dada particular relevância aos problemas relacionados com a autoconstrução e as cooperativas, a questões de subsídios internacionais e aos empréstimos. Sábado, último dia dos trabalhos, foi oficialmente encerrado o encontro com um jantar de confraternização.

Estiveram presentes o ministro português da Habitação, Urbanismo e Construção, eng. Eduardo Ribeiro Pereira, e o secretário de Estado dos Investimentos Públicos, eng. Sousa Gomes, que, usando da palavra, começou por felicitar o grupo pelos resultados obtidos no decorrer da reunião, referindo ainda o esforço promocional do Estado, que prevê a construção de 100.000 fogos no seu programa habitacional para 76. Uma parte está directamente financiada pelo Orçamento Geral do Estado, e outra parte beneficiada com somas orçamentais.

Acentuou ainda o eng. Sousa Gomes o papel a desempenhar pelo sistema bancário nos fins sociais a atingir, apontando, mais adiante, as dificuldades apresentadas na transposição de uma política administrativa totalitária, como a que se viveu em Portugal, para um sistema descentralizado que se deseja com a crescente participação dos municípios e comissões representativas da população.

Acções de despejo terão sempre tentativa de conciliação

Um decreto-lei do Ministério da Justiça, com data de 15 de Maio, publicado no «Diário da República», I Série, n.º 114, introduz uma significativa alteração na lei que regula as acções de despejo. Assim, daqui para o futuro, será sempre obrigatória uma tentativa de concicliação no início da acção.

O diploma pretende criar possibilidades de se obter, sempre que possivel, uma solução por acordo entre locadores e locatários, «por forma a evitarem-se discussões sempre criadoras de tensões indesejáveis».

Nas acções de despejo pendentes à data da entrada em vigor do novo diploma, e em que não haja sido ainda proferida sentença, o juiz tentará obrigatoriamente a conciliação das partes.

Ao juiz caberá designar dia e hora para uma tentativa de conciliação.

Empresas de celulose alertam para conflitos no sector

As comissões de trabalhadores da Socel, Celnorte e Celtejo enviaram uma moção ao Conselho da Revolução, Primeiro-Ministro e ministro da Indústria e Tecnologia, perguntando se estas entidades pretendem que se gerem conflitos graves de trabalho num sector tão importante para a economia nacional como é o da celulose, «o que fatalmente virá a acontecer se se deixar a equipa ex-Champalimaud continuar a manobrar a seu bel-prazer».

No mesmo documento, os trabalhadores apontam como factores determinantes desta sua decisão «a política irresponsável seguida pelo secretário de Estado da Indústria Pesada (SEIP), Nobre da Costa, em relação ao sector da celulose, nomeadamente no que se refere à sua actuação em relação à reestruturação e na Cricel»; «o divisionismo e o clima de suspeição que o SEIP tem procurado instalar entre os trabalhadores»; «o desprezo absoluto que o SEIP tem demonstrado pela vontade dos trabalhadores».

As comissões subscritoras da moção incentivam os trabalhadores a lutarem unidos contra as medidas governamentais que contrariem o seu concenso.

PUB

SINDICATO DOS PESCADORES DO DISTRITO DE SETUBAL

CONVOCATÓRIA

Convoca-se por este meio a Assembleia Eleitoral a realizar no dia 20 de Junho de 1976, destinada a eleger os Corpos Gerentes do **SINDICATO DOS PESCADORES DO DISTRITO DE SETÚBAL** para o biénio de 1976/77.

Funcionarão para o efeito mesas de voto em SESIMBRA, SETÚBAL e SINES.

Face aos ESTATUTOS e ao REGULAMENTO ELEITORAL só poderão ser elegíveis os sócios com mais de 18 anos, Pescador ou Auxiliares de Pesca, inscritos no **SINDICATO** há mais de 3 meses e que tenham pago as suas quotas nos sessenta dias anteriores à data da realização da Assembleia Eleitoral.

Poderão até 15 dias antes do acto eleitoral, dar entrada no **SINDICATO** listas de candidaturas, de acordo com o REGULAMENTO ELEITORAL, subscritas por, pelo menos, 5 por cento do número de sócios do **SINDICATO**.

Setúbal, 24 de Maio de 1976

A COMISSÃO DIRECTIVA

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8/57367, arquivo 4, para o estabelecimento no lugar de Casal do Marco, freguesia de Paio Pires, concelho do Seixal, de uma linha aérea a 30 kV com 50 m, do apoio n.º 2 da linha para o Posto de Transformação Socidestilda ao Posto de Transformação da OPCA.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 14 de Maio de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa e a que se refere o processo 8/57669, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Alcochete, de uma linha aérea a 6 kV, com 479 m, do apoio n.º 12 da linha para o Posto de Transportação de Palhavã ao Posto de Transformação de Sílvio do Nascimento Gonçalves.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 14 de Maio de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8 55971, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia da Anunciada, concelho de Setúbal, de uma linha mista a 30 kV, com 2177 metros (constituída por um troço aéreo com 2072 metros e por um troço subterrâneo com 105 metros) do apoio 49 da LI 30-90 S. Sebastião Curralinhos (PS 30-16)II, ao Posto de Transformação do Sanatório do Outão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 14 de Maio de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Nacional

O CRIME DE SANTO TIRSO

Manifestação de repúdio contra o terrorismo

PORTO, 24 — Para o cemitério de S.Martinho do Campo, em Santo Tirso, efectuou-se sábado, ao fim da tarde, o funeral de Maria Rosinda de Sousa Monteiro, morta em consequência do atentado bombista à sua residência. Incorporaram-se no cortejo fúnebre expressivo numero de pessoas do Porto e de outras regiões nortenhas, que assim quiseram manifestar a repulsa por esta já longa vaga de atentados impunes, e a sua solidariedade para com a família da vítima. A grande extensão do cortejo automóvel impediria que a maioria das viaturas atingisse as imediações do cemitério local.

Em comunicados enviados às redacções, o P.P.D. e o P.C.P. comentam, a propósito deste crime, a vaga de atentados que se reacende no Norte. Assim, o P.P.D. afirma que «o País não pode ficar à mercê destes grupos de verdadeiros bandidos», e exige que tais atitudes «sejam imediata e severamente castigadas». Por seu lado, o P.C.P. reafirma a denúncia que vem fazendo destes actos, onde «em muitos casos os criminosos são conhecidos»e, outros, «mesmo surpreendidos em flagrante», o que não tem impedido que «os criminosos continuem impunes e em liberdade». Afirma, ainda o P.C.P. que outro caso recente do assassinato terrorista, em Ponte da Barca, « é um exemplo claro» de que «militantes e mesmo responsáveis» do P.P.D. e do C.D.S., a nivel local, no Norte, «têm sido encontrados na origem, preparação e desencadeamento de atentados, agressões, assaltos e outras formas de violência».

Salienta ainda que «a ofensiva fascista desencadeia-se em várias frentes uma das quais é o terrorismo e a violência, e outra o enxamear de jornais reaccionários que fornecem cobertura a todos os actos de violência, a todos os atentados, a todos os crimes

U.N.E.P. reunida repudia reintegrações

Representantes de associações de estudantes de 90 escolas do País, reuniram-se durante todo o dia de ontem, nas instalações do Instituto Superior Técnico, para discussão, que foi agitada, da criação da União Nacional dos Estudantes Portugueses. Para lá da discussão e pontos de vista divergentes que marcaram as intervenções, foram aprovadas moções contra o «avanço do fascismo nas escolas» e o repúdio face ao MEIC por estar a «reintegrar fascistas». A reunião dos dirigentes estudantis prossegue depois de amanhã na Faculdade de Direito.

PROFESSORES DISCUTEM COLOCAÇÕES E DIUTURNIDADES

«Há todo um problema de dignidade profissional em jogo. O professor não pode ser um simples tapa-buracos de situações que se enquadram numa forma de o MEIC tentar descalçar a 'bota, à pressa» — afirmou um elemento da Direcção do Sindicato dos Professores em conferência de Imprensa dada para apresentar a posição da classe face ao problema das diuturnidades e das colocações. Foi exigida, assim, a extensão do sistema de diuturnidades a toda a classe, independentemente do esquema das fases, sendo reivindicado que o quantitativo de cada diuturnidade seja equivalente a 10 por cento do vencimento mínimo e vagas na Função Pública. Quanto às colocações, salientado o desfasamento entre as habilitações do colocado e a disciplina que lhe coube leccionar, a posição do Sindicato defende a revogação do «despacho das colocações» e a confirmação escrita, a nível oficial, do critério que presidirá à elaboração do seu calendário.

Os PPDs de "O Século" criticam "Projecto Almeida Santos"

Segundo o núcleo do P. P. D. de «O Século», o projecto de reestruturação da Imprensa estatizada, da autoria do ministro Almeida Santos, que prevê a fusão, em duas, de quatro empresas jornalísticas («Diário de Notícias»-«Capital» e «Século-«Diário Popular»), condenaria «cada um daqueles **jornais à morte»**.

Abordando um outro aspecto, o núcleo do P. P. D. de «O Século» sublinha que «por culpa de quem não actuou a tempo, nem enérgica nem sensatamente relativamente à perseguição premeditada que se teria verificado a vários grupos de jornalistas, com o consequente êxodo dos seus locais de trabalho, surgiram no circuito comercial vários órgãos de Informação que hoje constituem uma pequena multidão num espaço de leitores saturado».

Os autores do comunicado expressam as suas dúvidas sobre o futuro desses jornais.

PUB

UNIÃO SINDICAL DE TORRES VEDRAS

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Delegados Sindicais e Comissões de Trabalhadores do Concelho de Torres Vedras para um Plenário a realizar no próximo dia 29 de Maio, pelas 18.30 horas, na União Sindical, Av. Tenente Valadim (Frente ao Cinema), com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS :

1. Discussão e análise do Despacho do Secretário de Estado da Saúde e representação dos Sindicatos na Comissão Integradora dos Serviços de Saúde Local (CISSL);
2. Discussão e análise do próximo Plenário de Delegados Sindicais e Comissões de Trabalhadores, a realizar no dia 29/6/76, em Lisboa (Voz do Operário), com os seguintes temas a apresentar e discutir:
   1. Previdência
   2. Reforma Agrária

Se és Delegado Sindical

Se pertences à Comissão de Trabalhadores;

Comparece e Participa !

Pel'O Secretariado

João Manuel Ribeiro da Silva

COLISEU

EMPRESA RICARDO COVÕES (HERD.) TELEF. 36 19 97

AVISO AO PÚBLICO

Considerando a categoria invulgar desta Companhia, unanimemente aclamada pela crítica como o melhor espectáculo de ballet, apresentado em Portugal depois do 25 de Abril, freneticamente aplaudida por todo o público, o Coliseu e a Empresa da Companhia, envidaram todos os esforços para a redução de despesas, que vão permitir excepcionalmente realizar

UMA SEMANA CULTURAL

com o DESCONTO de em todos os lugares 50%

para que todo o público possa assistir ao melhor espectáculo da temporada

JOK GRANDE COMPANHIA DE BAILADO FOLCLÓRICO DA REPÚBLICA SOVIÉTICA DA *MOLDÁVIA*

ESPECTÁCULOS DE 26 A 30 DE MAIO

SÁBADO e DOMINGO: «Matinée» às 16 horas

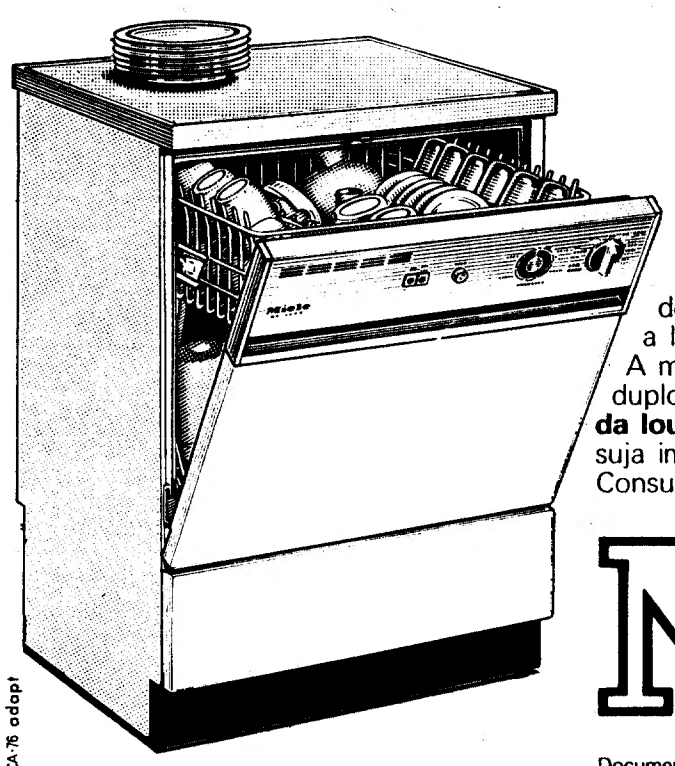
TODAS AS NOITES, às 21.30 horas

(M/ 6 ANOS)

BILHETES À VENDA A PARTIR DE AMANHÃ, às 13 horas

Não temos nada contra os homens que ajudam em casa...

...mas para lavar a louça é simplesmente melhor uma Miele.



Uma máquina de lavar louça Miele poupa **tempo e dinheiro:** cerca de 45 dias inteiros de trabalho, de 8 horas, por ano — e as despesas com a água e a electricidade são menores do que lavando a louça à mão.

A máquina de lavar louça Miele é um produto da **técnica mais avançada!** Três braços de lavagem duplos garantem uma **lavagem perfeita:** o sistema Turbo-thermic assegura a completa **secagem da louça;** e o isolamento sonoro proporciona um **funcionamento silencioso.** E como pode arrumar a louça suja imediatamente na máquina, a sua cozinha tem sempre um aspecto impecável!

Consulte os Agentes Miele. Eles poderão ainda demonstrar-lhe como a máquina de lavar louça Miele, pelas suas características de economia e duração, não é um luxo, mas um bom investimento.

Miele

Documentação gratuita ao seu dispor. Peça à MILE PORTUGUESA, LDA. — R. Reinaldo Ferreira, 31-A/C — Lisboa 5

MARCA 76 adapt

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES GRÁFICOS DO SUL E ILHAS ADJACENTES

C.C.T. VERTICAL PARA AS ACTIVIDADES GRÁFICAS

Convocam-se todos os trabalhadores sócios dos Sindicatos abaixo designados ao serviço do sector em referência, para a reunião a realizar em 26 do corrente pelas 21 horas, no Salão da Voz do Operário, com a seguinte ordem de trabalhos :

— **Discussão e análise do projecto do C.C.T. para o sector.**
— **Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes**
— **Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel Cartonagem e Afins — Zona Sul.**
— **Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa.**
— **Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa.**
— **Sindicato dos Transportes dos Rodoviários do Distrito de Lisboa.**
— **Sindicato Nacional dos Telefonistas e Ofícios Correlativos do Distrito de Lisboa.**
— **Sindicato dos Electricistas do Sul.**
— **Sindicato Nacional dos Técnicos de Desenho.**
— **Sindicato dos Trabalhadores na Imprensa.**
— **Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa.**
— **Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Distrito de Lisboa.**
— **Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza e Actividades Similares.**
— **Sindicato Nacional dos Cobradores e Profissões Similares do Distrito de Lisboa.**
— **Sindicato dos Empregados de Garagens de Lisboa.**

— **PELO CONTRATO VERTICAL**

— **UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS**

— **COMPARECE, PARTICIPA, A TUA PRESENÇA É INDISPENSÁVEL**

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

ENSINO SUPERIOR

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os professores deste grau de ensino para uma Assembleia no dia 25, terça-feira, às 21.30 horas, na sede do Sindicato, na Rua das Gaivotas, 6, com a seguinte ordem de trabalhos:

«Continuação da discussão e aprovação na especialidade do caderno reivindicativo».

Assina : O Secretariado Geral do Sector do Ensino Médio e Superior

ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL. 87 42 80

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
Hoje, às 21.30
M/18

TARAN-TAN-TAN
NÃO ENCHE BARRIGA

Nacional

Nota oficiosa

A Herdade dos Machados continua dirigida pela C.A. nomeada pelo Governo

A propósito de um texto do nosso jornal, inserto na edição de 18 de Maio, recebemos do Ministério da Agricultura e Pescas a seguinte nota oficiosa:

«Dado o empolamento que através de notícias menos exactas transmitidas por alguns órgãos de Informação, nomeadamente os jornais «Diário» e «Diário de Lisboa», tem sido dado ao que se passou e passa na Herdade dos Machados no concelho de Moura, aparentemente na busca de situações críticas de que se possa tirar partido e em tentativas de lançar «poeira nos olhos dos trabalhadores e da opinião pública» deste País, iludindo os verdadeiros problemas, entende o ministro da Agricultura informar os trabalhadores agrícolas e a opinião pública do seguinte: o desenrolar dos acontecimentos no tempo próximo passado é em resumo:

1 — Em face da existência de desemprego de mulheres na região, vinha o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas a pretender que a Comissão Administrativa da Casa Agrícola Santos Jorge aceitasse pôr as mulheres com trabalhos não especializados num sistema rotativo de emprego.

2 — A Comissão Administrativa (C. A.), porque as mulheres actualmente a trabalhar na Herdade tinham sido as únicas que durante o período da apanha da azeitona aceitarám continuar a trabalhar na Herdade dos Machados mesmo em condições menos favoráveis de remuneração, porque a experiência de idêntico sistema no ano transacto tinha sido muito desfavorável e, ainda, porque pretendia estabilizar a situação de emprego na Herdade, decidiu não aceitar a pretensão do Sindicato.

3 — A decisão da C. A. foi em 3 de Maio aprovada por unanimidade num plenário de trabalhadores da Herdade dos Machados, plenário que teve a presença de um representante do C. R. R. A. do Distrito de Beja e de um delegado do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Moura.

4 — A C. A. não querendo, no entanto, deixar de contribuir para a solução do problema de desemprego, decidiu admitir mais 10 mulheres, solução que foi inicialmente aceite pelo Sindicato.

5 — No dia 10 de Maio, apesar dos acordos anteriores, um grupo de cerca de 60 mulheres ocupou uma camioneta que normalmente transporta pessoal para a Herdade, para, novamente, pressionar a adopção do sistema de emprego rotativo.

6 — No dia 11 de Maio voltou a haver ocupação das camionetas e o problema foi apresentado ao Conselho Regional de Reforma Agrária que recomendou a adopção do referido sistema rotativo.

7 — Conhecida aquela recomendação os trabalhadores dos Machados e a própria C. A. decidiram não aceitar e nos dois dias seguintes os trabalhadores da Herdade colocaram-se em greve para pressionar o Governo a fazer respeitar a decisão que havia sido tomada no plenário do dia 3.

8 — No dia 13 de Maio o Sindicato fez uma mobilização de trabalhadores do concelho de Moura e concelhos vizinhos que no fim da tarde se concentraram nos Machados, em número que se estima em cerca de 1500, a pretexto de se informarem sobre a situação. Perante isto o M. A. P. decidiu: a) Exigir a normalização da situação; b) Fazer deslocar a Beja o senhor subsecretário de Estado da Estruturação Agrária para, em conjunto com o senhor governador civil, a direcção do C. R. R. A. e a C. A., estudar o problema.

9 — No dia 14 de Maio, enquanto em Beja o senhor subsecretário de Estado procurava inteirar-se da situação e depois, em reunião com a C. A. a Comissão de Trabalhadores Agrícolas, procurava numa solução para o problema, outros dirigentes sindicais, em desrespeito do previamente acordado, conduziam nos Machados um processo que terminou com a eleição, com intervenção dos trabalhadores que a título eventual se pretendia colocar na Herdade em sistema rotativo, de uma nova Comissão de Trabalhadores e com a decisão de impedir o normal funcionamento da C.A.

10 — No dia 15 de Maio um elemento da C. A. acompanhado do subdirector do C. R. R. A., dirigiu-se à Herdade para apresentar aos trabalhadores a solução que na véspera se tinha aceite em princípio e foram aí recebidos, por parte das mulheres que o Sindicato colocou no sistema rotativo de emprego, com manifestações de grande hostilidade.

11 — No dia 19, novamente, um outro membro da C. A. tentou, por instrução do M. A. P., retomar o controlo da Herdade dos Machados tendo sido impedido de o fazer pela comissão eleita no dia 14 nas circunstâncias já referidas.

Perante estes factos o Ministério da Agricultura e Pescas vem publicamente reafirmar que:

1 — A Herdade dos Machados continua a ser dirigida pela Comissão Administrativa nomeada pelo Governo para a Casa Agrícola Santos Jorge ao abrigo do Decreto-Lei n.º 660/75, sem prejuízo do facto de estar já expropriada nos termos do Decreto-Lei n.º 406-A/75.

2 — Estando a Casa Agrícola Santos Jorge sob intervenção do Estado, é a Comissão Administrativa, nomeada através deste Ministério, a única entidade que pode vincular aquela Casa em quaisquer actos ou contratos.

3 — É firme disposição do Ministério fazer a C. A. retomar o normal exercício das suas funções nos Machados declinando a responsabilidade pelo que possa vir a acontecer.

4 — Dadas as circunstâncias em que foi eleita, em 14 de Maio, a Comissão de Trabalhadores, não pode este Ministério reconhecer essa Comissão.

5 — Dado que, por um espaço que ultrapassa já uma semana, a C. A. e a Comissão de Trabalhadores reconhecida por este Ministério têm estado impedidas do exercício das suas funções, vai ser ordenado um inquérito sobre a actividade durante este período para se apurarem as eventuais responsabilidades contraídas e as atribuir a quem as tenha contraído com usurpação de poderes da C. A.

6 — Qualquer negociação com o Sindicato, tendo em vista contribuir para encontrar uma solução para o problema de emprego, só poderá encetar-se depois da completa normalização da situação na Herdade.

TRABALHADORES DO COMÉRCIO RETALHISTA EM LUTA

DISTRITO DE SETÚBAL

MOÇÃO

— Considerando a posição assumida pelo patronato ao recusar negociar o C. C. T. semi-vertical.

— Considerando que os trabalhadores inequivocamente demonstraram apenas aceitar negociar o C. C. T. semi-vertical, ao aderirem à greve no passado sábado em número superior a 90%.

— Tendo em atenção que o patronato continua a não atender à opinião dos trabalhadores superiormente manifestada.

— Considerando ainda que o patronato continua a dividir e confundir os trabalhadores com manobras demagógicas para impor a sua posição.

OS TRABALHADORES DECIDEM

1.º — Continuar a lutar pelo C. C. T. semi-vertical.

2.º — Alertar o povo do distrito de Setúbal e os pequenos comerciantes em geral de que estão a ser vítimas de uma manobra do grande patronato, da qual os trabalhadores do comércio não são responsáveis.

3.º — Informar que os trabalhadores antes de tomarem a iniciativa de entrar em luta esgotaram todas as possibilidades de resolver o impasse de forma pacífica.

4.º — Continuando os patrões a manter a sua posição de apenas negociar o contrato para caixeiros e empregados de escritório, marginalizando os restantes trabalhadores do sector.

a) Os trabalhadores reunidos em 19/5/75 pelas 17 horas durante a greve decidem, em caso das associações patronais manterem a sua posição de só negociarem o contrato para caixeiros e escritórios, paralisar nos próximos dias 1, 2 e 3/6/76 (terça, quarta e quinta-feira).

b) Posteriormente os trabalhadores decidirão de novas formas de luta.

APROVADA POR MAIORIA COM: 7 VOTOS CONTRA E 8 ABSTENÇÕES

Setúbal, 19/5/76.

NOTA — Por lapso no nosso comunicado «Ponto da situação da greve», de 15/5/76 incluíamos Móveis Coelho — Cacilhas — como fazendo parte da comissão negociadora patronal. Rectificamos: esta entidade patronal não fez parte da comissão negociadora nem criou problemas aos piquetes de greve.

Trabalho

Madeiras: nova greve se não houver acordo

Milhares de trabalhadores madeireiros de todo o País, reuniram-se, no sábado, no Palácio de Cristal do Porto, tendo decidido fazer, de novo, greve no próximo dia 27, se até lá o patronato não se pronunciar favoravelmente quanto às suas pretensões de um mês de férias, subsidiado a cem por cento. Em luta pela mesma reivindicação, os madeireiros já fizeram greve na passada sexta-feira.

Esta decisão foi tomada por aprovação de uma proposta apresentada pela Comissão Negociadora da Federação dos Sindicatos das Indústrias de Madeiras, em que se dizia que «os trabalhadores das indústrias de madeiras presentes no plenário não abdicam dos 30 dias de férias anuais e respectivo subsídio, devendo esta cláusula entrar imediatamente em vigor».

Ainda na proposta pretende-se que as entidades patronais não continuem a emperrar as negociações em curso. Contudo, se certos industriais se mostram dispostos a satisfazer a pretensão dos trabalhadores, o organismo representante dos patrões continua renitente e apenas pretende pagar metade do subsídio, pelo menos no ano corrente.

De acordo com informações prestadas por um membro da Comissão Negociadora, as cláusulas do C.C.T. já aprovadas estabelecem o pagamento do 13.º mês, um novo esquema de horas extraordinárias e a abolição da categoria de 3.ª na escala existente, num prazo de 18 meses.

Entretanto, a Federação dos Sindicatos das Indústrias de Madeiras promoveu uma sessão de esclarecimento destinada aos trabalhadores do distrito de Coimbra, tendo sido abordadas as diversas fases do diferendo com a associação patronal.

Na reunião, efectuada no Inatel, em Coimbra, falou Adalcino Rodrigo, que afirmou ser a crise no sector das madeiras falsa, «dado que dispomos de dados reveladores de que essa crise económica só cabe na mente dos patrões».

Por seu turno, Jorge Abreu afirmou que o patronato está neste momento muito bem apoiado. «Por detrás deles está a C.I.P. Essa estrutura fornece à entidade patronal um advogado a título permanente, um economista e de quando em quando, outro advogado. Isto demonstra até que ponto a luta que encetámos tem de ser vista num contexto mais geral, num contexto da classe explorada contra a classe exploradora».

E continuou: «Aliás, é sintomático, também, que cada vez que o problema é posto na mesa das negociações assiste-se a uma acção vivíssima da parte das entidades patronais, cada vez que se afirma que a Comissão Negociadora é representante de uma classe explorada, a negociar uma trégua no âmbito da luta mais geral contra a classe exploradora».

Sindicatos de Faro defendem movimento sindical unitário

Durante o plenário da União dos Sindicatos de Faro realizado nesta cidade, no passado fim-de-semana, com a presença do Secretariado da União e dos Sindicatos dos Metalúrgicos, Construção Civil, Escritórios, Conservas de Vila Real de Santo António, Corticeiros de Silves, Ferroviários, Garagens, Electricistas e Químicos, foram repudiadas todas as formas de ingerência do Governo, designadamente do Ministério do Trabalho, no movimento sindical unitário.

Quanto à acção deste Ministério, considerou-se que ela se caracteriza, por um lado, pela elaboração de leis sem a participação dos trabalhadores; por outro, por formas de intervenção directa na vida interna dos Sindicatos, «como é o caso dos Sindicatos da Indústria e Comércio Farmacêutico e dos Químicos». Também o DROT e o GAVS são classificados de órgãos de intervenção. O plenário considerou ainda que o M.T. ataca a Confederação Geral dos Sindicatos Portugueses, Uniões de Sindicatos e Sindicatos, visando dividir o movimento sindical.

Em consequência, o plenário da União dos Sindicatos de Faro aprovou uma moção na qual: «denuncia as manobras divisionistas do Ministério do Trabalho e do secretário de Estado do Trabalho; repudia todas as ingerências do Governo e do patronato no movimento sindical unitário; reafirma o propósito de fazer todos os esforços tendentes à defesa da unidade do movimento sindical e, portanto, da Intersindical Nacional e das associações sindicais que fazem parte da sua estrutura».

Finalmente, os Sindicatos presentes no plenário, «conscientes que o Tribunal do Trabalho e a Inspecção do Trabalho de Faro não satisfazem as exigências dos trabalhadores», decidiram «exigir do Ministério do Trabalho que habilite imediatamente os Tribunais de Trabalho com os meios técnicos indispensáveis ao seu funcionamento».

PS QUER CONGRESSO DE SINDICATOS

O Secretariado Nacional do Partido Socialista emitiu um comunicado subordinado ao título «O PS e a Unidade Sindical» em que afirma que a sua política de trabalho visa a unidade sindical de todos os trabalhadores e a sua organização voluntária numa central sindical única. Esta não pode ser a Intersindical «que só é representativa de uma minoria de trabalhadores e se tem caracterizado por uma correia de transmissão do PCP». A terminar, afirma o Secretariado Nacional do PS que é com grande satisfação que vê o esforço de milhares de trabalhadores no sentido de se realizar antes do fim do ano um congresso de todos os sindicatos, organizado democraticamente por uma comissão representativa, da confiança dos trabalhadores.

Comissão técnica estuda situação na hotelaria

«A fim de estudar a situação no sector da indústria hoteleira e similares e de determinar a sua capacidade, tendo em vista determinadas condições sociais e materiais justas e adequadas à referida situação», o Ministério do Trabalho decidiu criar uma comissão técnica que contará com a participação de representantes das associações patronais, dos sindicatos e do Ministério do Comércio Externo e Turismo. Os trabalhos da referida comissão deverão estar concluídos no prazo de 30 dias e inserem-se no âmbito da fase de conciliação em que se encontra o processo de negociações do novo contrato colectivo de trabalho do ramo de hotelaria e similares.

A decisão do Ministério do Trabalho vem a lume numa altura em que os trabalhadores dos hotéis com intervenção por parte do Estado estabeleceram formas de luta com vista à aplicação integral das normas salariais do contrato colectivo em vigor. Com uma adesão de quase cem por cento no Algarve e nos distritos de Lisboa e Setúbal, foram desencadeadas greves parciais hoje interrompidas. Durante a semana que hoje se inicia. o trabalho decorrerá normalmente. No entanto, se, até lá, os trabalhadores não obtiverem resposta do Ministério do Comércio Externo e Turismo, passarão à greve total, ao mesmo tempo que promoverão campanhas de esclarecimento acerca das razões da sua luta.

Controlo operário na Transtejo

Foi aprovada por maioria absoluta, numa assembleia geral de trabalhadores da empresa pública Transportes Tejo, uma moção de confiança à actual comissão de trabalhadores. Aliás, os trabalhadores da empresa Transportes Tejo têm reafirmado a sua unidade contra a tentativa da comissão administrativa de lhes retirar as conquistas alcançadas.

Nesse sentido aprovaram um documento que visa assegurar o controlo dos órgãos de gestão e o estabelecimento de regras para a organização dos trabalhadores de modo a encontrarem formas de intervenção adequadas. O documento referido permite que os trabalhadores assumam o controlo dos órgãos de gestão e a intervenção directa no processo de reestruturação da empresa.

Promover o estreitamento das relações entre as demais organizações de trabalhadores do sector, através das suas comissões representativas bem como com todos os órgãos de vontade popular de base é outra das intenções que move os operários da Transtejo.

No final do plenário foram aprovadas duas moções nas quais se aponta para a necessidade de estreitar a solidariedade e unidade dos trabalhadores para a concretização do acordo colectivo de trabalho vertical.

NO PORTO, AMANHÃ

Retalhistas em greve

Em luta pela «conquista de um Contrato Colectivo digno», cerca de 10 mil trabalhadores do comércio retalhista do Porto entram em greve, amanhã.

«Contra as manobras das associações comerciais» e «contra os salários de miséria» os trabalhadores concentrar-se-ão a partir das oito horas nas instalações do Sindicato, seguindo depois, em manifestação, pelas várias artérias da cidade, sensibilizando a opinião pública para as razões da sua luta.

A decisão da greve foi tomada na assembleia geral da passada sexta-feira, face à intransigência patronal em nao aceitar a tabela salarial proposta pelos trabalhadores e aprovada já em Novembro do ano transacto.

Ainda no último encontro para negociações, ocorrido na sexta-feira, o patronato mostrou-se renitente na sua posição. A onctraproposta patronal, no tocante a salários, é de cerca de mil escudos a menos para cada categoria do que a proposta sindical.

Refira-se que o C.C.T. em causa é o primeiro contrato do comérciio retalhista, para os trabalhadores do Porto, a exemplo do que já acontece noutros distritos.

Frise-se, por outro lado, que a tabela salarial aprovada em Novembro pelos trabalhadores não foi ajustada à taxa de inflação dos últimos meses.

Segundo informação do sindicato, alguns patrões já cumprem a nova tabela, mostrando-se contrariso à posição da associação patronal.

Constientes das repercussões da sua luta, os trabalhadores decidiram, entrantanto, salvaguardar o ramo alimentar. Assim, embora paralisem amanhã, voltarão, neste ramo, ao trabalho na quarta-feira, paralisando, de novo, no dia seguinte a assim sucessivamente, até que o patronato ceda.

na forja

NOVOS CRITÉRIOS NA COMERCIALIZAÇÃO DE CORTIÇA

Uma reunião conjunta dos Sindicatos dos Operários Corticeiros e dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas determinou que as unidades colectivas de produção comercializarão a cortiça amadia, virgem e falca, de acordo com uma orientação única, quanto a preços e entidades compradoras, orientação que lhes será fornecida pelos respectivos sindicatos agrícolas.

No documento em que conta esta determinação e que deverá chegar ao conhecimento de todas as entidades responsáveis pelo sector corticeiro com vista a posterior discussão, ficou também estabelecida a deliberação de que os sindicatos corticeiros proporão aos sindicatos agrícolas os critérios de fornecimento de cortiça às empresas do sector, com vista a impedir a actuação dos intermediários parasitas e a defesa das pequenas e médias empresas, face à concorrência das grandes.

Acentuam os sindicatos signatários que estas decisões não excluem a necessidade de que o Governo «olhe decididamente para o sector, de modo a definir claramente para ele uma política económica e a proceder às indispensáveis nacionalizações das grandes empresas corticeiras e à protecção da economia das pequenas e médias empresas».

Este documento analisa ainda a situação verificada durante a campanha de 75/76, em que a cortiça abriu a preços muito baixos, o que permitiu às grandes empresas corticeiras e intermediárias utilizar a sua capacidade de financiamentos bancários para comprar quase toda a produção, como aconteceu com a firma Amorim e Irmãos. Aponta-se em seguida no texto que «o preço da cortiça quase que duplicou e os pequenos industriais tiveram de cair nas mãos dos grandes empresários e intermediários a quem tiveram de comprar a cortiça, metendo-lhes nos bolsos lucros enormes. Assim, as grandes empresas corticeiras estão a esmagar as pequenas e médias empresas, correndo-se o perigo de falência destas e de desemprego para os seus operários. Como solução, os sindicatos signatários apontam a nacionalização da comercialização por grosso da cortiça amadia, virgem e falca, como garantia de preços e de compra aos produtores e de fornecimento a todas as fábricas do País».

TÉCNICOS DE DESENHO CONTRA CORPOS GERENTES

Os técnicos de desenho do distrito do Porto decidiram destituir os actuais corpos gerentes do seu sindicato por 78 votos contra 52, e um «branco». Na mesma reunião foi eleita uma comissão directiva para o sindicato, pela zona Norte, tal como acontecera já no distrito de Lisboa e em Viana do Castelo. Estes resultados no entanto, estão condicionados aos que se obtiverem nas assembleias de Aveiro, Setúbal, Leiria, Faro e Tramagal. A posse da comissão directiva, no caso de os resultados das assembleias a confirmarem, está marcada para o dia 28.

MINEIROS EM FESTA

O Centro Revolucionário Mineiro de S. Pedro da Cova comemorou no fim-de-semana o seu primeiro aniversário. Participaram nas comemorações, em clima de unidade, comissões de trabalhadores e de moradores da localidade. Os festejos começaram no sábado com pinturas murais executadas pelos alunos da Escola D. Afonso V e depois com um desfile de vários organismos populares em direcção à sede do centro, para assistirem à inauguração do museu mineiro. À noite efectuou-se um comício-festa, tendo-se ontem organizado uma romagem às campas dos mineiros e britadeiros falecidos.

METALÚRGICOS DE BRAGA VÃO PARALISAR

Os trabalhadores da empresa Metais Prumo decidiram iniciar uma paralisação total a partir do próximo dia 1, se até lá a entidade patronal não pagar os salários mínimos fixados na portaria relativa ao sector metalúrgico. Além desta reivindicação, os trabalhadores da Metais Prumo lutam ainda para que a entidade patronal satisfaça reivindicações relativas a seguros de acidentes de trabalho, pagamento de retroactivos respeitantes às alterações salariais introduzidas em Maio de 74 no C. C. T. dos Metalúrgicos; pagamento das dívidas existentes à Previdência e colocação de uma porta nas casas de banho do pessoal feminino da fábrica.

Nacional

José Rabaça e a "indisciplina lançada no mundo do trabalho"

O conhecido e activo industrial e democrata José Rabaça proferiu, recentemente, no decorrer da assembleia geral da Sociedade Têxtil dos Amieiros Verdes, de que é administrador, algumas considerações sobre a situação daquela empresa como do sector têxtil em geral. Na mesma ocasião, referiu-se também à actividade dos sindicatos, pronunciando-se em particular sobre o Plano de Ofir, assim como ao contexto político em que os empresários exercem a sua actividade.

Por nos parecer que estas considerações, feitas por um homem que antes do 25 de Abril se pronunciou claramente contra o regime fascista, são de certo modo significativas da luta de classes que temos vivido e da clarificação que ela provoca, transcrevemos, a seguir, uma parte daquelas considerações de José Rabaça:

«Perdemos nove mil contos, números redondos, em 1975.

«Até pudemos perdê-los e continuar, ainda hoje, com as portas abertas, em laboração.

«Pagámos as facturas dos nossos fornecedores o que foi e continua a ser sagrado princípio de que nos não afastamos. Pontualmente. Pagámos os ordenados e salários dos nossos empregados e nossos operários, — suponho que os nossos operários continuam a honrar-se em ser operários, até porque o desprestígio dos «trabalhadores» que não trabalham tende a qualificar o «operário» como mais significativo que «trabalhador» — o que foi e continua a ser sagrado princípio de que não nos afastamos. Pontualmente.

«Mas acontece que não podemos correr o risco de voltar a perder nove mil contos.

«E isto por uma razão de simplicidade transparente: é que não os temos para os perder.

«É óbvio que a este argumento responderá qualquer sindicalista saloio, de formação simultaneamente celerada e acelerada, que isso, precisamente, é que é bom, porque chegado tal momento dele nascerá o «poder proletário». E isto é uma ideia fixa para os sujeitos que não tiveram obviamente tempo de ler com cuidado umas coisas ligadas à luta de classes.

«Ora, o que acontece, no nosso caso e disso lhes pedimos muitas desculpas é que nós, Administração desta empresa e traduzindo o sentir dos seus accionistas, ou seja dos «exploradores capitalistas» que cá meteram o seu dinheirinho e em quinze anos receberam um único dividendo, não estamos interessados em lutar contra ninguém e temos a fábrica à disposição de quem dela queira tomar conta. Desde que o «quem», como é óbvio, seja «quem» de facto nela trabalha. Porque para a entregarmos a barbudos e guedelhudos com vocação patronal frustrada, isso não, que seria traição a todos que pelo seu esforço fizeram desta casa o que ela é.

«Dito isto e rejeitada portanto a colonização política oriunda de Castanheira de Pêra, analisemos as dificuldades que se nos depararam.

«E vamos ao primeiro exemplo.

«Um dos nossos principais clientes estima os seus prejuízos em 1975 num milhão e quinhentos mil contos.

«Em qualquer sociedade normal é evidente que um cliente desta natureza não pode merecer o nosso crédito. Acontece apenas e porém que esse nosso cliente paga na sua actual fase deficitária muito mais prontamente do que quando anteriormente tinha lucros. Acontece, também, que pelo teor específico dos produtos que consome não é substituível.

«É claro que estamos e vamos continuar a abastecê-lo e seja o que Deus quiser.

«Temos agora o segundo exemplo: a Banca. A nacionalizada. A nossa. Não temos razão de quixa, de maior. As pessoas são, em regra, simpáticas no trato. E mais aceite bancário, menos conta-corrente, com o aval da administração como é de elementar prudência e correcta gestão, a coisa vai indo. O pior são as taxas.

«É que o desconto preferencial implica a sua burocracia enquanto que o normalíssimo papel comercial, do cliente, se faz ainda de um dia para o outro. E neste caso, por exemplo uma letra a 30 dias sobre praça sem balcão do banco vai para 20,7 por cento! Isto são coisas da via original portuguesa para o socialismo o que até pode querer dizer que é uma via barata mas para quem faz contas é que resulta caro.

«Se os senhores Accionistas duvidarem eu não levo a mal. O próprio ministro das Finanças também não acreditava e eu tive que lhe entregar uma fotocópia.

«Mas foi por causa das taxas e naturalmente do maior recurso à utilização do crédito que os encargos com juros subiram de 1200 contos em 1973, para 1400 em 1974 e 3600 em 1975. Resta-nos a consolação de contribuirmos para o património nacional com os resultados previstos pela Banca...

«O terceiro exemplo, relacionado com o agravamento da gestão, reflecte-se no abastecimento de matérias-primas e produtos auxiliares em que vivemos na total dependência do estrangeiro. E se nos cumpre assinalar o impecável comportamento dos nossos fornecedores de lãs e fibras, quanto à manutenção das tradicionais condições financeiras, compreendemos e aceitamos as limitações resultantes aos fornecimentos a partir dos «stocks» que habitualmente mantinham no país e foram naturalmente reduzidos ou eliminados face à onda das ocupações anarco-populistas que caracterizaram o gonçalvismo.

«As reduções nos prazos concedidos para liquidação por parte de companhias fornecedoras de corantes, por exemplo, não deixam de ter incidência nas necessidades de uma mais rápida mobilização de numerário, para lhes fazer face.

O que nos conduz, logicamente, ao encurtamento dos prazos nos nossos fornecimentos e se vêm a traduzir no empolamento de reformas nos vencimentos.

ESTA VOSSA EMPRESA

No balanço que se encontra para apreciação verifica-se que o prejuízo contabilizado ascende a 8 784 508$85.

Isto sem que se tivesse procedido a amortizações.

Nem que se tivessem constituído provisões.

É por demais evidente que as máquinas se desgastaram e envelheceram um ano.

É por de mais evidente que as provisões se justificariam, mais que nunca, face à deterioração do mercado e se traduz no volume crescente de letras

protestadas pela Banca e só parcialmente reflecte lamentável estado da economia portuguesa uma vez que os protestos deixaram de ser procedimento generalizado.

O resultado, assim encontrado, tem uma vantagem: é que não pode ser especulado particularmente pelos que, dados a análises contabilísticas com fins previamente determinados, sempre manifestaram compreensão dura de inteligência ao reconhecimento das amortizações e à necessidade das provisões.

Na orientação futura dois aspectos se revestem de urgente correcção.

O primeiro está em curso e consiste na aplicação dos preços de venda em função dos custos apurados no exercício findo. Supomos que não o fazer implicaria que fôssemos legitimamente acusados de sabotagem económica. O problema foi debatido com os nossos clientes e podemos afirmar que a receptividade foi geral. O segundo reveste-se de maior melindre não porque a solução nao se encontre à vista mas porque carece de uma participação que deve ser voluntariamente assumida.

É simples: o nosso parque de máquinas encontra-se apenas parcialmente utilizado, em tempo, o que se nos afigura criminoso mesmo em termos de economia nacional.

Numa empresa vertical, como a nossa, a produção de fio reveste-se de elemento condicionador de todas as restantes secções que, ou trabalham para abastecer as fiações, ou dependem delas no abastecimento de fio.

O aproveitamente de todo o tempo actual de paralisação permitirá o emprego imediato de alguns, com reflexo a curto prazo de mais uns tantos desde que se disponha de material de trabalho, o que até se afigura de contributo à solução do problema de desemprego que se tem como dos mais graves, senão o mais grave, do País.

É porém lógico que o custo dessa transformação não pode exceder o viável à colocação do produto acabado.

E a legislação sugerida, e aceite, pelos empenhados em fabricar desempregados não conduz às soluções que o senso determina, seja qual for o sistema político que vigore.

Dos índices apresentados no relatório do Conselho de Administração o que mais fere a inteligência de quem assume responsabilidades não é o agravamento de 93 por cento nos salários mas antes a redução de 16,8 por cento na produção de fio cardado e 37,5 por cento na produção de fio penteado de 1973 para 1975.

OS QUE NA EMPRESA TRABALHAM

E aos que trabalham nesta empresa algo há para dizer e deles há que dizer.

Primeiramente isto: que em regra e na generalidade se tem na devida conta a sua participação importante no que apesar de tudo foi possível fazer.

Que o prejuízo do ano passado se fixou nos limites do suportável porque também eles suportaram a parte que lhes foi sugerida como indispensável.

Que dentro da onda da loucura reivindicativa foi consolador verificar que, para além das palavras, traduziram em acções concretas a sua confiança e o seu desejo de lutar pela continuidade da empresa.

E que sabemos dar o real valor a essa tomada de decisão porque também sabemos que os primários da irresponsabilidade os não pouparam às acusações de carácter reles e não são mais que o fruto da sua incapacidade própria.

Mas os resultados começam a aparecer: os campeões dos salários altos e das horas de trabalho reduzidas começam a sentir na carne o encerramento das empresas que conduziram à insolvência. E andam já, por aí, em procissões diárias, de ministério para ministério, a pedir as esmolas que lhes matem a fome agravada pelo nada fazerem. A pedirem as esmolas que afinal lhes acabam por ser dadas por aqueles que continuam a trabalhar e do seu salário participam na sobrevivência dos inúteis.

Quando se traduz este reconhecimento ao senso presta-se uma homenagem; quando se fala da colaboração mais viva de alguns até se tem em conta a amizade legítima e natural a uma empresa que muitos sentem de forma particular porque dentro dela se fizeram homens e a par dela têm vivido; e até se compreende que outros, poucos, por razões temperamentais ou até por formação ou deformação própria, tenham alinhado e pretendido desenvolver uma orientação paralela à de tudo destruir. Mas são efectivamente poucos e até profissionalmente também pouco valem o que além de ser significativo os coloca no lugar próprio dos ultrapassados.

A verdade é que esta firma pagou durante 1975, 51,8 por cento da sua receita em remunerações e encargos aos que nela trabalham.

O que, mesmo para um resultado zero, não permite a continuidade da empresa.

Como além de ninguém admitir uma redução de salários e, antes pelo contrário, se ter como urgente um reajustamento, evidente se torna a necessidade de fazer crescer a facturação.

Para esse crescimento torna-se indispensável a participação mais activa dos que nela trabalham e tanto se pode traduzir em aplicação como na racionalização do processo individual e colectivo do trabalho.

Tudo com vista à continuidade que ainda se tem como possível e que se teria como certa não fossem as dependências do condicionalismo externo à própria empresa.

QUE VAMOS SER?

A análise, em termos frios, das perspectivas portuguesas no campo económico deveria conduzir à desistência de se acreditar no futuro. Em qualquer futuro porque também a análise fria nos assegura a incapacidade de ser a maioria a determiná-lo. Ora quando tal acontece, já nem presente existe.

Este País importa metade do que come.

E tem estado a pagar, essa metade, com os tostões herdados. Esta verificação não significa uma homenagem a quem deixou os tostões. Pelo contrário, representa ainda uma censura a quem em pleno século vinte jogou na poupança do ouro com o sacrifício da preparação mental que o mesmo ouro deveria ter impulsionado. É que os tostões gastam-se, como temos visto, e só a capacidade humana devidamente cultivada conduz à sobrevivência digna.

Para além do que comemos, importamos igualmente tudo ou quase tudo de que uma sociedade civilizada carece: os combustíveis, as matérias-primas, até a energia.

No nosso sector importamos a lã, importamos o algodão, importamos as fibras feitas pelo homem.

Ainda assim o nosso sector conseguia ser o único não parasitário na economia do País.

Conseguimos desde há largos anos, na têxtil, exportar mais do que aquilo que importávamos depois de satisfazer as necessidades internas de vestir os indígenas.

Parece que isso foi descoberto só agora, muito recentemente. E parece, também, que subitamente se começou a olhar para nós, indústria têxtil, em termos de quem pede uma ajuda. As estatísticas dizem que são 300 000 as pessoas que nela trabalham, que o valor da sua exportação ronda os 30 por cento do total e, enfim ganha-se a convicção de se tratar da única indústria portuguesa com uma implantação séria nos mercados internacionais que há muito deixou de justificar a presença dos próceres governamentais sempre que um barco, um avião ou um camião carregam os fios, ou os tecidos ou as confecções que de cá partem.

Isto tudo, é claro, com a tristeza nos olhos dos que folcloricamente sempre preferiram a fotogenia de um guindaste com direito a capacete metálico no crâneo da alta individualidade apadrinhadora de súbitas vocações.

Parece, pois, ter-se chegado à conclusão de que Portugal, na melhor das hipóteses, poderá vir a ser aquilo que for a sua indústria têxtil.

Talvez por isso mesmo, e em homenagem por contraste, as forças da destruição se empenharam no programa de tornar impossível não só a expansão mas a própria manutenção da indústria. Anda para aí, sob a forma de plano de Ofir, com o único objectivo concreto de «derrubar o poder da burguesia, implantar o poder dos trabalhadores». Pouco imaginativos e totalmente afastados dos problemas específicos do sector, os seus autores não foram mais além do que propor a destruição das empresas. O que de certo modo já conseguiam, nalguns casos, a partir da semente lançada ao vento ou antes à brisa de Ofir.

O papel não merece análise. E se se refere é apenas com a intenção de recomendar a sua leitura aos que na urgência e sob pressão até falam da existência do «livro» sem que nunca, como é lógico, o tenham lido.

Depois de 50 anos de poder autoritário foi concedida ao Povo Português a hipótese de se governar a si próprio. A Democracia foi-lhe oferecida de bandeja o que tenho para mim não ser a melhor forma de lá se chegar.

Os quase dois anos passados têm sido desastrosos quanto a provas de merecimento de Democracia.

As forças minoritárias que envolvem o processo democrático tendentes, uma, a reimplantar, outra, a implantar, novas ditaduras têm conseguido pela sabotagem à vida normal e corrente no dia a dia dos portugueses, criar as condições para a morte da Democracia em Portugal.

Pois a fraqueza da Democracia reside aí: no seu respeito pela vontade do homem está implícita a sua própria destruição, quando os homens se demonstram incapazes de lutar por si próprios.

A Democracia tem de ser, na prática, a ditadura da vontade da maioria exercida no tempo determinado por essa mesma maioria.

E a maioria dos portugueses quer o pão, quer a paz, que a ordem democrática traduzida no rigor da vida legal.

Mas se o quer tem de lutar. Porque sem luta arrisca-se a ficar sem pão, uma vez que a paz já não existe perturbada que se encontra pelos marginais e sem a lei que os inventores da legalidade revolucionária prostituiram.

E temos o pão ameaçado pela indisciplina lançada no mundo do trabalho, único capaz de semear e colher.

Neste País sem ouro, sem petróleo, sem matérias-primas so o trabalho pode constituir a fonte de riqueza de que necessitamos. Não é deixando de produzir que conquistaremos a liberdade de distribuir o que efectivamente produzimos. A carência só pode gerar a violência, a carência determinará o regresso à selva onde impera de facto não a lei do número mas a lei do mais forte.

E daí o empenhamento frio, pensado, programado de atirar este País para a fome e para a miséria como processo conducente à busca dos salvadores que acabam sempre por se salvar a si próprios e às quadrilhas que os promovem.»

Acordo com o C.I.M.E.

Portugal a entrar na emigração selectiva

. Foi assinado em Lisboa, e publicado no «Diário da República» no último dia 19, um acordo de cooperação entre o Comité Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME) e o Governo Português.

A notícia, divulgada na semana passada pela ANOP, diz que, segundo o articulado deste acordo efectuado a pedido do Governo de Portugal, o CIME, depois de instalar uma missão em Lisboa, compromete-se a facilitar a emigração dos nacionais e de pessoas deslocadas e não deslocadas, assim como as respectivas famílias, pondo em prática programas definidos bem como a realizar outras actividades que possam vir a ser acordadas com o Governo. Assinala também o acordo que as autoridades portuguesas e os representantes do CIME terão reuniões periódicas para estudar e discutir problemas relativos às migrações, comprometendo-se o Governo Português a conceder à missão do CIME toda a ajuda e facilidades necessárias para o seu bom funcionamento.

Ainda na sequência das obrigações do Governo para com o CIME, o país participará no orçamento respectivo, contribuindo com 200 dólares por cada emigrante português transportado pela organização e comparticipando financeiramente, com uma quantia ainda a ser fixada entre as partes, nos serviços fornecidos pelo CIME para a execução dos programas comuns.

O QUE É O CIME

O Comité Intergovernamental para as Migrações Europeias — CIME — é um órgão que foi criado no início de 1952, após a realização de uma Conferência das Migrações, que havia decorrido em Bruxelas em Dezembro de 1951.

Uma das razões que levou à criação do CIME foi a tentativa de resolução, a curto prazo, e a nível governamental, dos problemas gerados pela presença de grandes contingentes de refugiados espalhados pela Europa, como reflexo da Segunda Guerra Mundial. Esses contingentes passaram então a ser encaminhados para as Américas.

O CIME saiu do anonimato e passou a ser mais conhecido pela actividade que desenvolvia no transporte das correntes migratórias. Actuou na Checoslováquia e na Hungria, com dispositivos de urgência que acolheu e transportou, respectivamente, 150.000 e 30.000 refugiados. Funcionou também ao serviço de 30.000 cubanos adeptos de Fulgêncio Baptista, que haviam fugido de Cuba após a entrada das tropas de Fidel Castro em Havana e que se encontravam em Espanha. O CIME também é conhecido pelo trabalho desenvolvido junto dos judeus da União Soviética e no transporte de estrangeiros que estavam no Chile, quando Pinochet derrubou Allende e instaurou a sua ditadura neste caso, sob determinação expressa da ONU. Actualmente, o CIME tenta alargar e reconverter as suas actividades, através do lançamento de programas de integração e da programação de emigração de mão de obra, além de iniciativas no campo cultural, como, por exemplo, a formação de um curso de línguas.

A partir de 1964, alargando, definitivamente a sua actividade para fora do âmbito restrito do transporte de refugiados o CIME passou a organizar de acordo com Governos da América Latina, membros da organização, o recrutamento e o transporte de especialistas europeus interessados em trabalhar nesses países. Assim, o CIME passou a dedicar-se também a uma «emigração selectiva», pois, na prática, ficou demonstrado que o Comité Intergovernamental para as Migrações Europeias começou a interessar-se pela recolha de técnicos em diversos sectores. Depois da selecção, esses técnicos passaram a ser encaminhados para os países solicitantes da América Latina.

Esta prática do CIME é um tanto discutível, pois pode criar problemas para os países onde actua contribuindo para a evasão da mão-de-obra especializada e de técnicos, que óbviamente deverão fazer parte dos planos desenvolvimentistas dos países de onde são naturais.

REPUTAÇÃO DUVIDOSA

No contexto das organizações internacionais, o Comité Intergovernamental para as Migrações Europeias não foi bem aceite, pelo menos até à década de 1970. Foi uma organização que nasceu e deu, os seus primeiros passos durante a «guerra fria». Algumas organizações não se negaram a dizer que o CIME tinha conotações «pouco claras». Além disso, a sua actividade não era muito bem explicada, uma vez que, no próprio quadro das Nações Unidas, havia toda uma série de organizações e estruturas que preenchiam o espaço que o CIME se propunha ocupar, inclusive a Cruz Vermelha.

Com sede em Genebra, o CIME conta actualmente com os seguintes membros: na Europa, Áustria, Belgica, Chipre, Dinamarca, Espanha, Grécia, Itália, Luxemburgo, Malta, Noruega, Holanda, Suiça e República Federal Alemã; nas Américas, Argentina, Brasil, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Chile, Estados Unidos, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, São Salvador, Uruguai, e Venezuela; no Oriente Médio, Israel; na África, África do Sul.

De acordo com esta lista, pode ser notada a falta de uma série de países, a total ausência da Ásia e uma única representação africana, a de um país racista de Governo branco. Alguns países, como a França, no tempo de De Gaulle, e a Suécia abandonaram a organização. Note-se ainda que importantes países integrantes do circuito migratório, como a Argélia, a Inglaterra e a Jugoslávia, também não constam na relação dos membros do CIME. Salvo a Itália e a Espanha, os países mediterrânicos, tradicionalmente integrantes das correntes migratórias, também estão ausentes. Antes de aderir formalmente, Portugal possuia o estatuto de «observador». Em vista disso, a representatividade do CIME, se não pode considerar-se comprometida, pode ser classificada, pelo menos, como pouco significativa.

O Comité Intergovernamental para as Migrações Europeias é dirigido por um norte-americano chamado John Thomas. Faz parte do «curriculum» deste senhor, a direcção do International Refugee Programm, em Munique, entre os anos de 1947 e 1951. Entre 1962 e 1964, John Thomas foi o responsável pelo Cuban Refugee Programm, organizado pelo Governo dos Estados Unidos. Em 1965 e entre 1968 a 1969, dirigiu o Refugee Programm US-AID, em Saigão, no Vietname.

A partir de 1969, John Thomas passou a dirigir o CIME.

Certa emigração pode ser orientada para defender todos os interesses, menos os dos próprios emigrantes e do país que os fornece

POSSIBILIDADES

O contrato agora assinado entre Lisboa e o CIME poderá ter execução, por exemplo, na colocação de retornados das ex-colónias. Recentemente, um técnico da Secretaria de Estado de Emigração deslocou-se à Bolívia para estudar a ida para certa região deste país, de um contingente de emigrantes que se dedicariam à agricultura.

Coincidência ou não, a zona em questão atravessa uma instabilidade e, segundo informações um tanto fragmentadas que foi possível obter fora dos canais oficiais, dão conta que se trata de uma região pantanosa, onde as condições são extremamente duras. Além disso, o Governo militar boliviano, com Banzer à frente, estaria interessado em povoar as zonas classificadas como «instáveis», justamente para tentar a «resolução» do problema.

Caso essas informações sejam provadas, a gestão da Secretaria de Estado da Emigração, afecta ao P.P.D., estaria a deslocar portugueses, retornados ou não, que iriam desempenhar o mesmo papel de «tampão» que tiveram em África, contra os naturais da terra e contra a guerrilha. Situações como esta poderiam provocar o levantamento dos nativos contra os «novos colonos» e fazem lembrar os primeiros tempos da emigração para o Brasil, tão bem descritos por Ferreira de Castro em «A Selva» e «Os Emigrantes».

Por outro lado, o acordo poderá vir a desempenhar o papel de travão no necessário desenvolvimento acelerado e na decantada recuperação económica de Portugal, em razão da política de «migração selectiva» posta em prática pelo CIME. Não existe desenvolvimento sem técnicos especializados. E Portugal tem poucos. Muitos deles poderão ser deslocados, atraídos por condições vantajosas que outros Governos talvez tenham possibilidades de oferecer e que Portugal não tenha condições de cobrir.

Entre outras razões para a manutenção das reticências contra o CIME, certos países migratórix apontam o facto de não precisarem de intermediários. As consultas para a deslocação de emigrantes podem decorrer directamente entre os Governos. Recorde-se que Portugal tem organismos especializados e, aparentemente, não precisa de «instituições específicas» para «seleccionar», pessoal, inclusive com acesso a ficheiros que deveriam ser de exclusivo uso das respectivas autoridades portuguesas.

QUESTÃO DE PRESTÍGIO

A assinatura do acordo com o Comité Intergovernamental para as Migrações Europeias pode ser, pelo menos, criticável, na medida em que a entrada de Protugal na comunidade mundial e na família das organizações internacionais está a dar-se através de um dos organismos que menos prestígio tem, conforme pode ser visto numa consulta à lista dos países membros e nas significativas ausências que acusa. Curiosamente, a presença de Portugal na relação dos países membros, proporcionará ao CIME mais um ponto, de ue tanto necessita na escala dos prestígios.

Em todo o caso, ainda é cedo para avançar com qualquer classificação alarmista em relação ao Comité Intergovernamental para as Migrações Europeias. Entretanto, uma boa atitude a ser tomada é a de prevenção, até porque não é o CIME que vai resolver os problemas do desemprego e do desenvolvimento económico de Portugal, com as suas «emigrações selectivas».

Além da mão-de-obra ao patrão estrangeiro, os emigrantes portugueses também poderão passar a fornecer «prestígio» às organizações internacionais que se dedicam ao «ramo»

Geral

Portugal visto de Argel com olhos de Terceiro Mundo

Fernando António Almeida

Que resta desta revolução que rebentou como uma tempestade no céu sereno da Europa dos «trusts», Primavera de 1974? (1)

No dia 25 de Abril de 1974, Portugal surgia para um mundo novo. Um mundo novo também no domínio das relações internacionais: novos amigos, novas esperanças. Um enorme capital de simpatia acarinhava então Portugal. Não o capital investido por aqueles, ricos, que já haviam investido no Portugal de Salazar/Caetano, no Portugal da miséria envernizada, mas «europeu», ponta fria da Euro-América na África. No Portugal de então que de africano e multirracial pouco mais era que instrumento do imperialismo.

O 25 de Abril abriu caminhos quase inimaginados; as tentativas neocolonialistas de Spínola foram desmascaradas e despoletadas; o 11 de Março, avançando na Revolução, reafirmava o que de mais profundo tinha trazido o 25 de Abril e parecia consolidá-lo.

Mas em breve ia começar a desestabilização. A força de choque tinha falhado em 11 de Março. A manhã ia tomar à sua conta a destruição do processo revolucionário.

As novas relações políticas supunham também ma iragem nas relações económicas. Delineia-se uma orientação «terceiro-mundista» com base em necessidades e afinidades importantes. Afinidades culturais, afinidades políticas em primeiro lugar com as ex-colónias portuguesas. Na verdade, quanto da política de vanguarda posta em prática em Portugal não foi sugerido pelo trabalho do PAIGC, da Frelimo, do MPLA no seu próprio terreno? Os circuitos económicos estavam criados. Havia simplesmente que corrigir os termos de troca numa base de igualdade e de aliança. Depois o conjunto árabe-africano com o qual as nossas relações estavam congeladas e de repente se nos abriam também como mercados de energia, de matérias-primas e capazes de absorver em parte a nossa, ainda que débil, produção industrial; e não só: do mundo árabe tínhamos também a possibilidade de obter capitais que nos permitiram arrancar o processo de desenvolvimento.

Havia pois opções decisivas a fazer. Opções difíceis, por que significavam uma viragem de 180 graus no que até então tínhamos sido. Opções que esquematicamente poderíamos formular assim: 1) **sermos o país mais pobre da Europa, e continuar a sê-lo, ou um dos países mais desenvolvidos do Terceiro Mundo; 2) sermos os representantes dos interesses europeus no Terceiro Mundo ou os representantes dos interesses do Terceiro Mundo na Europa.**

Por mais esquemática que seja esta formulação ela traduz a nosso ver uma indispensável rejeição da ambiguidade que nos permitiria um processo económico-político interno e externo coerente. É que não se pode servir a dois senhores. Não se pode pretender uma política «terceiro-mundista» com o apadrinhamento dos capitais euro-americanos.

A ambiguidade, a indecisão ou, em última análise, a incapacidade de orientar o poder numa via clara e corajosamente socialista levaram-nos aos braços da Euro-América. Não em paridade com ela (como podem ser iguais, ter o mesmo peso político o sr. Champalimaud ou um pequeno agricultor transmontano? É que a democracia do voto não é assim tão evidente...) mas enfeudados a ela, aos seus capitais, aos seus organismos, à sua estratégia económica, política, militar.

Perdemos uma oportunidade histórica. Perdemos a possibilidade de orientar uma política de paz e segurança no bloco do Mediterrâneo Ocidental. Perdemos a ossibilidade de sermos um País dotado de uma real independência, económica e política — independência, que não isolamento —, a possibilidade de pormos todo o nosso peso em favor dos povos — como o nosso — explorados pela Euro-América e por consequência as condições para dialogar com ela em pé de igualdade. (2)

Perdemos em Moçambique, perdemos na Guiné-Bissau, porque — reflexo do que se passa dentro de casa — quisemos conservar privilégios em países que lutaram duramente contra os nossos colonos, contra os nossos soldados — armados pela Euro-América — para nos arrancar a independência. Perdemos em Angola porque alguém mandou — e nós aceitámos — que não fizéssemos uma vez mais uma opção corajosa e, finalmente, a única rentável: a de ter entregue o poder em 11 de Novembro — pouco «democraticamente», embora, àqueles movimentos para quem a Pátria era um Povo que era preciso libertar da exploração das classes e dos países dominantes, movimento cujas aspirações profundas se identificavam com as aspirações profundas do nosso povo. Um reconhecimento tardio e uma hostilidade permanente impediram-nos mesmo de ter encontrado as vias de uma solução para um problema premente: ter sabido criar laços de amizade com Angola teria permitido o regresso de uma boa parte dos retornados cujo êxodo de Angola criou, ao jovem Estado, problemas delicados, a nós nos acarretou um peso suplementar e um foco de tensão política, e a eles próprios os atirou para uma situação de desespero. E em Timor perdemos também.

Em relação à Argélia continuamos perdendo. E falamos da Argélia porque aqui estamos e porque daqui vivemos a esperança e a desilusão da então Revolução portuguesa. Já em artigo anterior («DL» de 18.2.76) fizemos referência à oportunidade que tivemos — e que em Argel se via com agrado — de participar num bloco independente e não alinhado, à imagem da Jugoslávia, que formasse no Mediterrâneo Ocidental uma zona de segurança, liberta das perigosas querelas da OTAN e do Pacto de Varsóvia, que se afirmasse com uma vocação socialista e independente, cujo peso de dissuasão no confronto Leste-Oeste não seria negligenciável. Teria sido essa a nossa mais válida contribuição para refrear o esforço de partilha estratégica do mundo entre as duas superpotências. Teria sido essa a rota da verdadeira independência nacional, que não a dos castelos de Guimarães e outras mumadonas. Teria sido essa a abertura de uma diplomacia dinâmica com impacto real e positivo no concerto das nações e uma autêntica razão de patriotismo.

Por outro lado, ao que parece, o nosso enfeudamento à Euro-América tem-nos feito perder não só a nossa independência, não só a via para uma missão histórica, não só o nosso prestígio, como nos tem também feito perder acordos económicos que nos permitiriam lançar com segurança planos de desenvolvimento, mais ao abrigo das crises económicas e políticas que sacodem os países da Euro-América e seus satélites.

Entre Marrocos e a Argélia — a que não separam «rivalidades», «pretensões territoriais», «liderança da zona maghrebina», mas sim opções diametralmente opostas: de um lado capitalismo e enfeudamento ao imperialismo, do outro socialismo e independência nacional — entre estes dois países, dizíamos, parece que os dirigentes portugueses referem Marrocos como «partenaire» comercial. Sem ter em conta que se a Argélia não concede tantas facilidades na exploração das suas riquezas como Marrocos, é, em compensação um parceiro muito mais sólido e oferece muito mais garantias a médio e a longo prazo já que o seu desenvolvimento se estrutura num sentido de futuro e a sua economia não flutua ao sabor dos ventos imperialistas. Esta opção por Marrocos parece depreender-se de uma questão a que fizemos referência em seu tempo: a dos acordos sobre pescas que teriam sido estabelecidos com Marrocos e Mauritânia nos bancos costeiros do Sara Ocidental («DL» de 8.4.76). Tivemos a ocasião de receber uma resposta a esta questão quando uma personalidade política portuguesa ligada ao sector nos disse: «É uma questão de «realpolitik»; é de onde vem o peixe que comemos». Verdade que não negamos. Só que perguntamos por nossa vez: será que não haverá possibilidade de realizar acordos com Cabo Verde, com a Guiné-Bissau, com Angola, onde o peixe também abunda, com a vantagem de reforçar os laços com estes três países irmãos e que nos evitariam de dar a nossa caução à anexação ilegal do Sara Ocidental, anexação feita não contra a Argélia, sublinhese, mas contra as decisões do Tribunal Internacional de Justiça e das Nações Unidas, para já não dizer que contra a vontade do povo sariano. E sugeríamos já no artigo citado: o Terceiro Mundo porque optamos, será o dos países enfeudados ao imperialismo? Será por aqui que se orienta o «terceiro-mundismo» dos nossos actuais dirigentes? Infelizmente é o que parece deduzir-se da política que estamos seguindo em relação às ex-colónias portuguesas e agora em relação ao conflito maghrebino. Podemos então concluir pela fidelidade à nossa história recente — de defensores de causas historicamente condenadas, de jogadores perdidos de antemão?

. Se sublinhamos este caso concreto das pescas em águas do Sara Ocidental foi porque tivemos a ocasião de verificar que a hipótese que tínhamos levantado no nosso artigo apareceu confirmada na Imprensa argelina. Dizia-se com efeito em editorial do diário «El Moudjahid» intitulado «a via da pilhagem» a propósito da exploração das riquezas do Sara Ocidental que «os portugueses também participavam na corrida», e citava-se em abono a ida a Lisboa do secretário de Estado marroquino do Comércio para conversações sobre as pescas.

E também não passou despercebida à Imprensa daqui um carregamento de armas embarcadas em Lisboa com destino à África do Sul que, a ser verdade, mostraria bem as nossas opções africanas.

Mas, ao que parece, as coisas não ficam só assim. Diversos indícios que temos recolhido aqui e ali tendem a confirmar o desinteresse dos dirigentes portugueses por estimular as relações, nomeadamente comerciais, com a Argélia. Fala-se em histórias de petróleo que teria sido oferecido em condições vantajosas, de uns quantos jactos da TAP que estão praticamente parados em Lisboa e que poderiam ser alugados durante cinco ou seis meses por ano, e de sugestões que caem num poço sem fundo. E vem a talho de foice falar na degradação das relações entre Argel e Madrid, devido ao volte-face do Governo espanhol no assunto do Sara Ocidental, cujas repercussões se fizeram sentir no domínio económico. Segundo «Câmbio 16» «desde o mês de Dezembro que não se adjudica nenhum novo projecto argelino a empresas espanholas», e a revista cita o caso da ENIM empresa especializada em materiais de obras públicas, cujas propostas foram rechaçadas, como primeiro sintoma da crise. Ainda segundo «Câmbio 16», que lança um grito de alarme, a balança comercial é favorável à Espanha, que em 75 exportou para a Argélia por um valor de 10 771 milhões de pesetas e importou por 6375, mas a situação corre sérios riscos. Ora pouco antes do acordo tripartido de Madrid, por exemplo, os dois países tinham concluído um acordo de venda de gás líquido argelino, num total de 94 biliões de m3, tendo como contrapartida a concessão de um crédito espanhol de 450 milhões de dólares (150 milhões em créditos livres e 300 milhões para compra de bens e serviços de origem espanhola). A presença espanhola é aliás visível em variados sectores da economia argelina: a instalação da rede telefónica nacional está a cargo da Standard Electrica Española (filiar da ITT) e os espanhóis colaboram na construção naval, nas obras públicas, fornecem produtos da indústria ligeira (aparelhagem doméstica e electrodoméstica, material sanitário, etc., etc.). Esta presença que não é alheia à posição tomada pela Espanha franquista em relação ao problema palestiniano, com a recusa do reconhecimento de Israel e alinhamento diplomático sobre as teses árabes, mas posição que a «nova» Espanha parece abandonar, com um próximo reconhecimento, segundo «Câmbio 16», do Estado de Israel devido às fortes pressões americanas. O que segundo a revista porá em risco os duzentos mil milhões de pesetas, cifra do volume de intercâmbios comerciais anuais entre Espanha e os países árabes. E «câmbio 16»: «Doscientos mil millones de pesetas anuales es un dinero!».

E como a política não é assim tão santa como se pensa, nem com a Alemanha, nem com a Argélia, este vazio comercial que se anuncia entre Argel e Madrid não poderia ser em parte preenchido por Portugal?

. Aqui fica a pergunta. Mas, já que estamos neste campo, que se pensa em Argel de Portugal? Tentemos responder nós ao leitor.

Dada a posição de destaque da Argélia no Terceiro Mundo, a opinião da imprensa argelina sobre a situação portuguesa interessa-nos de sobremaneira. Pode com efeito dizer-se que ela reflecte na generalidade a visão do grupo de países progressistas do Terceiro Mundo sobre o nosso país. Apesar de que neste momento em Argel o interesse é dominado pelo problema da Carta Nacional, no plano interno, e no plano externo pela luta no Sara Ocidental, torna-se forçoso fazer uma primeira constatação: Portugal já não entusiasma a Imprensa argelina.

Para quem viu os jornais argelinos durante o período que mediou entre o 25 de Abril e a queda do V Governo, com relevo para a queda de Spínola, o panorama mudou como a noite do dia. Constatou-se então a enorme esperança posta na Revolução portuguesa «terrível onda de choque que varreu com o seu impacto o flanco Sul da Aliança Atlântica, ... transformava a relação de forças na Europa e introduzia **novos factores de equilíbrio** (sublinhado nosso) numa região particularmente sensível às frustrações nacionais, subdesenvolvida, e que constitui a reserva da mão-de-obra barata da Europa do capital, fortemente industrializada e próspera» (3). Hoje o tom mudou. Portugal não representa na opinião argelina senão a constatação de uma «revolução confiscada» pela burguesia, mas onde todavia a direita não esgotou a sua capacidade de acção e segue o seu caminho triunfante.

Na análise de «Revolution Africane», revista que, prevenimos desde já o leitor, não pode ser considerada comunista nem a soldo de Moscovo, o momento mais alto da Revolução portuguesa — ou o seu canto do cisne — foi atingido pela equipa Vasco Gonçalves apoiado nos militares revolucionários e a queda do V Governo significa a vitória das forças conservadoras. A partir deste momento, para «revolution Africane», a regressão é contínua.

A intervenção estrangeira no processo político português não é minimizada, particularmente a do «imperialismo americano (que) utilizou o arsenal completo dos meios de desestabilização para abater e domesticar a revolução», nem tampouco a «chantagem económica exercida ao mesmo tempo pelos Estados Unidos, por intermédio das firmas multinacionais implantadas em Portugal e nas antigas colónias portuguesas... mas igualmente pela Europa Ocidental que condicionou a sua ajuda económica e a concessão de créditos e de financiamento a câmbios políticos no sentido de um regresso ao liberalismo e (pela) mobilização das «mass-media» e deformação deliberada do processo democrático (que) tinha em vista cortar o País da sua emigração... para bloquear as transferências de fundos e agravar as dificuldades financeiras do País que queriam obrigar a abandonar a via socialista».

Ao analisar as causas do fracasso da Revolução portuguesa, «Révolution Africane» não hesita em assacar a Mário Soares uma boa parte da responsabilidade. Recordando a acção do «leader» do PSP diz a revista: «quando ministro dos Negócios Estrangeiros pretendia encaminhar as antigas colónias portuguesas para um estatuto neocolonial de independência negociada, para preservar os interesses das sociedades multinacionais». E já referindo o processo interno nacional: «opondo-se em nome de um eleitoralismo ultrapassado e em nome de um anticomunismo primário à realização de um programa comum da esquerda unida, Soares teve uma responsabilidade histórica na ascenção das forças conservadoras que acabaram por conseguir vencer o Governo de Vasco Gonçalves. Fez assim o jogo da direita que, por inconsciência e por cegueira serviu admiravelmente, ajudado pela corrente moderada do MFA e pelas iniciativas dos «Nove» dirigidos por Melo Antunes».

Como se vê à dureza da análise sequer escapa Melo Antunes o homem em quem, durante os primeiros tempos da Revolução portuguesa, a Argélia — avessa ao jogo dos partidos políticos — parecia esperar, considerado como era elemento capaz de aglutinar as forças de esquerda, e que apresentava a vantagem de não estar enfeudado a nenhum partido e ter uma visão da política internacional francamente virada para o Terceiro Mundo.

E «Révolution Africaine» conclui com um tom pessimista — «A Revolução portuguesa foi assassinada em 25 de Novembro. Confiscada pelas forças da reacção, não sobreviverá às eleições legislativas de 25 de Abril de 1976... É esta a tragédia. O exemplo do Chile merece ser meditado uma vez mais».

A opinião do órgão do Partido da FLN, como se vê, não é branda nem deita muitas contas à esperança. Mas como o leitor já sabe com certeza o que se pensa de Portugal na Euro-América, pelo estardalhaço dos morteiros e elos brindes que decerto romperão nas câmaras fofas de Washington, Bona e Paris, gostávamos também que soubesse o que se pensa por aqui, em Argel, numa capital do Terceiro Mundo, para que visse que nem tudo são festas e morteiros.

(1) **La Révolution confisquée?**, artigo publicado no órgão central da Frente de Libertação Nacional argelina **«Révolution Africaine»**.

(2) Veja-se, por exemplo, o caso do Peru. Só a sua coragem em ter batido o pé aos Estados Unidos lhe permite dialogar em condições favoráveis com os yankess. Ou o caso da Argélia. Ou as ex-colónias portuguesas. Não é pela subserviência que se consegue o respeito dos senhores, mas pela coragem.

(3) **«Révolution Africaine»**, art. cit.

No ALGUEIRÃO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na TABACARIA MIMO

Estrangeiro

FIM DO CONGRESSO NA R.D.A.

Nenhuma referência à reunificação

BERLIM, 24 — (R e «DL») — Com a aprovação de novos estatutos e afixação dos objectivos a atingir pelo povo da R.D.A. no próximo quinquénio, terminou este fim-de-semana o IX Congresso do P.S.U.A., em Berlim.

A reunificação da Alemanha está agora ausente das conclusões desta reunião magna do partido. Em 1963 os comunistas da R.D.A. declaravam-se inflexivelmente empenhados na reunificação com a Alemanha Ocidental, e o futuro da «nação alemã» era apresentado como uma das principais prioridades. Com o andar dos anos, porém, Berlim foi abandonando gradualmente aquele objectivo, embora Bona aspire ainda a uma eventual reunificação. As duas Alemanhas têm assento separado na O.N.U., e a R.D.A. — que há cinco anos, por altura do VIII Congresso do P.S.U.A., era reconhecida apenas por 30 países — mantém hoje relações diplomáticas com 121 Estados.

«A História decidiu há muito o desfecho da questão alemã»

frisou o secretário-geral do P.S.U.A., Erich Honecker, no importante discurso de cinco horas que proferiu na abertura do Congresso. A «inquebrantável amizade com a U.R.S.S. e o povo soviético» foi salientada com grande destaque por aquele dirigente. Três novos elementos passam a fazer parte da Comissão Política do partido que não sofreu mais nenhumas alterações. São eles: Konrad Naumann e Werner Felfe, secretários provinciais do partido, respectivamente em Beroim e em Halle, e Egon Krenz, dirigente da «Juventude Alemã Livre». O projecto de programa de estatutos e de plano económico para o próximo quinquénio poucas alterações sofreram. O Congresso reafirmou a liberdade religiosa.

Os congressistas aprovaram um apelo de solidariedade para «com os comunistas e todos quantos lutam contra o imperialismo e a reacção, para com os torturados e martirizados nas prisões e nos campos de concentração dos regimes reaccionários, porque todos eles servem irredutivelmente a causa da liberdade, e da paz. Denunciando os atropelos à liberdade e aos direitos do Homem cometidos pelos «imperialistas e seus acólitos» que são «incapazes de resolver os problemas dos seus países de acordo com os interesses das massas populares», os congressistas evocam os crimes da Junta fascista chilena, do regime da Indonésia, Israel, Espanha, Uruguai, Paraguai, Guatemala, Brasil, África do Sul, Namíbia, Rodésia, e América Latina em geral. O apelo contém uma condenação contra «as perseguições exercidas sobre os comunistas nos países do capital, a prática do interdito profissional, a pressão política e económica e as outras discriminações de que são vítimas os que lutam com resolução e dedicação pela defesa dos interesses das massas trabalhadoras, pela paz e segurança dos povos, pela democracia e o progresso social». Aplicando-se a muitos países capitalistas, estas frases assumem particular relevo, pois descrevem aquilo que se passa, cada vez mais intensamente na República Federal Alemã, onde está em curso uma verdadeira «Caça às bruxas» anticomunista. O apelo, que é uma manifestação do internacionalismo proletário veemente reafirmado pelo Congresso, condena ainda e denuncia em termos vigorosos e anti-sovietismo, «forma principal do anticomunismo», que inspirou «a ideologia desumana do capitalismo monopolista alemão, que causou a morte a milhões de seres humanos na Segunda Guerra Mundial».

As estradas que ligam a Rodésia à África do Sul oferecem agora o aspecto que a foto documenta, desde que os guerrilheiros africanos passaram a atacar as vias de comunicação entre os dois países. O Governo de Salisbury proibiu as viagens nocturnas nas estradas principais para a África do Sul, as quais são percorridas por colunas acompanhadas de escoltes armadas (Foto UPI)

"Desmoronamento do mito do sedutor latino"

ROMA, 24 — (R) — Cerca de metade as mulheres italianas não obém total satisfação secual dos maridos ou amantes, segundo revelam os resultados de um inquérito publicado pelo jornal de roma «Il Messagero», sob o título «O Desmoronamento do Mito do Sedutor Latino».

O inquérito está contido num livro intitulado «Relatório Sobre o Comportamento Sexual dos Italianos». Assenta em entrevistas efectuadas nos últimos três anos com mais de dois mil homens e mulheres acima dos 21 anos de idade, que foram cimpiladas pelo professor Gianni Caletti, um dos principais especialistas italianos em comportamento sexual.

O estudo revela que 49 por cento das mulheres interrogadas declararam ter ido virgens para o casamento, embora 75 por cento dos homens estivessem convencidos da virgindade das noivas quando as desposaram.

Também 49 por cento das mulheres afirmaram-se insatisfeitas com o actua sexual.

Por ou tro lado, 30 por cento dso homens e 42 por cento das mulheres nãi utilizam quaisquer médotos de contracepção.

Um em quatro italianos teve a sua primeira experiêcnai sexual com uma prostituta e dois terços dos homens interrogados disseram ter tido a sua iniição secual entre os 15 e os 1o anos.

«Agora está provado: «o amante latino só se ama a si próprio» — comenta «Il Messagero».

Dos celibatários contactados, 5 por cento dos homens e 42 por cento das mulheres disserma possuir experiência secual.

Falando aos jornalistas, o professor Caletti delcarou que as suas investigações «revelaram a existência de um número excessivo de pessoas infelizes e de muitas outras insatisfeitas com a sua a tividade sexual».

«Se é esta a revolução sexual, deve dizer-se que a nossa é uma revolução que dá aos homens todas as oportunidades que sempre tiveram e deixa só as migalhas ás mulheres» — acrescentou o professor.

Envio de tropas francesas rejeitado pelos libaneses

BEIRUTE, 24 (ANOP e R.) — Ocorreram ontem à noite, novos combates no bairro comercial de Beirute, após vári s dias de trégua tácita e... forças de milicianos da esquerda e da direita.

Não se conhecem detalhes da luta, mas fontes po. ais anunciaram recontros ontem e, pelo menos, dois outros focos de agitação, após um período de relativa calma.

Os novos combates registaram-se quando partidos da esquerda libaneses rejeitaram a ideia de uma força francesa de manutenção de paz e emitiram um comunicado declarando: «Tal constitui uma espécie de ameaça de invasão».

Os partidos, reunidos sob a presidência do chefe socialista progressivo Kamal Jumblatt, descreveram a declaração feita em Nova Greans pelo presidente Valery Giscard D'Estaing, de que a França estava disposta a enviar vários regimentos de soldados para manter a paz, como um sério precedente. Essa inciativa apenas complicaria as coisas e conduziria a novo agravamento do estado de segurança.

O comunicado pedia também a retirada de tropas sírias para se evitar um pretexto para a interferência de forças estrangeiras nas questões do Líbano.

Notícias não confirmadas que circularam ontem, à noite falavam de luta entre palestinianos pró-siria da organização Saiqa e elementos radicais da Frente Popular para a Libertação da Palestina — Comando Geral (FPLP-CG).

KOSYGUINE VISITARÁ O IRAQUE

MOSCOVO, 24 — (R.) — O primeiro-ministro soviético Alexei Kosyguine, visita oficialmente o Iraque no fim deste mês, anunciou a agência noticiosa soviética TASS.

O anúncio da visita segue-se às notícias recebidas de Beirute, citando círculos diplomáticos, de que o presidente soviético, Nikolai Podgorny, visita Damasco e Bagdade num futuro próximo.

Não houve em Moscovo confirmação da visita de Podgorny, e observadores afirmaram ser improvável que dois altos dirigentes do Kremlin visitem a área por volta da mesma altura.

A visita é a primeira de um dos três principais dirigentes soviéticos a um país da área imediata do conflito do Médio Oriente desde que o próprio Kossyguine esteve no Iraque háquatro anos.

Saddam Hussein, vice-presidente do Conselho do Comando Revolucionário Iraquiano, visitou oficialmente Moscovo, há pouco mais de um ano, quando o primeiro-ministro soviético foi o seu principal anfitrião.

Manifestação contra a visita de Kissinger a Estocolmo

ESTOCOLMO, 24 (FP e R.) — Cerca de quinze mil pessoas desfilaram à tarde pelas ruas desta capital, manifestando o seu protesto contra a visita do secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, que chegaria à Suécia daí a breves horas.

Dois helicópteros da Polícia e muitos agentes vigiavam a manifestação, organizada por diversos grupos suecos de esquerda, como o Partido Comunista, a Associação a Favor do Vietname, a Associação a Favor do Chile, a Associação a Favor da OLP, Grupo Portugal e África, Associação de Amizade com Cuba, etc.

A visita que Kissinger faz agora à Suécia vai pôr à prova a cordialidade das relações entre os dois países, sobre os quais paira ainda a tensão provocada por recordações da guerra do Vietname.

A cooperação económica, o auxílio aos países em desenvolvimento, as perspectivas de desanuviamento, o auxílio à reconstrução do Vietname (que os EUA se recusam a prestar depois de se terem comprometido formalmente a fazê-lo), anova «teoria dos dominós» pósito da Europa (segundo a qual uma nação europeia após outra se tornarão comunistas, se o Partido Comunista Italiano ganhar as eleições) — eis alguns dos tópicos para as conversações Palme-Kissinger. Palme tem-se recusado a admitir os avisos americanos quanto a esta eventualidade, facto tanto mais estranhável quanto é certo ter sido o Partido Social-democrata sueco um dos principais contribuintes estrangeiros para os socialistas portugueses na sua luta contra o PCP. Contudo, a Imprensa sueca tem denunciado contribuições americanas encobertas para os democratas-cristãos italianos na sua campanha contra os comunistas.

Caleidoscópio

■ MANILA, 24 (ANOP) — Treze mortos e 22 feridos foi o saldo de luta travada no aeroporto filipino de Zamboanga entre forças de segurança e os seis guerrilheiros muçulmanos que sequestraram na passada sexta-feira um jacto das linhas aéreas filipinas — anunciou o Governo de Manila.

■ RENNES, 24 — (F. P.) — Nasceu um novo partido em França: o Centro dos Democratas Sociais (C. D. S.).

O novo partido é resultado da fusão de dois movimentos: o Centro Democrático e o Centro Democracia e Progresso. Jean Lecanuet, antigo candidato presidencial e actual ministro da Justiça, chefia o Movimento, e Jacques Barrot, secretário de Estado da jhabitação, será o secretário-geral. O C. D. S. que escolheu como emblema uma mão aberta, tem a ambição de ser a «facção mais avançada e mais audaciosa» da maioria que apoia Giscard.

■ TOQUIO, 24 — (R.) — Alexander Machekhin, de 38 anos, correspondente da agência de Imprensa soviética Novosti, que esteve detido pela Polícia, durante dez dias, por suspeita de fazer espionagem contra a jmarinha dos Estados Unidos, regressou a Moscovo, após ser o Ministério japonês dos Negócios Estrangeiros.

■ PARIS, 24 — (R.) — Dois concordes anglo-franceses escrevem hoje uma página da istória da aeronáutica a efectuarem as primeiras travessias de carreiras supersónicas programadas do Atlântico.

Os aviões, um pertencente à British Airways e o outro Air France, deverão aterrar no aeroporto internacional de Dulles, em Washington, com um intervalo de três minutos um do outro, após um voo reduzindo a mais de metade o tempo de viagem subsónico de cerca

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

CONVOCATÓRIA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os estagiários e orientadores dos centros de estágio da Zona da Grande Lisboa para um plenário a realizar em 27 de Maio (quinta-feira) pelas 21 horas, no Sede do Sindicato, Rua das Gaivotas, Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Participação dos estagiários em reuniões regionais e nacionais dos orientadores
2 — Avaliação dos estagiários
3 — Vencimento pós-estágio
4 — Regulamento de estágio.

O SECRETARIADO-GERAL DO SECTOR CPES E ES

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA (metro: PALHAVÃ) telef. 77 09 69
grupo 4
apresenta
AMANHA ESTREIA
ÀS 21.15 EM PONTO
TODAS AS NOITES: ÀS 21 e 15
SABADOS e DOMINGOS TAMBÉM ÀS 15.30
DESCANSO AS 2.as FEIRAS
O CIRCULO DE GIZ CAUCASIANO
de bertolt brecht

música de PAUL DESSAU e PEDRO OSÓRIO
versão de LUIZ FRANCISCO REBELLO
encenação de JOÃO LOURENÇO
não acons. men. 13 anos

CASINO ESTORIL
SLOT MACHINES MAIORES DE 21 ANOS
TODOS OS DIAS DAS 21 ÀS 2 HORAS SALA DE JOGOS

JINGLES
VEDETAS DA RADIO E DA TV INGLESA
FRANKIE FERRER
MARIA DA FÉ
com
RAUL SILVA e NOBRE COSTA
The FINNAN'S FOLIES
"VISIONS"
THO BANDEIRA AND HIS GROUP
ORQ. CASINO ESTORIL dirigida por Ferrer Trindade
REGINE and BURT
"STRIP-SHOW" SÓ NO WONDER BAR
SALÃO RESTAURANTE às 23,30 (não aconselhável a M./13)
WONDER BAR à 1,00 (interdito a M./18)
Consumo mínimo, Sábados 140$00 - Restantes dias 120$00
(taxas e impostos incluidos)
MATINÉE aos DOMINGOS às 17 horas
Chá completo, 70$00 (taxas e impostos incluidos)

Espectáculos

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Ópera de Varsóvia: a imagem do poder criador

Novo e estrondoso êxito assinalou no S. Carlos a estreia no nosso país da obra de Penderecki «Os Diabos de Loudun», pelo Grande Teatro de Ópera de Varsóvia. Os aplausos em cena aberta prolongaram-se durante uns bons quinze minutos, as chamadas sucederam-se incessantemente, o público acabou sendo aplaudido pelos intérpretes, que não escondiam a sua alegria por tão caloroso acolhimento.

O caso não era para menos. Com «Halka», «Falstaff» e «Os Diabos de Loudun», à razão de dois espectáculos cada, o público que acorreu ao S. Carlos foi colocado numa situação de crescente entusiasmo. Na primeira produção apresentada — a «Halka», de Moniuszko, uma grande ópera nacional — apercebeu-se dos atributos da encenação e do equilíbrio das diversas componentes interpretativas, que sobriamente conseguiam defender uma obra muito marcada pelo tempo; no «Falstaff», de Verdi, havia a juntar a isso a arte de fazer bom teatro, servida por um extraordinário sentido de síntese musical-cénica, ao nível de cada uma das contribuições e da relação entre elas; em «Os Diabos de Loudun» tínhamos finalmente uma criação de raiz, compreendendo múltiplos problemas técnicos de realização e a responsabilidade de impor a obra, de a revelar no seu conteúdo mais profundo, sem poder contar com a ajuda suplementar que, para o entendimento das primeiras, representa a «exegese» efectuada pelo tempo. Como as três produções significavam de certo modo três etapas distintas de um mesmo percurso, cuja grandeza de perspectiva só no fim era possível apreender, aconteceu que no «Falstaff» o público reconsiderou «Halka», e em «Os Diabos» reconsiderou «Falstaff». Reconsiderou, na medida em que redobrou o seu apreço por qualquer das realizações. Foi este entusiasmo acumulado pelo trabalho de toda uma companhia, pelo seu extraordinário apetrechamento técnico e artístico, que produziu o êxito, realmente invulgar, obtido com «Os Diabos de Loudun».

EFICÁCIA TEATRAL

Mais uma vez o traço dominante foi a inteira subordinação de todos os elementos a um critério de eficácia teatral. Excelente **teatro** fizeram os actores-cantores, as massas corais, os técnicos de cena, a própria orquestra, o director musical Nowakowsky e, evidentemente, o encenador Kazimierz Dejmek e o cenógrafo Andrzej Majewsky. Excelente **teatro** fez o autor da música e do texto dramático (designação preferível, neste caso, à de **libreto**): Krzystof Penderecki. A vocação cénica que o grande compositor polaco já deixava transparecer na «Paixão Segundo S. Lucas» desabrocha aqui plena de energia — na concepção global, na edificação psicológica das personagens, na reconstituição ao mesmo tempo realista e simbólica dos factos que determinam a acção dramática, nos meios técnico-expressivos utilizados, entre os quais avultam o tratamento vocal do texto em todos os matizes possíveis (da declamação ao canto, passando por diferentes «variantes» de **sprechgesang**) e o tratamento timbrico da massa coral e orquestral (Penderecki reinventa o som, cria um colorido sonoro realmente novo, carregado de potencial dramático).

A rigorosa inserção das diferentes contribuições individuais e colectivas num todo homogéneo — novamente aquela impressão de perfeição e infalibilidade dignas de um mecanismo de relojoaria, que já o «Falstaff» revelara — impedem-me de estabelecer méritos relativos, quanto a este ou àquele intérprete. Na verdade, não há que distinguir. Mas seria injusto passar em branco os nomes dos responsáveis pelos principais papéis, a saber: Krystyna Szostek Radkowa, alternando com Krystyna Jamroz, em «Madre Joana dos Anjos», e Andrzej Hiolski, em «Urbano Grandier, pároco da igreja de S. Pedro de Loudun». Seria injusto também não mencionar a qualidade absolutamente superlativa do trabalho da orquestra e o virtuosismo dos seus componentes, e porventura ainda mais injusto não chamar a atenção para quem comandou tudo no espectáculo e foi o artífice n.º 1 do extraordinário vigor da realização: o já acima referido maestro Mieczyslaw Nowakowski.

OS TOLERANTES E OS INTOLERANTES

Se algum «senão» haverá a apontar, só poderá ser o de, em certos momentos, a violência do complexo texto-música não encontrar a devida correspondência na encenação. Interveio por parte do encenador, manifestamente, a preocupação de não chocar os sectores do público polaco mais profundamente enraizados numa tradição católica secular.

Certo é que, se Penderecki fosse comunista, esta obra poderia dar origem a especulações anticomunistas por parte de uns tantos católicos reaccionários, dentro ou fora da Polónia. Mas não: Penderecki é católico progressista e anda constantemente pela Europa Ocidental.

Mesmo assim, há quem insista em virar a coisa de pernas para o ar, instilando o «veneno» reaccionário de maneira mais hábil ou mais «esclarecida». Então, pega-se em «Os Diabos de Loudun» e diz-se: é contra o **totalitarismo**. Como normalmente esta expressão é utilizada por certos «democratas» para designar pejorativamente o sistema vigente nos países socialistas, percebe-se onde pretendem chegar...

No entanto, e apesar de algumas declarações públicas contraditórias de Penderecki, o nome deste não pode ser aproveitado para fins de propaganda anti-socialista. Muito pelo contrário: ele tem feito da sua obra — a começar pela «Trenodia às vitimas de Hiroshima» — um manifesto contra as forças retrógradas que procuram deter o processo histórico, isto é, contra as forças da guerra, da violência, do obscurantismo. Com as suas opções filosóficas próprias, a sua mundividência de inspiração católica, o autor da «Paixão Segundo S. Lucas» e dos «Salmos do Rei David» marcha ao lado das forças da paz e do progresso e não contra elas.

Neste aspecto, o significado profundo de «Os Diabos de Loudun» é inequívoco. Tal como no original de Huxley, na peça de Whiting ou no filme de Ken Russell, a ópera de Penderecki constitui uma impressionante denúncia do poder reaccionário, torcionário e obscurantista a que a Igreja esteve ligada e de que foi instrumento, em determinadas situações históricas. O seu conteúdo vale, porém, para qualquer época ou para qualquer lugar onde, hoje em dia, a violência fascista levante cabeça. Com o seu silêncio cúmplice, a hierarquia da Igreja portuguesa abençoou durante cinquenta anos a perseguição política, a tortura, a própria liquidação física dos antifascistas e, sobretudo, dos comunistas portugueses. Assim como na França de Luís XIII, em que o Rei, com o beneplácito do Cardeal de Richelieu, organizava massacres dos seus inimigos político-religiosos, para diversão da corte, assim também no Portugal de Salazar e Caetano, a alta hierarquia da Igreja (salvo raríssimas excepções) constituia o aval moral do fascismo. Hoje é, no fundamental, a mesma hierarquia e muitos dos seus órgãos paroquiais, quem tem dado cobertura, no Norte do País, ao ódio vesgo e fanático aos comunistas, à ignorância e ao analfabetismo militantes, aos sentimentos hostis à democracia e à liberdade, aos actos de terrorismo. A isto se chama intolerância reaccionária.

Mas esses, os que desencadeiam tão feroz campanha contra o progresso e as transformações sociais, esses não são «totalitários»... «Totalitários» são os outros os tais que na Polónia respeitam a Igreja, respeitam os católicos, respeitam os sentimentos religiosos da população, e até procuram evitar chocar estes sectores, através da modificação substancial de certas cenas de uma obra onde se pretende **representar** toda a crueza da verdade. Entretanto, em certas encenações «ocidentais» da mesma ópera de Penderecki não existe semelhante preocupação, antes se procura nelas exprimir a vera imagem da tortura e da violência, que domina em alguns momentos e é claramente exigida pelo texto e pela música. Mas, como aí o sistema vigente é o da exploração capitalista, a hierarquia eclesiástica considera que está tudo bem. O mal ao mundo vem do socialismo... Até quando é que a Igreja portuguesa se negará a aprender ja não direi com a Igreja polaca, mas com a Igreja do Brasil, ou do Uruguai?

LIÇÕES PARA NÓS

Voltando às questões artisticas, a presença entre nós do Grande Teatro de Ópera de Varsóvia, encerra umas tantas lições:

1) Só com infra-estruturas adequadas no campo do ensino e no do trabalho ou das profissões artísticas, poderá algum país aspirar à qualidade e ao poder de intervenção social alcançados nestes espectáculos. Ressaltam, na Ópera de Varsóvia a capacidade criadora de enriquecer o património cultural do passado (seja o nacional, como em «Halka», seja o de outros países, como em «Falstaff») e de erguer de raiz novas e complexas obras que, como é o caso de «Os Diabos de Loudun», têm imediata ressonância universal.

2) A continuidade, a rejeição da improvisação e do amadorismo, o trabalho colectivo, são indispensáveis ao aperfeiçoamento artístico. Não foi por acaso que as três óperas apresentadas entre nós tiveram elencos de actores-cantores, responsáveis de cena e directores musicais completamente diferentes. Cada uma tinha a sua própria equipa de realização (restando apenas como elementos comuns o coro e a orquestra).

3) A linha a seguir pelo Teatro de S. Carlos deverá basear-se nos dois princípios seguintes: a) Trazer até nós o repertório estrangeiro única e exclusivamente através do sistema de acordos culturais (e desistir definitivamente da antiga tradição empresarial, que ainda este ano presidiu à montagem da **Tetralogia**, e que nem produz bons resultados artísticos nem permite uma aplicação rentável das verbas); b) Promover a criação sistemática de espectáculos dramático-musicais, com obras de fácil montagem encomendadas a compositores e dramaturgos portugueses e realizadas pelos nossos cantores, pelos nossos músicos, pelos nossos homens de teatro e, ao mesmo tempo procurar fazer reviver o que de mais representativo existir no nosso património operático de outras épocas. Uma tal política cultural servirá, quanto menos, para estimular o ensino da música e a sua urgente reforma.

SINDICATO DOS PROFESSORES
da Grande Lisboa
CONVOCATÓRIA
Convocam-se todos os professores do CPES e ES para um plenário a realizar no dia 24, segunda-feira, pelas 21 horas, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa.
ORDEM DE TRABALHOS:
1. Colocações
2. Horas extraordinárias
O Secretariado de Sector

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

CAPITALISMO E SOCIALISMO: AQUI É QUE BATE SEMPRE O PONTO

Goodies, lembram-se? Aquela série inglesa de que lhes falei há tempos. Depois, uma interrupção de semanas. Ontem outro episódio em que o humor gratuito e coceguento, a excelência do desempenho e da técnica e a crítica à sofisticada crise capitalista na Inglaterra andaram de mãos dadas.

Crítica amena, diga-se. Nada demolidora. Ora vamos lá tratar com gentileza esta serpente com quem vivemos e cujos absurdos até nos podem fornecer material para que as pessoas, atingidas por essa crise possam rir, rir, RIR, até rebentar com os suspensórios ou com os colchetes da saia, rir da própria crise, por forma a esquecerem ou não saberem nunca as razões profundas da crise e consigam viver amavelmente com o vampiro que as suga: a mesma crise.

Os heróis da nossa história desenvolvem um produto que, tomado ao deitar, produz efeitos soníferos imediatos. Tão imediatos que os administradores, os funcionários do grande banco, os ministros e também todos os trabalhadores ficam a dormir durante uma porção de dias. Daqui resulta a imobilização do país. Os próprios locutores da televisão adormecem depois de beber uns goles de «Snooze», a poção mágica — e agora já sei, já sei. Já descobri: os locutores da Televisão portuguesa consomem «Snooze»!

. Ora ao ver como a história dá p'ró torto, os heróis da história lançam-se noutra empresa: preparar nova mezinha a qual uma vez tomada anula os efeitos da outra. Toma-se «Snooze» para dormir; toma-se depois anti-«Snooze» para acordar.

O mecanismo da publicidade e as «maravilhas» da sociedade de consumo não ficam com as tripas à mostra: levam, quanto muito, um beliscão. Aliás uma vez a engrenagem posta em marcha, torna-se praticamente impossível evitar os seus efeitos desde que se continue submetido às leis dessa engrenagem ou, para tudo dizer, à lei essencial dela, que consiste na destruição do homem. Repare-se na experiência do tabaco: os pacotes são obrigados a declarar a íntima relação entre o tabaco e o cancro. Ora nem por isso os fumadores prescindem do seu assassino consolador...

Crítica amável e, ao mesmo tempo, desencantada. Sem perspectiva de nenhuma espécie. Mais do que a denúncia da realidade, antes pode entender-se como a preparação para a habituação a ela. O riso ri com a superfície arranhada. Ri — e faz dormir:

Tal e qual, também, como o tal «Snooze».

Depois do **Telejornal,** a segunda parte de «Gente desconhecida», produzido na República Democrática Alemã.

Já procurei fazer aqui um leque de diferenças entre *Gente Desconhecida* e outro filme, este de origem italiana, chamado «Uma Cidade ao Fundo da Estrada». Também viria a propósito estabelecer alguma diferença entre o filme da RDA e o *Goodies*.

Curiosamente, no episódio de ontem também nos aparece uma questão semelhante: Matilde, a irmã de Gertrud, mãe de Joana, e que vive na Alemanha capitalista, do outro lado do muro, toma igualmente dois comprimidos — para adormecer, um; para acordar, outro...

Matilde vive obcecada pelos preconceitos burgueses da Alemanha Federal, faz negócios de agiota, leva uma vida frenética na preocupação de defender os seus bens. O meu amigo Rui Martins dirá, na sua língua rica e pitoresca, que a Matilde «vive do lado dos figos»...

Quanto à mãe Stark, a sua vida é aparentemente menos rica de coisas — mas às coisas a verdade é que não está preso. A sua vida é tranquila, ela sabe que se encontra numa sociedade dia após dia mais libertadora, humanamente mais enriquecida. As pessoas, na sociedade a que pertence a mãe Stark, já se não abocanham como lobos: respeitam-se na sua liberdade de escolha, na sua construção. A mãe Stark não precisa de tomar comprimidos para dormir porque não precisa de amordaçar a sua consciência ou de violentar a sua vontade.

No filme inglês, o problema é material para rir; no filme da Alemanha Democrática, o problema arrasta para uma observação cuidadosa. No filme inglês, «não se pensa mais nisso»; no filme da RDA ficamos a pensar nisso porque o contraste existe e a polémica é inevitável.

Chegamos aqui à diferença fundamental entre as duas obras: em **Goodies,** não há nenhum motivo, nenhum sinal de esperança. Critica-se uma «sociedade natural», mostra-se uma realidade parada, estamos em presença de uma opção metafísica. Aliás, quer nos filmes ingleses, quer americanos, destinados à grande massa de consumidores, tudo se passa como se a sociedade se encontrasse parada como sempre, como se não houvesse outra *maneira de ser*.

Pelo contrário, no filme da RDA a crítica processa-se sempre em nome de um projecto, em nome de uma transplantação, em nome de um ideal. Importa trabalhar, para criar mais riqueza e, logo, mais bem-estar para todos (e não apenas para meia dúzia de privilegiados); importa discutir, pôr os problemas, avaliar as situações, a fim de melhor poder organizar para melhor corrigir e transformar. No filme da RDA vê-se que o **humano** evolui ao compasso da evolução da sociedade. Estes dois elementos não se opõem antes se justificam e completam.

Em resumo, nestes dois filme assistimos a duas posições antagónicas: o filme inglês é assim porque a sociedade inglesa nada de bom tem para oferecer, é uma sociedade condenada que nenhuma confiança pode inspirar; o filme da RDA é assim porque as pessoas têm confiança na sua sociedade, sentem-se protegidos por ela, podem melhorá-la e transformá-la em cada dia.

De um lado, o riso céptico; do outro, a alegria confiante. Que é como quem diz: de um lado o capitalismo, do outro, o socialismo.

Quer queiramos, quer não, é sempre aqui que bate o ponto.

PUB

H. PARRY E SON

ESTALEIROS NAVAIS, SARL

COMISSÃO DE TRABALHADORES

COMUNICADO N.º 12/76

Os trabalhadores de H. Parry e Son, S. A. R. L., tornam público através da sua Comissão de Trabalhadores:

Em Plenário de 13/1/76, os trabalhadores do Parry que usufruíam do «privilégio» de uma importância equivalente a um mês de ordenado à custa de uma redução do valor das horas extraordinárias, incentivada e favorável ao patronato desde 1969, discutiram longamente o assunto, tendo chegado às seguintes conclusões:

1 — Dado que tal «privilégio» foi conseguido à custa da redução do valor das h. extras dos trabalhadores do PARRY afectando principalmente a classe operária e que as horas extras foram sempre do interesse do patronato:

2 — Dado que o processo da diluição dessa verba apontado pelas forças burguesas não coincide com interpretação dos trabalhadores indo pelo contrário agravar ainda mais as diferenciações do leque salarial na Empresa;

3 — Os trabalhadores do Parry deliberaram que «a importância equivalente a esse mês de vencimento» fosse diluída em partes iguais por todos os trabalhadores da Empresa.

Após a decisão em contactos com a Administração da Empresa, esta não pretendeu acatar a forma de diluição aprovada em Plenário apontando a «aplicação das leis».

Assim, depois da consulta aos Sindicatos, remetemos ao Ministério do Trabalho o problema para que este sancionasse a decisão dos trabalhadores em defesa dos seus interesses. Surge a partir desse momento a indecisão das forças burguesas do Ministério do Trabalho, em defesa dos interesses contrários aos dos trabalhadores.

Como surgiram entretanto casos idênticos na Petrogal e na Sociedade Portuguesa de Explosivos, não estamos mais sós mas sim em luta solidária com estes trabalhadores.

Assim, alertamos o Ministério do Trabalho, da nossa firme disposição de em conjunto com outros trabalhadores de outras Empresas, encetarmos formas de luta comuns até à resolução favorável aos critérios e deliberações justas dos trabalhadores.

Estaleiro de Cacilhas, 24 de Maio de 1976.

A COMISSÃO DE TRABALHADORES

A MAIOR AVENTURA
depois de "LAWRENCE DA ARÁBIA"

Columbia Pictures apresenta uma Produção Herb Jaffe num filme de John Milius

com

Sean Connery Candice Bergen Brian Keith e John Huston

O Leão e o Vento

(The Wind and the Lion)

Escrito e Real. por John Milius — Prod. por Herb Jaffe

Musica Jerry Goldsmith — Filmed in Panavision — Color

Production Services by Claridge Associates/Persky-Bright

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

AMANHÃ NO **MONUMENTAL**

Hoje

«Evasões Célebres» — Conde de Lavaletce

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **Espaço Visual** — pintora Assunção Venâncio — um programa apresentado pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
19.25 **Teledesporto** — rubrica dedidada às actividades desportivas do fim-de-semana.
19.50 **Da Saúde e da Vida** — a criança diminuida mesa-redonda com José António da Costa Quinta (otorrino), Elmano Vendrell (oftalmologista) e Maria Conceição Cassiano Neves Psicologia infantil).
20.10 **Vivendo o Futuro**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição
21.05 **Momento Político**
21.40 **Teatro** — teatro galego — «S.O.S. do Estrelecer», pelo grupo «Histrion 70» de Orense. Produtor: Centro do Porto. Direcção de TV: Correia Alves.
23.00 **Telejornal** — 3.ª edição
23.15 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **«O Regador Mágico»** — série filmada.
20.25 **«Tailândia Bangkok»** — documentário.
20.50 **«Evasões Célebres»** — série filmada.
21.35 **Mahler por Bernstein** — a 4.ª Sinfonia de Nahler pela Orquestra Filarmónica de Viena, sob a direcção de Leonard Bernstein, com o soprano Edith Mathis. Realização de Humphrey Burton. Departamento de Programas Musicais e Recreativos.
22.25 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa.
22.55 Fecho1

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1.º Período** — **13.15**: Abertura e Telejornal — 1.ª edição; **13.30**: «Paulo e Vergínia» — 3.º episódio; **13.55**: Logo à Noite. **Ciclo Preparatório TV** — **14.10**: Língua Portuguesa (2.º ano); **14.35**: Matemática (1.º ano); **15.00**: Francês (2.º ano); **15.25**: Ciências da Natureza (1.º ano); **15.50**: Educação Visual (2.º ANO); **17.10**: Matemática (2.º ano); **17.35**: Língua Portuguesa (1.º ano); **18.00**: Trabalhos Manuais (2.º ano); **18.25**: Francês (1.º ano). **2.º Período** — **19.00**: «Wickie, o Viking»; **19.25**: Documentário; **19.55**: Ver — humor português; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição; **21.05**: «Sweeney» — série policial; **22.00**: Como Vai Portugal — «Les Dossiers de L'Ecran» (excertos); **23.00**: Telejornal — 3.ª EDIÇÃO; **23.15**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **20.00**: Abertura e «Paulo e Virgínia»; **20.25**: Encontro com o Passado — OS COLECCIONADORES; **20.55**: TV Jazz — com «Dizzy»; **22.00**: Telejornal; **23.30**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus 13-B Rua Maceu, 8

Desporto

Benfica: a honra de ser um campeão

Comentário por NEVES DE SOUSA

Não tenho nada a ver com o caso: mas, a verdade é que, ontem, em Alvalade, não foi o Benfica quem triunfou no cotejo com os seus pares de redundância semelhante mas (isso, som) o Sporting que se derrotou a si próprio, num acumular de erros e falhas que se torna verdadeiramente difícil enumerar na totalidade. O que, diga-se por ser igualmente de inteira justiça, em nada retira aos **encarnados**, homens-futebolistas de estatura campeã, a menor parcela de mérito, porquanto souberam (graças a si próprios e muito por força de um técnico sapiente) reduzir o Sporting a uma fita estriada que, de tanto se puxar por um extremo, acabou por romper de alto a baixo.

Comecemos, porém, pelos bastidores deste (sempre) apaixonante «derby», a fazer coisa como 1700 contos na bilheteira **verde**, mas (confidenciou triste e pesaroso o bom do Alberto Lourenço) a significar um talvez adeus à Europa, na fase em que o clube de João Rocha mais necessita de escudos e divisas estrangeiras para melhorar o património. E os triunfos no futebol (sabe-se) são o melhor acicate à massa associativa para corresponder, **em bom**, aos apelos de abertura de bolsa. Ora, como o Sporting comete erros consecutivos em matéria de chuto na bola, é fácil de ver que terá de socorrer-se de outros ímans para chegar ao topo do mastro.

De facto, creio que não lembraria a ninguém de bom-senso (ainda que não fosse grande técnico de futebol...) afastar Manuel Fernandes da zona fronteira para o remate ao golo, enjeitando-o como párea lá para a linha lateral, só para tentar (mal e porcamente) justificar a contratação de um sujeito brasileiro negro e pesado, que dá pelo nome de Manoel e era tão bom no pátrio lar que até o exportaram para cá, talvez para compensar a **maralha** que nós (também por malandrice) diariamente recambiamos para as Copacabanas e planuras paulistas. Só com uma diferença: a gente manda-os com dinheiros no bolso, eles vêm para cá evitar o labor do pé de obra nacional. O que é triste e de lamentar.

Pois, como iamos dizendo, seu Manoel é (até prova em contrário) uma espécie de Mosquera, uma cópia de Pacoti, assim a modos que um tal Luís António ou Zézinho: não vem ensinar nada, mete os pés pelas mãos, confunde tudo e todos, não vale um ceitil. Ainda por cima, tira a hipótese do Sporting logo de entrada (e em cada despique) apresentar onze jogadores, como a lei lhe faculta. Logo ao silvo inicial a jogar com dez, os **leões** acabaram a partida com nove: porque outro brasileiro (Da Costa) que espirra nervos pelo nariz e não pode ver perna ao léu na sua frente, cedo conheceu o **olho da rua** por, com o jogo parado pelo assinalar de uma falta cometida por Vítor Martins em jogada trivial sobre o defesa sportinguista, alçou da ripa e, nas barbas de Nemésio de Castro (e da multidão atónita) zás que se faz tarde. Veio para o duche (como basicamente se impunha) e nem um só espectador se ergueu para lhe desculpar a indisposição de fígado.

Assim, amigos, a jogar com nove futebolistas, que queriam os «leões» ? Caminhar para a Europa?

EXAME

Aliás, deve escrever-se que, muito briosos e cheios de ralé, os nove profissionais sportinguistas bateram-se de igual para igual ante a nítida superioridade numérica dos **encarnados**, mais acentuada a partir da expulsão de Costa (21 minutos). Mas, como Fraguito continua a valer ouro, Damas fazia as estiradas de despedida, Manuel Fernandes tentava entrar na área (bloqueada pelas pernas do negrão Manoel), Chico era um pequeno portento de entrega à luta e, tanto Baltasar como Nelson funcionavam como peões de brega de uma defesa sem falhas (Laranjeira em «good», Inácio em crescento, Mendes muito atento) o Benfica não fazia golos: e Jordão, ávido de molhar a sopa para valorizar o «cachet», estava embarcado num barco a remos concorrente a regata transoceânica.

O Benfica consentia cantos sobre cantos (2-8 na 1.ª parte), mas, paradoxalmente, pertenceram-lhe as grandes oportunidades do período de abertura: por Moinhos (à rede lateral), por Néne (sobre a barra), por Jordão (a passe sublime de Vítor Martins). Mas, do lado adverso, assistia-se à inacreditável série de **defesas** feitas por Manoel (a estorvar o caminho dos colegas para as malhas de Bento) e ao nulo aproveitamento de Manuel Fernandes como goleador de élite. Para cúmulo, a expulsão de Costa fez recuar Chico: e passou a olhar-se apenas para o relógio, à espera de um **milagre** que Juca não queria invocar. Ou colocar imediatamente em campo Libânio (atirando Manoel para o balneário) ou explorar a hipótese de uma dupla na frontaria comandada por Messias: Nelson e Manuel Fernandes, em tentativa de golo que qualquer deles sabe marcar nos momentos decisivos. Mas, o bom do Juca, treinador sportinguista, parecia satisfeito com o empate: e deixava o tempo rolar, convencido que o Benfica estava ali para entrar no cortejo e não para fazer a rábula para ovação de luxo no baixar do pano de espectáculo milionário.

K.O.

Assitiu-se, então, a um «show» de anedota: um nevrótico apanha-bolas, entornado dos azeites, quer entrar em capo para cumprimentar o árbitro. Seguro por três guardas da PSP, é encaminhado para o túnel: mas, eis, que dá um safanão nos anafados agentes da autoridade e, arrancando uma bandeirola do estádio, pega nela com tal instinto bélico i a pronta e enérgica aplicação de algumas regras da arte marcial para o desvairado soltar o pau e ir de charola para dentro de água. Foi, não há dúvida, um intermédio que poderia considerar-se cómico se não reflectisse como é alienado (infelizmente todo aquele que não receba a conveniente dose de chá em pequenino. Uma diatribe que poderia, a esta hora, valer milhares de contos de prejuízo ao patrão de um tal «desportista».

Na 2.ª parte, cada clube jogou com algumas armas novas: o Benfica trocou Moinhos e Vítor Martins por Diamantino e Nelinho, talvez para precaver o 0-0 que teimava no «placard». Os «leões» a muito custo, lá correram com o Manoel dali para fora, fazendo entrar no palco o relampejante Lihos felinos. Todavia, a pintura ficara toda borrada quando Juca mandou sair Fraguito: a chamada de Valter nada representaria de melhoria, dado o puro e simples facto de se abdicar (apenas) do melhor jogador no terreno, ainda com gás e força para vender generosamente. Foi, sem mácula, um erro crasso do responsável leonino. E, de tal monta, que rapidamente vieram os três golpes fatais dos benfiquistas: em seis minutos, Mário Wilson conseguiu aquilo que parecia inacessível às suas hostes: o rotundo 3-0 que fica como espelho de saber aproveitar as falhas alheias e, em contrapartida, dar trunfos em vasas menores, das que não pontuam nem são embaraçosas.

SEMELHANÇAS

Os três remates que escreveram o resultado numérico tiveram pontos comuns: todos derivaram de cruzamentos, todos encontraram a defesa **verde** a olhar para o boneco, em todos eles o marcador chegou à boca da baliza com o véu à mercê. De um endosse de Artur a Nelinho partiu o cruzamento a que Nené deu o pé em toque subtil, ante um estismo atordoado de todos os «backs», quais «Manoeis» de coasião. Depois, veio o 2-0: outro centro (do ex-setubalense Batista) colhe Jordão em corrida e, quando se pensava que um sportinguista (um só que fosse) teria ainda pernas para bloquear o caminho, ai está outra vez a incredítável pasmaceira a tolher os movimentos dos quatro «Cristos» que circundavam Damas. E o 3-0, já quando se esperava tudo e mais alguma coisa, foi precisamente a papel químico: Sheu correu pela esquerda centroue, à vontadinha, como quem lava o rabinho a meninos de mama, Nené empurrou a bola para as malhas. Aos sportinguistas, não aflorava a menor desculpa: com jogadores sem capacidade torácica, com trocas e baldrocas do «team», que poderia esperar-se na queda do Céu?

RESCALDO

Ainda mais alguma coisa valeu o bonito ou sorumbático jogo de Alvalade, que precisamente viajou entre o polo do entusiasmo e o rodapé da abstinência ao aplauso (pela conquista do bocejo). A belíssima actuação de Sheu, por exemplo. Ou a magnífica entrega de Barros e Messias à guarda de toda uma zona. Mais, também: a limpesa com que Bastos Lopes ou Artur impediram que Manuel Fernandes (na fase de desterro obrigatório) se aproximasse de Bento e despedisse o pé-canhã. Mas (convenhamos) tiveram bom apoio nos camaradas da central: que viam por um óculo qualquer oponente de mediana categoria técnica. Aiida uma palavra para o entusiasmo de Diamantino e outra para a sapiência de Nelinho, que só faz lembrar o remoto motivo porque não está mais tempo em jogo. Enfim: estava ali um «team», jogavam do outro lado uns rapazes bem intencionados.

INSÓLITO

Cabe agora a vez de falar no caso mais insólito até hoje registado num Sporting-Benfica de campeonato nacional profissionalizado: faltou o árbitro indicado para o espectáculo e foi necessário que um trio de ocasião, pescado na repleta e estarrecida bancada, se prontificasse abnegadamente a cumprir o dever de que se tinha eximido um colega nomeado superiormente pela entidade que preside a estas coisas da arbitragem no chuto.

Imaginou-se, quando do apelo pelos altifalantes «a árbitros que estejam presentes e queiram acorrer rapidamente à porta 10-A», que tivesse sucedido o pior: que o juiz nomeado estivesse doente (ou etc., etc...). Que um acidente de automóvel ou a confusão de trânsito tivesse impedido a sua comparência no local de serviço, que um percalço de todo o tamanho estorvasse a satisfação do dever cumprido, simultaneamente, com a honra de dirigir o jogo mais apetecido. Durante coisa de um quarto de hora cogitou-se tudo e mais alguma coisa: até que o desafio principiou, orientado por um trio de assistentes que (por acaso) são árbitros de certo nome (Nemédio de Castro, Ferreira Pinho e Diamantino Vidal). Pelo facto de estarem em domingo de folga, foram a Alvalade ver o prato favorito. E, sem a menor sombra, árbitros a contento geral: ainda que, por Nemésio de Castro não ir munido de cartões coloridos, tivesse de socorrer-se de um papelinho rubro para expulsar Da Costa, mesmo que só graças a outro papelucho amarelo conseguisse segurar Nelson. Mas, esteve em óptimo plano: a merecer (mesmo) um elogio de quantos gostam do futebol. E não apenas da descentrada Comissão Central que, pelos vistos, escolheu com dedo aziago homem de apito para a tarde solarenta deste Maio a dizer as últimas.

Vem a talhe de foice, neste instante, dizer que o juiz escalado era o antigo futebolista algarvio Manuel Poeira, que, provavelmente aborrecido com a classificação pública dada entre os seus camaradas de apito (muito abaixo de António Garrido, o melhor de todos...) resolveu, pura e simplesmente, confirmar a nomeação e, à última da hora, fazer greve: ir tomar dois dedos de conversa com os amigos ao Estádio farense de S. Luís e rir à gargalhada perante a situação que criara num palco em que a multidão foi a mais vexada pela impensada atitude do omnipotente algarvio.

Não nos custa a crer que Manuel Poeira tenha assinado, com falta de comparência, o adeus à arbitragem. Perde-se um árbitro que tinha certas qualidades mas que (pelo visto) não é competente condutor de homens. Um disciplinador que, para começar, se deveria saber disciplinar. E, foi pena: mas, de bons rapazes está o inferno cheinho. E, para Poeira, só uma pazada de terra.

Entre o benfiquista Vítor Martins e o «leão» Laranjeira, a trindade arbitral que corrigiu (muitíssimo bem e sem qualquer motivo para saudades) o azedume ou as birras de Manuel Poeira, o juiz indigitado que resolveu fazer greve

Manuel Fernandes, exilado para um lugar que não é seu (extremo-direito) só porque os responsáveis sportinguistas querem á força que o brasileiro Manoel tenha lugar entre os maiorais de Alvalade, faz um dos seus raros (mas inofensivos) disparos. Tapado por Artur e Barros está o novo Mosquera dos verdes-brancos: o citado Manoel

Da Costa: mais uma atitude antidisciplinar a macular uma carreira cheia de altos e baixos. Desta vez foi a incontroversa expulsão: o início do afundamento dos «leões», pelo deliberado acto de incorrecção praticado por um profissional estrangeiro.

O presidente leonino João Rocha, o presidente do Saragoça (Angel Zaiba), Bastos (ex-internacional sportinguista e actual defensor do clube espanhol) e o nosso redactor Neves de Sousa. A embaixada de Saragoça veio «espreitar» Jordão, com vista a uma eventual transferência do angolano para terras espanholas

Desporto

Os profissionais cufistas do chuto tombaram no pior lugar da ordem classificativa dos maiorais do futebol nacional: a derrota frente ao Boavista rasga-lhes as mais negras perspectivas

Esforço em Faro: Mirobaldo e Jacques obtiveram a dupla de tentos que já valeu a ultrapassagem aos cufistas e a abdicação à «lanterna vermelha»

Nas Antas: para vencer o Vitória de Setúbal (por 2-0) o F. C. Porto «esfarrapou-se» todo. E foi preciso o talento de Cubilla (aqui, aos 71 minutos; e dai a mais sete) fazer o magro resultdo

NACIONAIS DE FUTEBOL

Belenenses quase na Europa

. O adeus ao campeonato nacional da escala maior, ao nivel futebolístico, está a tornar-se verdadeiramente empolgante, com duas lutas a concitarem as atenções gerais. Por um lado, o despique entre os últimos, ontem a enovelar-se mais (ainda) mercê dos êxitos do Académico, do Farense e do pundonoroso União de Tomar, cujos jogadores (será de se lhes tirar o chapéu) esqueceram o dificilimo momento financeiro do seu patrão para, ultrapassando tudo quanto era exigido, fazerem baquear o forte Guimarães nas margens tomarenses. No outro sector, o da promoção para a Europa (que vale muitos milhares de contos e representa, após a outorga do título, o salto mais apetecível) o Belenenses e o Futebol Clube do Porto, ultrapassando o periclitante Sporting ou colando-se à sua peugada, mostram inesperados trunfos numa esgrima que nada oferece de risonho nos horizontes **verdes**. De realçar os dois golos de Cubillas que valeram outros tantos pontos e nova esperança para os portistas, tal e qual como o solitário tento do Restelo, que foi o adeus de Freitas à camisola que dignificou com todo o aprumo e correcção.

NÚMEROS

«Placard» geral dos resultados verificados ontem para a 1.ª divisão futebolística nacional:

Sport.-Benfica, 0-3; Porto-V. Set. 2-0; Cuf-Boavista, 0-1; Far.-Beira Mar, 2-0; Braga-Leixões, 5-0; Belen.-Atlét. 1-0; Académ.-Estoril, 1-0 e U. Tomar-V. Guim. 3-0.

Tabela pontual: Benfica, 50; Boavista, 46; Belenenses, 39; Sporting, 38; F.C. Porto, 37; V. Guimarães, 35; Estoril, 27; Braga, 27; V. Setúbal, 25; Académico, 22; Atlético, 21; Beira Mar, 20; U. Tomar, 20; Leixões, 20; Farense, 19 e Cuf, 18.

Última jornada (dia 30): Boavista-Sporting, Leixões-Cuf, Beira Mar-Braga, Atlético-Farense, Estoril-Belenenses, Guimarães-Académico, Setúbal-U. Tomar e Benfica-F.C.Porto.

EM RENO (NEVADA)

Bonavena assassinado a tiro à porta de uma casa de passe

Oscar Bonavena, pugilista argentino que figurava entre os melhores «pesados» do Mundo, foi morto a tiro, no Reno (Nevada) à porta de uma casa de passe.

Um informador não deu pormenores, para além de declarar que se encontra detido um indivíduo em relação com a morte. Este foi identificado como Willard Ross Brymer, de 31 anos.

Bonavena (33 anos) enfrentou os mais cotados «pesados» do Mundo, incluindo o campeão mundial Muhammad Ali (que o venceu por K.O. ao 15.º «assalto», num combate que não contava para o ceptro mundial.

«GIRO»

O belga Sercu é o **camisola rosa** da «Volta a Itália», enquanto os portugueses Agostinho (44.º, a 16 segundos) e Mendes (69.º, a 57 segundos) lá continuam a pedalar.

CICLISMO

O belga Godefroot venceu a corrida ciclista Bordéus-Paris, em tempo «record».

PORTUGUESES

Depois do brilharete de Carlos Lopes e Fernando Mamede (em Colónia) o atletismo português continua a evidenciar-se além-fronteira: Helder Jesus e José Carvalho triunfaram em provas disputadas em Sófia. Helder foi 1.º nos 1500 (3 m. 42,2 s.) e Carvalho foi o melhor em 400 barreiras (50,68 s.).

«SAGRES»

Quarenta e cinco veleiros, entre os quais o navio-escola português «Sagres», partiram de Santa Cruz de Tenerife (nas Canárias), com destino às Bermudas, numa série de competições que terá o seu final, no porto de Nova Iorque, acontecimento integrado nas celebrações do Bicentenário da Independência dos Estados Unidos.

A bordo dos barcos encontram-se cerca de 1500 pessoas, a maioria das quais com idades compreendidas entre 16 e 25 anos. O maior dos navios é o «Kruzenshtern», da União Soviética, de 3185 toneladas, enquanto o mais pequeno veio da Grã-Bretanha: «Cameo of Looe», de 14 toneladas.

ESFORÇO

Donald Quarrie (da Jamaica), igualou o recorde mundial dos 100 metros, ao fazer 9,9 segundos num torneio de atletismo disputado na localidade californiana de Modesto. Quarrie derrotou os velocistas norte-americanos Reggie Jones, (com 10,00) e Guy Abrahamas, (com 10,01).

Também o «sprinter» negro americano Steve Williams, fez os 100 metros em 9.99, no sábado, em Atlanta, igualando pela 5.ª vez o recorde mundial da especialidade, que partilha com mais sete «sprinters». Harvex Glance, que também já fez 9.99, classificou-se em 2.º lugar, com 10 segundos.

CONFRONTO

A União Soviética derrotou facilmente a inglaterra, no encontro de atletismo ontem disputado em Kiev, capital da Ucrânia. O resultado final do encontro, de carácter particular, foi de 428-253. Na competição masculina, os soviéticos triunfaram por 254-153 enquanto em senhoras a vitória soviética se cifrou em 174-100.

Durante o encontro foram estabelecidos três novos recordes da União Soviética. No salto à vara, Vladimir Kishkum e Yuri Prokhorenko transpuseram 5,50 metros. No salto em altura, a atleta Galina Filatova, saltou 1,90 metros, utilizando o estilo «Fosbury», e melhorou assim em um centímetro o anterior máximo soviético; na estafeta 4x100 metros, as atletas soviéticas conseguiram novo recorde nacional, ao percorrerem a distância em 43,1 segundos.

HALTEROFILISMO

O polaco Kazimerz Czarneck bateu o recorde mundial do movimento «arranhe» na categoria «leves» com 140,5 quilos, nos campeonatos de halterofilismo da Polónia, que decorrem em Bydgszcz. O polaco melhorou o recorde do cubano Roberto Urutie em 0,5 quilos.

DERROTA

A Holanda venceu a Bélgica (por 2-1) no encontro da segunda «mão» nos quartos de final da «Taça das Nações Europeias», em futebol. A Bélgica foi eliminada, pois na primeira «mão» fora derrotada por 5-0.

ESPECTÁCULO

O Brasil bateu a Inglaterra por 1-0 em desafio ontem disputado a contar para o «Torneio do Bicentenário dos Estados Unidos». O golo da vitória foi marcado por Rivelino, quando faltavam dois minutos e meio para o termo do encontro.

ANDEBOL

A União Soviética foi a vencedora do torneio de andebol internacional realizado no Palácio dos Desportos de Barcelona, com as selecções de cinco países, ao empatar ontem, na última jornada, com a Roménia por 16-16 Tanto a União Soviética como a Roménia terminaram o torneio sem derrotas, mas a União Soviética foi proclamada vencedora devido ao seu melhor «goal-average».

No 3.º lugar classificou-se a Polónia, que nesta última jornada empatou com a Espanha (19-19). A Suiça terminou o torneio no último lugar, contando por derrotas os jogos disputados.

ELIMINAÇÃO

A Alemanha Federal (detentora do título), passou às meias-finais do Campeonato da Europa em Futebol, ao vencer a Espanha (por 2-0) em encontro da segunda «mão» dos quartos-de-final. Na primeira «mão» registara-se um empate a uma bola.

O portista Orlando Pereira é o campeão nacional de ciclismo em populares

PORTUGAL

ANDEBOL

Depois do Belenenses, tocou a vez ao Beira-Mar e ao Vitória de Setúbal serem eliminados da «Taça de Portugal», em andebol. Veiam-se os vários resultados dos duelos da 2.ª eliminatória da prova:

Desp. Portugal-Beira-Mar, 16-15; F.C. Gaia-Lapa, 11-10; As. S. Mamede-Vilanovense, 17-16; C.F.Porto-Ed. Fis. Norte, 40-8; V.Taurino-Águas Santas, 17-31; Académico-V.Porto, 20-2; Castelo-Amigos da Paz, 23-16; Atlético-Fut. Benfica, 22-12; C.Ourique-Socel, 23-14; Boa Hora-V.Setúbal, 17-21; Sismaria-Sporting, 16-31; A.Amadora-C. Setubalense, 20-12; C. Piedade-Estefânia, 19-16; Almada-Ac. Coimbra, 25-15; e P. Arcos-Benfica, 12-26.

HÓQUEI EM PATINS

Prossegue esta noite o torneio nacional em hóquei patinado. Jogos programados na Zona Norte: Sanjoanense-Fânzeres, Valongo-Académico, Carvalhos-Oliveirense, Académica de Espinho-Infante de Sagres e Vigorosa-F. C. Porto. Zona Sul: Sotto Mayor-Paço de Arcos, Académica da Amadora-Oeiras, CUF-Parede, Salesiana-Sporting e Benfica-Cascais, às 21 e 30, nos ringues dos primeiros.

Em desafio atrasado, o F. C. Porto venceu o Infante de Sagres (3-1). Assim no comando da série nortenha está o Valongo, seguido por dois blocos, lado-a-lado (F. C. Porto e Infante de Sagres). No Sul, o Sporting é «leader», perseguido de perto pelo Oeiras.

ATLETISMO

Conceição Alves (Sporting) logrou novo máximo nacional do salto em altura, pulando 1,71 m. no Jamor. Por seu lado, os regionais lisboetas de juniores redundaram em duplos êxitos do Sporting (masculinos e femininos).

JUNIORES

Os juniores futebolistas do Benfica que bateram o Braga por 1-0 (golo de Chalana, no jogo disputado em casa benfiquista) venceu o campeonato nacional de categoria.

HÓQUEI EM CAMPO

Mais uma jornada do Campeonato de Lisboa de Hóquei em Campo. Resultados: Futebol Benfica-Belenenses, 2-0; Atlético-Cascais, 4-0; e Palmense-Hóquei, 1-0. Classificação: 1.º, Futebol Benfica, 30 pontos; 2.º, Atlético, 28; 3.º, Benfica, 25; 4.º, Palmense, 22; 5.º, Belenenses, 20; 6.º, Cascais, 17; 7.º, Hóquei, 14.

Com esta vitória, o Futebol Benfica é virtual campeão. Apurados para o Nacional: F. Benfica, Atlético, Benfica e Palmense.

Sporting encesta melhor que o Porto

Abriu a fase final do campeonato nacional de basquetebol: enquano o Sangalhos derrotava o Barreirense (98-82), o Sporting conseguia em Lisboa (pavilhão da Ajuda) criar uma forte emoção, face ao F. C. Porto. Acabaria por levar de vencida o «cinco» nortenho mas as alternantes do marcador (que chegou a estar em 14-8, favorável aos «azuis-brancos») cativaram os espectadores que totalmente enchiam o recinto. De aplausos, de nervos...e de fumo.

Lembremos as equipas e marcadores:

SPORTING: Nelson Serra (21); Sobreiro (2); Albuquerque (17); José Carlos (27); Quim Neves (12); Tomané (10); José Roque; Serro; Carlos Sousa; Carlos Moura.

F. C. PORTO: Leite (14); Cabral (14); Assunção (4); Costa (4); Catarino (7); Fernando Silva (6); Manuel Silva (4); Carneiro (2); Babo e Antero.

A arbitragem esteve a cargo da dupla conimbricense Carlos Tomás-António Batista.

Nos «leões», foi preponderante a falta do laurentino Rui Pinheiro, grande concretizador da turma de Alvalade. Assinala-se que o Sporting, quando conseguiu sacudir a inicial pressão portista, arrancou para um desfecho concludente, através saltos bruscos no marcador: 13 pontos de dianteira ao intervalo e, sucessivamente, arranques que foram preciosos para a obtenção do «placard» final (51-32,64-41, 78-47 e, por último, 89-56).

Notas salientes na partida: o modo muito deficiente como o Sporting defende, a boa transição para um rápido contra-ataque, uma acentuada superioridade na zona das tabelas. No lado portuense: a aplicação de todos os seus elementos na luta foi o destaque do duelo, onde a ausência do nortenho Alfredo Leite foi fundamental para as aspirações dos visitantes a Lisboa. Ainda um apontamento: entrando quase sempre a frio nos seus jogos, os «leões» terão de sentir dificuldades ainda mais acentuadas quando encontrarem pela frente uma turma que não dê tempo para recuperação de um fraco aquecimento.

TOTOBOLA

Boletim com 13

Sporting - Benfica	2
CUF - Boavista	2
Braga - Leixões	1
Farense - Beira-Mar	1
Belenenses - Atlético	1
Académico-Estoril	1
U. Tomar - Guimarães	1
Porto - Setúbal	1
Famalicão - Salgueiros	X
Marinhense - Sanjoanen.	X
Oriental - Montijo	1
Olhanense - Peniche	1
Sesimbra - Marítimo	X

2.ª DIVISÃO

Ninguém trava Portimonense e Varzim

Mais uma rodada dos campeonatos nacionais de futebol da 2.ª divisão: «Placards» nortenhos: Lourosa-Penafiel, 2-0; Varzim-Fafe, 2-0; Vilanovense-Riopele, 3-1; Chaves-Alba, 3-0; Covilhã-P. Ferreira, 1-0; Paredes-Feirense, 0-0; G. Vicente-Régua, 2-1; Espinho-Lamas, 1-1; Famalicão-Salgueiros, 0-0; e Marinhense-Sanjoanense, 0-0.

No Sul: Oriental-Montemor, 2-1; Torriense-U. Leiria, 2-2; Caldas-Sintrense, 0-0; E. Portalegre-Juventude, 2-2; Portalegrense-U. Santarém, 3-0; Torres Novas-E. Lagos, 1-2; Lusitano-U. Montemor, 0-0; Olhanense-Peniche, 1-0; Sesimbra-Marítimo, 0-0; e Barreirense-Almada, 2-1.

Ordem pontual no bloco Norte: Varzim, 54 pontos; Salgueiros, 42; Lourosa, 37; Chaves, 37; Famalicao, 36; P. Ferreira, 35; Riopele, 35; U. Lamas, 35; Espinho, 33; Covilhã, 30; Gil Vicente, 30; Penafiel, 29; Vilanovense, 29; Sanjoanense, 29; Feirense, 28; Paredes, 27; Marinense, 27; Fafe, 27; Régua, -4 e Alba, 17.

Pontuação na Zona Sul: Portimonense, 46 pontos; Montijo, 41; Peniche, 39; Marítimo, 39; Caldas, 37; Esperança, 36; Oriental, 35; Olhanense, 35; E. Portalegre, 34; Torriense, 33; Juventude, 33; Barreirense, 32; Sintrense, 31; U. Santarém, 29; Sesimbra, 29; Almada, 27; U. Leiria, 27; Lusitano, 24; U. Montemor, 19 e Torres Novas, 17.

Geral

Polícia judoca desarma marinheiro

Robert Van Dou e Adriaan Pabrwef, dois holandeses de 18 anos e tripulantes do barco «Jolland Smith», há vários dias ancorado no estuário do Tejo, foram detidos pela P.S.P. e levados para os calabouços do Governo Civil, até serem enviados a Juízo.

Os dois marinheiros entraram no bar «JB», comeram e beberam «à grande e à francesa», e quando lhes foi dada a conta (3200 escudos), recusaram-se, inicialmente, a pagá-la. Instados por diversas vezes a fazê-lo acabaram por aceitar a ideia, argumentando que, para tal, teriam de se deslocar ao barco em que viajam, porque não tinham ali dinheiro suficiente.

Apanharam um táxi e dirigiram-se para o local onde o «Jolland Smith» está atracado. Mas, em vez de correrem para o barco, procuraram tirar desforço do empregado do «JB» que os acompanhava, já depois de se negarem, também, a pagar os 180 escudos da «corrida» de táxi.

Gerou-se uma violenta cena de pugilato até que a P.S.P. interveio. Conduzidos à esquadra mais próxima, o Robert sacou de uma acerada navalha pretendendo ferir um dos guardas. Este, atento, limitou-se a pôr em prática os seus conhecimentos de judo, desarmando facilmente o holandês com um golpe de mestre.

Agora, esperam ambos ser enviados a Juízo — por nao terem pago a despesa — e o Robert, pelo facto de ter pretendido esfaquear o agente da P.S.P. O barco em que viajam larga de Lisboa amanhã.

Operários da Sorefame apoiam a Reforma Agrária

Promovido pela C. A. R. A. (Comissão de Apoio à Reforma Agrária) da Sorefame, decorreu nesta empresa um encontro no qual foram discutidas formas concretas de apoio à Reforma Agrária.

Na reunião participou o eng.º Júlio Martins que se referiu à criação do Fundo de Apoio à Reforma Agrária (F. A. R. A.) aprovada no plenário de Beja, de 9 a 11 de Abril. Este especialista da agricultura focou a necessidade de os trabalhadores do campo contarem com uma área financeira para poderem realizar os seus investimentos e que esteja sob o seu controlo.

Usou também da palavra Manuel Godinho, da direcção do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Beja que sublinhou: «A Reforma Agrária tem várias etapas, e esta de entregar as máquinas, fazer uma festa e depois irmo-nos embora, já não nos leva muito longe, e desvia-nos do essencial que é a urgência da contribuição e apoio do Estado. Com o F. A. R. A. podemos fazer avançar o processo com uma nova dinâmica.»

No final do encontro foi lida uma proposta com o fim de ser discutida e votada em assembleia geral de trabalhadores.

ROLSOL: Mais fraudes e manobras

A situação na Rolsol, empresa abandonada pelo patrão, Amadeu Stuart de Vasconcelos, que agora tenta o seu regresso à empresa, é de novo focada num comunicado do Sindicato dos Trabalhadores do Vestuário do Porto, da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário e U. S. P./Intersindical, fornecendo alguns elementos novos.

Assim, de acordo com o comunicado em referência, aqueles organismos desenvolvem, neste momento, esforços «para compilação de mais elementos comprovativos de graves fraudes do ex-patrão, após ter abandonado a empresa e quando se encontrava já no estrangeiro».

«Essas fraudes — afirma-se — «no valor de milhares de contos, foram, aliás, denunciadas há meses por um dos actuais gestores que agora defende e prepara o regresso do patrão».

E perguntam, «em suma»: «Que interesses defende, realmente, a Comissão de Gestão nomeada pelo Ministério do Trabalho, contra a vontade dos trabalhadores?

BARES · BOITES
CASAS DE FADOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859 e 368197. Rosy Striptease**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 261461/164526/264596/264621/264945**

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 2 3/4 %	275$	275$	–
Cons. 3 %	300$	300$	–
Cons. 3 1/2 %	–	350$	–
Centenários	800$	800$	–
Tes. 5 %	–	810$	–
Tes. 10 %	500$	495$	500$
Extern. 1.ª - s.	–	450$	–
Extern. 1.ª - c.	–	450$	–
Extern. 3.ª - s.	–	475$	–
Extern. 3.ª - c.	–	490$	–
Caut. 3.ª - s.	–	–	140$
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Ex. 6 %	760$	760$	–
C.M.L. 5 3/4 %	–	830$	–
C.P. 5 1/2 % — 67	–	–	700$
C.P. 5 1/2 % — 68	690$	680$	700$
C.P. 5 1/2 % — 69	–	690$	–
Corr. 5 3/4 %	–	810$	–
Metr. 5 3/4 %	800$	800$	810$
Tur. 5 3/4 %	–	850$	–
C.P. 6 3/4 %	–	810$	830$
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	–	690$	–
G. 5 % — 59	–	670$	–
G. 5 % — 62	–	–	–
G. 5 % — 63	–	–	–
G. 5 % — 64	–	–	–
G. 5 % — 65	–	–	–
G. 6 % — 67	–	–	820$
G. 6 % — 69	–	–	–
G. 7 %	–	900$	–
H.E.A.A. 5 %	–	640$	–
H.E.C. 5 %	–	730$	–
H.E.C. 6 %	750$	–	–
H.E.D. 5 %	–	620$	–
H.E.D. 6 %	–	740$	–
H.E.N.P. 5 %	–	740$	–
H.E.S.E. 5 %	–	–	–
H.E.S.E. 6 %	–	–	740$
H.E.Z. 5 % — 57	–	670$	–
H.E.Zêz. 6 %	–	750$	–
N. Elec. 5 %	–	710$	–
N. Elec. 6 %	–	–	650$
Termoel. 5 %	–	600$	–
U.E.P. 5 % — 60	–	–	700$
U.E.P. 5 % — 63	–	–	–
U.E.P. 6 %	–	–	–
U.E.P. 7 %	–	–	800$
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	–	725$	–
A.P.T. 5 % — 58	–	–	–
Lisnave 6 %	740$	740$	750$
Nitratos — 60	–	600$	–
Pet. 2.ª e 3.ª	–	–	–
Sacor 7 %	–	810$	–
Sacor 5 % — 54	–	–	–
Sacor 5 % — 60	–	–	850$
Sid. 5 % — 2.ª	–	–	720$
Sid. 5 % — 3.ª	–	–	720$
Sid. 5 % — 4.ª	–	–	720$
Socel 5 %	–	–	–
R. Fabril — 67	–	–	800$
R. Fabril — 68	–	–	800$
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	–	–	–
Rev. 5 % — 57	–	–	–
Rev. 5 % — 59-60	–	–	–
Moçambique 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	–	–	–
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	–	–	–
F.I.D.E.S.	–	–	–

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado com excepção de algumas regiões do Norte onde estava muito nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima **30,5º**

BRAGA E PEDRAS SALGADAS

Mínima **7,5º**

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, vento fraco predominando de Noroeste durante a tarde; nublina ou nevoeiro matinal nalgumas regiões do Centro e Litoral Oeste a Norte do Cabo Carvoeiro

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO	15º
COIMBRA	15º
PORTALEGRE	14º
LISBOA	16º
FARO	18º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
0.45	3,5 m	6.40	1,5 m
13.18	3,5 m	19.01	1,5 m
Dia 25			
1.34	3,5 m	7.20	1,4 m
14.02	3,6 m	19.42	1,4 m
Dia 26			
2.19	3,6 m	7.57	1,3 m
14.43	3,7 m	20.20	1,3 m

AMANHÃ

NASCER ÁS 6.17

OCASO ÁS 20.50

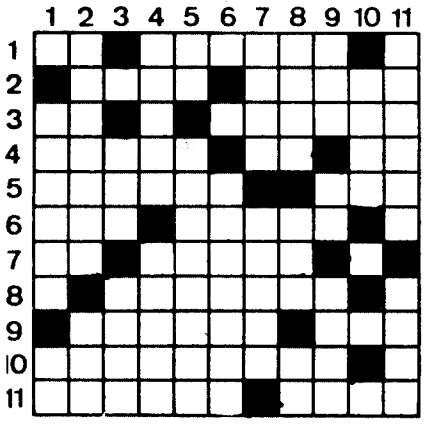
DIA 29 — DIA 5 — DIA 12 — DIA 19

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 377

Horizontais:
1 Artigo definido. Cobardes.
2 Aniversário. Doce do Oriente.
3 Dois mil em romano. Tacteia.
4 Obstáculo. Carta de jogar. Sufixo que designa estado.
5 Ramalhuda. Pega.
6 Curso de água natural e abundante. Crisóis.
7 Pertences. Cerumes.
8 Buscaras.
9 Pegara. Cantão da Suiça.
10 Retardaste.
11 Desejarás. Queima.



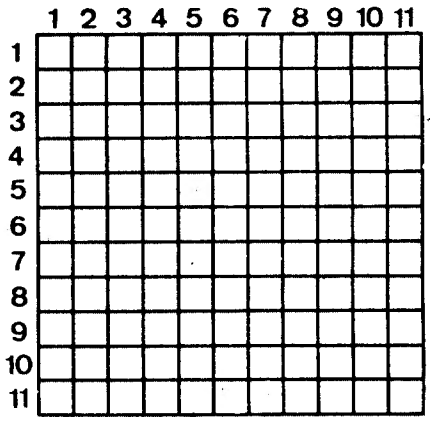
Verticais:
1 Falecem. Concede.
2 Dançais o samba. Um cento.
3 Íntimo. Cabeleira.
4 Violento. Entusiasmo. (fig).
5 Reis. Enterrara.
6 Encolerizaras.
7 Encobridor (fig). Pouco densas ou espessas.
8 Panelas. Membro de ave. Basta.
9 Nome de astro. Artigo definido. Transpires.
10 Depois de. Artigo definido.
11 Guarneceras de asas. Existência.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7537

Horizontais:
1 Acordamos.
2 Ag rrai com as gavinhas. Freguesia do concelho de Barcelos.
3 Padiola para condução de mobílias ou bagagens. Abandonaria o lugar.
4 Agora. Curado.
5 Corda de reboque. Pronome pessoal.
6 Tirariam à força.
7 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Oveira (pop).
8 Mexerico. Nome de flor.
9 Germe. Idem. Césio (sq).
10 Rio da Lapónia. Ocidentes.
11 Sulcares. Estará.



Verticais:
1 Retarda. Dá em doação.
2 Prender com elos. Esbravejar.
3 Bolsa. Ratazana.
4 Rainha de Portugal. Caule. Atmosfera.
5 Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica.
6 Chefe etíope. Convenções.
7 Irmãs das mães. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
8 Cantiga. Quinhões.
9 Habito. Indignasse.
10 Rio da Escócia. Sufixo que designa estado.
11 Transpiraremos. Vigorosa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 376

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Mal. UMA. VEZ.	1 Macaca. At. A.
2 Alapa. Arame.	2 Alisara. Omo.
3 Cl. Ruste.	3 La. Air. Açor.
4 Asai. Apaga.	4 PRIMEIRA.
5 Caim. É. Omar.	5 Uau. Doiras.
6 Arredarias.	6 Ea. Aas.
7 Io. As. Ta.	7 Áatá. Rã. Sa.
8 Ária. Asar.	8 Repoisaram.
9 Tocara. Rara.	9 V. A. Ama. Saci.
10 Mo. Assacar.	10 Em. Gastaram.
11 Aoros. Amima.	11 Zelar. Arara.

Provérbio: UMA VEZ É A PRIMEIRA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7536

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Afim. Favas.	1 Amurar. Além.
2 Mero. Saras.	2 Feriam. Lima.
3 Urraca. Rãs.	3 Irra! Mm.
4 Rias. Adamas.	4 Moas. Coiros.
5 Aa. Ad. Ou.	5 Marreco.
6 Rm. Cão. Op.	6 Aa. Apás.
7 Mor.	7 Ás. DA. Anas.
8 Almirantes.	8 Varado. Trio.
9 Li. Repartir.	9 Aram. Pretos.
10 Em. Ocasiona.	10 Sasão. Sina.
11 Mansos. Osas.	11 Sumo. Ras.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO F-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Neoterápia, Campo Grande, 138 (T.774682); **Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (T.725859)
AMOREIRAS
Pátria, C.dos Mesrres, 30-A (T.680627)
AVENIDAS NOVAS
Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (à Av. Barbosa du Bocage) (T.763107)
BAIXA
Normal, R.da Prata, 220 (T.321342/325553)
BENFICA
Lavinha, R.Eng. Paulo de Barros. 28-A (à R.do Casquilho (T. 708242)
CAMPO DE OURIQUE
Condestável, R.Coelho da Rocha, 119 (T.666206)
CARNIDE
Leal de Matos, R.Neves Costa, 33 (T.780181)
CASTELO
Ziler, R.S.Tomé, 54 (T.862835)
LAPA
Pinheiro, R.Presidente Arriaga, 16 (T.691054)
PICHELEIRA
Mariuz, C.da Picheleira, 140-B (T.720703/728395)
RESTELO
Belém, R.Tristão Vaz, 10-A (à encosta do Restelo) (T.612248)

TURNO F-2

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Dilena, R. Aliança Operária, 49-A/B (T.636620)
ALTO DE S.JOÃO
Nova Luz, R.D.Domingos Jardo, 28-A (à Av. D.Afonso III) (T.943439)
ARCO DO CEGO
Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T.47088)
AREEIRO
Vera Cruz, P.Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S.João de Deus) (T.724941)
ARROIOS
Antolin, Av. Almirante Reis, 88-C (T.821773)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, P.das Casas Novas, lote 66 (T.310172)
BENFICA
Sousa, E.de Benfica, 429 (T.780027)
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, R.Silva Carvalho, 232-C (T.650760)
CONDE REDONDO
Contemporânea, R.Conde Redondo, 26/30 (T.45048)
ESTRELA
Aurélio Rego, C.da Estrela, 139 (T.661758)
S.PAULO
Ultramarina, R.de S.Paulo, 99 (T.321771)
LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha D.Amélia, 34-B (Quinta das Mouras) (T.794174)
PENHA DE FRANCA
Branquinho, R. de Sapadores, 87 (T.842725)
XABREGAS
Romana, R.Actor Augusto de Melo, 7-A (T.383800)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. C.G.Guerra, 29 (T.2112080)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039). Até às 22 horas
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Toda a noite
NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T.260085). Até às 22 horas
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira. Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Suíça, Cruzeiro (T.260087). Toda a noite
CASCAIS
Misericórdia, R.Regimento 19, 41 (T.280141). Até às 22 horas; **Cascais**, R.Conde de Monte Real, B. Caixas (T.282407). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.28 de Maio, 3-A (T.935518); **Carmelo**, R.Elias Garcia, lote 28 (T.933303); **Helénica**, R.Elias Garcia, 2 (T.933613); **S.Jorge**, R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.938703)
DAMAIA
Lemos, R.de Goa, 21-A (T.971121)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117)
CACÉM
Araújo e Sá, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T.2940781)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T.2930155)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
ALMADA
Nuno Álvares, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 39 (T.2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Santa Marta, R.Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T.2072141)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P.5 de Outubro, 18 (T.2750254)
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Montepio, R.Almirante Reis, 93 (T.2310035)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage (T.22216)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 25

ATÉ ÀS 22 HORAS

Foz, R.Senhora da Luz, 380. Foz **Alírio de Barros**, R.de Costa Cabral, 240 **Magalhães**, R.de Serralves, 566 **Nova de Monsanto**, R.de Monsanto, 148 **Correia**, P.Mousinho de Albuquerque, 78 **Corujeira**, R.d S.Roque da Lameira, 1473 **Couto**, L.de S.Domingos, 106 **Luso-Francesa**, R.Sá da Bandeira, 140

TODA A NOITE

Lapa, R.Antero de Quental, 211 **Gomes Carneiro**, R.de Cedofeita, 348 **Central**, R.de Santo Antonio, 203

COIMBRA

Montes Claros, R.Dr. António José de Almeida, 69 (T.25904); **Viegas e Coelho**, R.da Sofia, 19 (T.23744)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CAPITOLIO
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»
ÁDOQUE
21.30 (18 anos)
«Taran-Tan-Tan Não Enche Barriga»
VASCO SANTANA
21.30 (18 anos)
«Preço da Vida»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.15 (18 anos)
«Clube Privado»
CINE-BOLSO
21.00 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
SATÉLITE
21.30 (18 anos)
«Adeus, Irmão Cruel»
EUROPA
21.15 (18 anos)
«O Diabo Dentro Dela»
S. LUIS
21.30 (18 anos)
«Diário de um Ladrão»
OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«As Fotos Proibidas de Uma Pessoa de Bem»
JARDIM
21.00 (18 anos)
«Desafio de Gigantes»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Reza Pelo Morto e Mata o Vivo»
PROMOTORA
21.15 (14 anos)
«Cleópatra»
ARCO IRIS
21.15 (18 anos)
«Vidas Cruzadas»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«Código: Juggernaut»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Para Amar Ofélia»
AMADORA
Lido
21.15 (6 anos)
«O Regresso da Pantera Cor-de-Rosa»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«Toda a Nudez Será Castigada»
SINTRA
Carlos Manuel
21.00 (18 anos)
«O Pirata»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Casamento de Padre»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.15 (18 anos)
«Família até certo Ponto!»

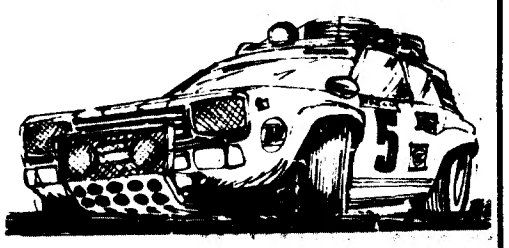
PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Escravos»
OLIMPIA
21.15 (18 anos)
«Decameron N.º 2»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Miti»
JÚLIO DINIS
21.15 (6 anos)
«Sim, Sim Meu Coronel»
S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«Funny Lady»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«O Torso»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Kermesse Erótica»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Toda a Nudez Será Castigada»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Mr. Majestik»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Meu irresistível Selvagem»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«O Triplo Eco»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«O Último Dever»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (13 anos)
«Segundos para uma Fuga»
TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Aaina»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Ana e os Lobos»
S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Horizonte Perdido»

motor



cinemas

CASTIL
T. 530194 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A MALÍCIA DE VÉNUS
c/Laura Antonelli

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30 e 21.15
Não acons. a M/ 18 anos
«MEIA NOITE DE PRAZER»
Com Monica Vitti, Claudia Cardinale e Giancarlo Giannini

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
«PRONTO A DISPARAR»
Úrula Andress, nua e provocante numa acção escaldante

VOX
T. 720808 14.15, 16.30, 19 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
«PRONTO A DISPARAR»
Úrsula Andress, é explosiva!

ROMA
T.727778 15.30, 18.30, 21.15
Int men. 18 anos
4.ª Semana
CLUBE PRIVADO
c/Philippe Gaste-Eva Stroll

TOC

1.º Programa

15.00: Painel da tarde; **18.00**: Música portuguesa; **19.00**: Música variada; **20.30**: Instrumentistas; **21.00**: 24.º episódio do folhetim «O Muro Branco», de Alves Redol, numa adaptação de Costa Ferreira; **21.15**: Contraponto; **00.00**: Último jornal; **00.30**: Retrospectiva; **01.00**: Saída e encerramento dos Regionais do Porto, Norte 1, Coimbra, Faro, Guarda, Covilhã, Viseu, Ponta Delgada e Horta — música na noite.

2.º Programa

16.00: Ópera; **16.50**: Interpretações do cravista George Malcolm; **17.10**: Música de câmara; **18.00**: Uma hora Vivaldi; **19.00**: Música sinfónica; **20.00**: Solos de piano; **20.27**: Suite para orquestra; **21.00**: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; **22.00**: Obras de Bach; **23.00**: Música de câmara; **23.29**: Solos de piano; **23.56**: Intercâmbio musical; **00.21**: Música sinfónica; **01.00**: Fecho.

3.º Programa

16.00: Emissão nacional — ela por elas — casos ao acaso, de Orlando Dias Agudo (repetição); **16.30**: Vamos ao médico, com o dr. José Matildes (repetição); **18.00**: Emissão regional — contacto — teatro trágico, dos Parodiantes de Lisboa; **20.15**: Folhetim: «Esteiros» (repetição); **11.00**: Música, só música; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.00**: A música e as vozes.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

Emissão contínua — Onda Média (Lisboa), **233,2** m — **1286** KHz; Modulação de Frequência (Lisboa), **93,2** MHz.

CALEIDOSCÓPIO
T.795093 15.00 e 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
dois filmes, duas concepções do futuro!
«SOLARIS» de Andre Tarkovski
Sessão às 18.00
«2001 Odisseia no espaço» de Stanley Kubrick
3.ª Semana

EDEN
T. 320768 14.00, 16.30, 19 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
HISTÓRIAS DE FACA E ALGUIDAR
C/Franco Franchi e Ciccio Ingrassia
Um festival de gargalhada

ODEON
T. 326283 15,15 18,15 21,30
Não acons. a menores de 18 anos
A triunfal comédia muito brejeira
O AMOR COMEÇA À MEIA NOITE
com a famosa Conchita Velasco
Qual é o seu tipo ideal de homem: o marido ou o outro?
(Eastmancolor)

APOLO 70
T.763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A ÚLTIMA TESTEMUNHA
c/ Warren Beatty
ÀS 24.00 Grupo D (18 anos)
O CONDE SINISTRO
2.ª Semana

CASINO ESTORIL
T.264621 17.00, 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
CÓDIGO: JUGGERNAUT

S. JORGE
T. 554153/4 15.1518.15 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
um filme sensacional de CHARLES BRONSON é
«MR. MAJESTYK»

RESTELO
T.610375 21.00
Para todos
O REGRESSO DA PANTERA COR DE ROSA

AVIS
T. 47163 15.30, 18.30, 21.15
Int. men. 18 anos
5.ª Semana
ADEUS. BRUCE LEE

ESTÚDIO
T. 555134/5 15.30, 18.30 e 21.15
«UMA RAPARIGA E SUAS ARMAS»
um filme de Claude Sebouch
c/Pierre Barouh

ESTÚDIO 444
14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MALÍCIA DE VÉNUS

CARLOS MANUEL SINTRA
T.2930394 Às 21 horas
Não acons. a menores de 13 anos
O PIRATA

MUNDIAL
T.538743 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
«QUANDO O AMOR É SENSUALIDADE»
c/Agostina Belli

UNIVERSAL
T.774402 15.00, 19.00, 21.00
JOSÉ DIOGO E TORRE BELA
(Para todos)
Às 17.00, 23.00
Greve const. civil — Teatro Popular
Ocupação de terras — Beira Baixa

CONDES
T. 322523 14, 16.30, 18.45 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONVÉM FAZER BEM O AMOR
c/ Luigi Provietti-Eleanora Giorgi

BERNA
T.776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos maiores de 6 anos
OS DOIS MISSIONÁRIOS
Um filme de Franco Rossi
Bud Spencer-Terence Hill
14.ª semana

LONDRES
T.801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A RIVAL
Com Bibi Andersen e Jean Piaf

ROXY
T.48560 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
(Int m. 18 a.)
6.ª Semana
O BORDEL DE NAZIS!
C/Helmut Berger e Ingrid Thulin
Colorido

TIVOLI
T.570596 14.45, 18.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O maior espectáculo jamais filmado
A TORRE DO INFERNO
6.ª Semana
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

ALVALADE
T.897480 15.30 21.00
Não acons. a menores 13 anos
OS JOVENS LEÕES
c/Marlon Brando-Montgomery Clift

PATHÉ
T. 821933 14.45, 18.00, 21.15 e 24h
Não acons. a menores de 18 anos
6.ª Semana
O maior espectáculo jamais filmado!
A TORRE DO INFERNO
Atenção: o filme começa à hora do espectáculo

NIMAS
T.574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
um filme de Rene Lalorex
O PLANETA SELVAGEM
6 Grandes prémios internacionais

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Extinção P.I.D.E./D.G.S.

C.R. RATIFICOU CONFIANÇA NO CAPITÃO SOUSA E CASTRO

Não existem quaisquer divergências entre o capitão Sousa e Castro e o general Ribeiro de Faria.

Contactado pela ANOP, o capitão Sousa e Castro, responsável pelos Serviços de Coordenação para a Extinção da P. I. D. E./D. G. S., desmentiu formalmente a notícia publicada pelo matutino «O Dia», segundo a qual haveria divergências entre aquele membro do Conselho da Revolução e o general Ribeiro de Faria, director dos Serviços.

«É totalmente falsa a notícia. Não há nenhuma divergência», comentou Sousa e Castro que acrescentou: «De facto apresentei no último Conselho da Revolução um relatório sobre as actividades da Comissão, relatório esse que foi objecto de discussão, finda a qual foi votada uma moção de confiança à minha actuação como responsável daqueles Serviços.»

Referindo-se ao trabalho do general Ribeiro de Faria, Sousa e Castro considerou que ele «correspondia ao que se lhe tinha solicitado», adiantando que o general tem sido «extremamente cumpridor no trabalho já desenvolvido».

"Corrida" para Belém

Continuação da pág. 1

seu processo já seguiram para os bairros administrativos de Lisboa e câmaras municipais para obtenção das necessárias certidões de eleitores. Ao mesmo tempo, membros do Executivo da Comissão de Apoio a esta candidatura continuam a desenvolver diversas reuniões a nível distritaln no sentido de tentarem aumentar a base de apoio ao major Otelo Saraiva de Carvalho.

PINHEIRO DE AZEVEDO

Uma imagem do que poderá vir a ser a campanha eleitoral de Pinheiro de Azevedo foi dada este fim-de-semana quando a sua Comissão de Apoio, utilizando diversos meios incluindo uma avioneta, distribuiu mais de 300 mil panfletos contendo uma fotografia autografada do actual primeiro-ministro, um pequeno texto programático e extractos de discursos.

«Como Presidente da República, se eleito, imponho-me como missão primordial, dentro do espírito da Constituição, promover a concórdia entre os portugueses de modo a que todos juntos possamos consolidar as conquistas da Revolução, enfrentar a grave crise que neste momento atravessamos e resolver os difíceis problemas que nos esperam para a construção de um Portugal livre, democrata e próspero, desejado por todos», lê-se na «Declaração de Princípios» Imprensa no referido panfleto.

Para além desta iniciativa, anuncia-se a próxima fixação de vários milhares de cartases com a fotografia do actual Primeiro-Ministro, e a deslocação deste a diversos pontos do Continente, além de aos Açores e Madeira.

Entretanto, foi confirmado esta manhã à ANOP que se não realiza hoje a conferência de Imprensa de Pinheiro de Azevedo no decorrer da qual deverai anunciar formalmente a sua candidatura à Presidência da República. Esta conferência deverá realizar-se em meados desta semana, depois do processo de candidatura ter sido entregue no Supremo Tribunal.

O Gabinete de Imprensa dos serviços de apoio à candidatura do general Ramalho Eanes, em comunicado, informa que «continuam a afluir e ser aceites assinaturas de cidadãos interessados em proporem o general Ramalho Eanes como candidato à Presidência da República, esclarecendo que, sendo as assinaturas já recolhidas largamente excedentes em relação ao máximo legal permitido e não se pretendendo privar da oportunidade de propositura os cidadãos que ainda não tenham formalizado e desejem fazê-lo, se procederá a um sorteio de todas as assinaturas entradas, a fim de por tal processo se determinar as que constarão do processo a entregar no Supremo Tribunal de Justiça».

O comunicado diz ainda que continuam a ser recebidos subsídios monetários para o controlo da campanha eleitoral, «os quais se aguardam e agradecem».

AOS SRS. RETORNADOS
BOM NEGÓCIO
Trespasso, boa loja de móveis a fazer muito bom negócio, na Av. Almirante Reis, podendo ser em conjunto com fábrica dos mesmos, perto e devidamente montada. Rendas muito baratas. Motivo à vista. Trato com o próprio.
Av. da República, 12
Telef. 46928

António de Spínola: Conspiração permanente contra Portugal

Na nossa edição do passado dia 20 do corrente inserimos um artigo intitulado «António de Spínola: conspiração permanente contra a democracia», onde o seu autor, J. Cândido de Azevedo, depois de realçar o perigo que ameaça a democracia no nosso país, analisa as razões profundas e os objectivos da acção terrorista em Portugal e, finalmente, baseado em informações obtidas de fonte considerada idónea faz algumas interrogações sobre a movimentação e os contactos realizados pelo ex-general Spínola em Paris, na Espanha e na Suíça.

Em Setembro de 1975, fontes oficiais portuguesas teriam sido informadas dessas actividades. Não sendo, entretanto, de excluir que os «visitantes» do ex-general se apresentassem sob falsa identidade, nem que, com o objectivo de intoxicar os observadores portugueses, se tivesse referido um «encontro» numa base em território espanhol. O dever do jornalista, e do jornal, é chamar a atenção para factos graves e graves suposições.

Duas individualidades referidas nesse artigo, o general Tristão de Carvalhais e o embaixador Frank Carlucci, enviaram-nos entretanto as cartas que passamos a transcrever, e onde respondem peremptoriamente pela negativa às interrogações levantadas no citado artigo.

Do general Tristão de Carvalhais:

No n.º 19 057, de 20 do corrente do Jornal dirigido por V. Ex.ª, em artigo com o título: «António de Spínola: Conspiração permanente contra a democracia: O Leão de sete cabeças», escrito por J. Cândido de Azevedo, é feita a insinuação de que o signatário desta carta teria estado em Paris, em Setembro de 1975, e ali fora recebido pelo General Spínola no Hotel Sheraton.

Tal insinuação é destituída de qualquer fundamento, pois que o signatário se não ausentou de Portugal Continental posteriormente a 26 de Abril de 1974, o que pode ser comprovado pelas entidades oficiais de que depende como oficial do Exército na situação de reserva.

Bem assim, afirma peremptoriamente e sem receio de desmentido, que não teve qualquer contacto pessoal, por escrito ou telefonicamente com o general Spínola desde que em 26 de Abril de 1974, deixou as funções de Comandante-Geral da P.S.P.

Porque esta é a verdade dos factos, solicito nos termos da Lei de Imprensa que V. Ex.ª se digne mandar inserir o presente desmentido no Jornal que dirige.

De Robert F. Jordan, conselheiro de Imprensa da Embaixada dos E.U.A.:

. Tendo lido na página 10 do «Diário de Lisboa» de 20 de Maio de 1976, um artigo em que se faz referência ao embaixador Carlucci nos termos seguintes: «Como é possível que um embaixador em Lisboa de um grande país, os E.U.A., se haja também encontrato, pelo menos uma vez, com Spínola e outros, em Espanha? É ou não é verdade que a viagem de Spínola à Paris no mês de Julho de 1975 serviu para preparar a sua estadia naquela cidade, em Setembro daquele mesmo ano? Que nessa altura se encontrou com Frank Carlucci, «internado» no hospital da base militar de Torrejon?», venho informar V. Ex.ª que o embaixador Carlucci, nunca, em Portugal ou fora do País, se encontrou ou comunicou de qualquer forma com o general Spínola.

Deste modo, e no interesse de um jornalismo profissional, além de ser conhecedor do interesse desse pretigioso Jornal em manter uma Informação verdadeira, venho solicitar a atenção de V. Ex.ª, no sentido de providenciar para que o referido esclarecimento seja publicado nesse Jornal.

DEMOCRATAS PORTUGUESES ENTREGAM MANIFESTO A COSTA GOMES

O processo de candidatura do general Costa Gomes teve neste fim-de-semana um significativo avanço, com a reunião em Lisboa da comissão nacional, realizada no sábado à tarde no Instituto Superior Técnico, e da qual resultou um manifesto que ontem ao meio-dia foi entregue ao Presidente da República por um grupo de personalidades que se deslocou a Belém, constituído por José Gomes Ferreira, Domingos Moura, Alcina Bastos, Luísa Carvalhão Duarete, Luiz Azevedo, Orlando de Carvalho, Otílio de Figueiredo, Bernardo Santareno, Ramires Fernandes, Paulo Lencastre, José Ferreira Machado, Manuel Alcino Nunes, José Ribeiro Sineiro, Romeu Correia, Álvaro Salema, Luis Garcez José, Rui Chagas e Ana Paula Santos. O professor Ruy Luis Gomes e a escritora Maria Lamas que estava previsto irem também a Belém, não puderam fazê-lo por motivos de saúde mas enviaram telegramas pedindo para serem representados.

Quanto à posição do general Costa Gomes continua a mesma, ou seja, não deu até ao momento a sua anuência mas também não terá formalizado uma negativa absoluta.

À perspectiva de candidatura de Costa Gomes está a ser particularmente sensível toda a direita reaccionária em conjunto com a direita mascarada de democrática que se mostram receosas de tal candidatura.

O manifesto elaborado pela comissão nacional pró-candidatura do general Costa Gomes começa por salientar que «alguns democratas portugueses, justificadamente alarmados com a forma como tem vindo a decorrer o período que precede a campanha eleitoral para a Presidência da República, tomaram a iniciativa, imediatamente apoiada por muitos outros democratas, de uma análise da conjuntura política que permitisse uma ultrapassagem das actividades manipuladoras da opinião pública que se têm verificado, por parte de certas cúpulas partidárias e de outros sectores do poder político, com vista ao facto consumado do êxito eleitoral de um candidato único.»

. Prossegue afirmando que tais forças políticas «em que se incluem partidos de direita» têm lançado mão de todos os processos «desde as manobras de bastidores à mais despudorada e desonesta utilização dos meios de comunicação social, com o objectivo de tornarem indiscutível, antes da eleição, o novo Presidente da República, à semelhança do que acontecia no regime deposto em 25 de Abril de 1974».

O manifesto define como tarefas fundamentais que decorrem da grave conjuntura política e económica em que nos encontramos a defesa dos interesses nacionais, acima de partidarismos, que assegure a convergência das forças democráticas, estabelecendo um clima de confiança na democracia; defesa da Constituição e da legalidade democrática, por forma a possibilitar a via para o socialismo e para a resolução dos urgentes problemas do povo português, com a consequente indispensabilidade de um projecto económico que congregue a adesão das massas trabalhadoras; defesa da independência nacional e desenvolvimento de relações amistosas com todos os povos e particularmente com os novos países africanos nascidos da descolonização portuguesa e unidade das Forças Armadas como garantes da democracia e da paz.

E conclui o manifesto:

« Sem menosprezo das razões que têm impedido o general Costa Gomes de dar até ao presente a aceitação à apresentação da sua candidatura, não quer e não pode esta Comissão Nacional deixar de manifestar publicamente, em nome dos milhares de democratas que acorreram ao seu apelo, quanto à candidatura do general Costa Gomes se afigura indispensável como garantia de uma irreversível democratização do processo político português, com o cumprimento da proposta de transição para o socialismo consagrada na Constituição.

Crendo esta Comissão Nacional, pelo exposto, que os portugueses não deixarão de reconhecer que o general Costa Gomes se apresenta, nesta conjuntura, como a personalidade mais capaz de possibilitar a concretização daqueles objectivos, faz por este meio um solene apelo ao povo português e ao próprio general Costa Gomes, no sentido de que se concretize esta candidatura, que sem dúvida corresponde aos anseios do povo português e melhor serve os seus interesses.»

Costa Gomes recebeu Álvaro Cunhal

. O Presidente da República, general Costa Gomes, concedeu esta manhã uma audiência ao secretário-geral do P. C. P. dr. Álvaro Cunhal.

À saída do Palácio de Belém, onde esteve durante cerca de uma hora e um quarto, Álvaro Cunhal declarou aos jornalistas que a audiência nada ti... apenas — disse — de uma troca de impressões com o senhor Presidente da República acerca da actual situação.

—Foi, repito, uma simples troca de impressões sobre a situação política — sublinhou o dirigente do P. C. P., que declarou ainda não desejar fazer quaisquer considerações

O MISTÉRIO DO TEATRO

Ao cabo de mais de dez anos de laboriosas tarefas de reconstrução, parece que finalmente o teatro chamado ainda de D. Maria II está apto a retomar a actividade. Em que termos o vai fazer é que não se sabe. Paira a esse respeito um denso e perturbador mistério.

Houve uma comissão consultiva para as actividades teatrais que funcionou no Ministério da Comunicação Social até ao advento do VI Governo. Nela estavam democraticumente representados todos os organismo com interferência na vida teatral — actores, encenadores, autores, técnicos, críticos. Essa comissão elaborou um projecto de Lei de Teatro em que o funcionamento daquela sala de espectáculos era regulado por forma a corresponder aos fins de «serviço público» que a lei assinalava ao teatro.

Este projecto foi larga e publicamente discutido — e eis que de repente parece ter-se sumido em não se sabe que fundo de gaveta ministerial...

Será que esse misterioso sumiço implicará que as decisões relativas ao futuro Teatro Nacional — que deverá ser o teatro de todos nós — vão passar a ser, como nos velhos tempos, obra de um só e não daqueles que o fazem e a quem o Teatro se destina?

. Pergunta quem pode. Responde quem deve.

PORTUGAL E ANGOLA

Continuação da pág. 1

cientes de Angola tambem pensam o mesmo.»

. E ciente das realidades presentes:

. «É evidente, no entanto, que existe a interferência de outras forças, de outros interesses, de determinados grupos, que nos colocam — a todos aqueles que de boa-fé procuram prosseguir uma política de bom entendimento e de boas relações — em situações por vezes difíceis.»

. Melo Antunes diria ainda que competiria aos angolanos dar os primeiros passos para que a normalização entre os dois países se tornasse uma realidade.

GISCARD E FORD DISCUTIRAM ANGOLA

NOVA IORQUE, 24

Em entrevista concedida a uma rede de Televisão norte-americana, gravada na passada quinta-feira e transmitida ontem, Giscard indicou que eram dois os propósitos da sua recente visita aos Estados Unidos: primeiro, a «discussão franca de problemas actuais como a situação no Líbano e o futuro de África, a situação em Angola e algumas questões